**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA DO
PORTUGUÊS**

**Estudo histórico do gerúndio em língua portuguesa, em
contraste com outras línguas românicas (versão corrigida)**

Rogério Augusto Monteiro Cardoso

São Paulo
2018

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA DO
PORTUGUÊS**

**Estudo histórico do gerúndio em língua portuguesa, em
contraste com outras línguas românicas (versão corrigida)**

Rogério Augusto Monteiro Cardoso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia do Português, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de
Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Ce CARDOSO, Rogério Augusto Monteiro Cardoso
Estudo histórico do gerúndio em língua portuguesa,
em contraste com outras línguas românicas / Rogério
Augusto Monteiro Cardoso CARDOSO ; orientador Mário
Eduardo Viaro VIARO. - São Paulo, 2019.
120 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua
Portuguesa.

1. Filologia. 2. Linguística diacrônica. 3.
Português arcaico. 4. Gerúndio. I. VIARO, Mário
Eduardo Viaro, orient. II. Título.

fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Rogério Augusto Monteiro Cardoso

Data da defesa: __05__ / __02__ / __2019__

Nome do Prof. (a) orientador (a): Mário Eduardo Viaro

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, __03__ / __04__ / __2019__

(Assinatura do (a) orientador (a))

*Aos mestres Antônio Vilela, António
Guimarães e Grace Bandeira, que me
instruíram nas letras.*

*Murim mai bine-n luptă, cu glorie deplină,
Decât să fim sclavi iarăși, în vechiul nost'
pământ.*

*“É melhor morrerem em luta, cobertos de
glória, do que sermos escravos novamente em
nossa velha terra.”*

(Trecho do hino romeno).

Agradecimentos

Deixo meus sinceros agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), das quais recebi bolsa de fluxo contínuo (n.º do processo 2017/07146-1) e sem cujo auxílio estaria eu impossibilitado de levar a cabo esta dissertação de mestrado. Dirijo agradecimentos igualmente sinceros ao orientador e amigo Mário Eduardo Viaro, cujos doutos apontamentos instruíram a pesquisa, a meus pais, Sérgio Augusto Pinto Cardoso e Loraine Galvão Monteiro Cardoso, a meus parentes e amigos, que, desta ou daquela maneira, sempre me ajudaram a seguir em frente, seja com bons conselhos, seja com singelas palavras amigas.

Resumo

Esta dissertação objetiva descrever diacronicamente o gerúndio, desde o latim até o português arcaico, a fim de apontar como e quando suas funções foram ampliadas à custa do particípio presente. Para levar a pesquisa a cabo, recorreu-se a dois difundidos métodos da Linguística Diacrônica: o método de análise documental indutiva e o método histórico-comparativo. O primeiro consiste em analisar traços e fenômenos linguísticos diretamente nos textos antigos para, ao cabo, sistematizar e interpretar os dados analisados. O segundo, mais teórico e mais abstrato, consiste em reconstruir traços de uma língua ancestral por meio da comparação indutiva de traços das línguas descendentes. Esta pesquisa consta de cinco *corpora* – três de textos latinos e dois de textos portugueses medievais –, nos quais se analisam não só o gerúndio, como também o particípio presente. Os *corpora* são estes: 1) *Antología del Latín Vulgar*, de Díaz e Díaz (1962); 2) *Glosas Emilianenses*, *Glosas Silenses* e documentos privados ibéricos, coligidos em Pidal (1950); 3) *Os documentos do Tombo de Toxos Outos*, de Pérez Rodríguez (2004); 4) 150 cantigas portuguesas de escárnio e maldizer; 5) *Um Flos Sanctorum Trecentista*, de Machado Filho (2009). Para a aplicação do método histórico-comparativo, recorre-se ao português e às outras quatro línguas neolatinas majoritárias: francês, italiano, castelhano e romeno. Os resultados mostram que a disputa entre o gerúndio e o particípio presente já ocorria desde os primeiros momentos da literatura latina, até que, por volta do século II d.C., antes de a relativa unidade do latim se romper, o gerúndio o sobrepujasse no latim popular.

Palavras-chave: Filologia, Linguística Diacrônica, Português Arcaico, Gerúndio, Particípio presente.

Abstract

This dissertation aims to describe diachronically the gerund, from Latin to Old Portuguese, in order to point out how and when its functions were enlarged at the expense of the present participle. In order to conduct this research, two diffused methods of Diachronic Linguistics were used: the method of inductive documental analysis and the historical-comparative method. The first consists in analyzing linguistic features and phenomena directly in the old texts in order to systematize and interpret the analyzed data. The second, more theoretical and more abstract, consists in reconstructing features of an ancestral language by the inductive comparison of features of the descendant languages. This research consists of five *corpora* – three of Latin texts and two of Portuguese medieval texts –, in which the gerund, as well as the present participle, are analyzed. The *corpora* are these: 1) *Antología del Latín Vulgar*, by Díaz y Díaz (1962); 2) *Glosas Emilianenses*, *Glosas Silenses* and private Iberian documents, collected in Pidal (1950); 3) *Os documentos do Tombo de Toxos Outos*, of Pérez Rodríguez (2004); 4) 150 Portuguese derision and cursing poems; 5) *Um Flos Sanctorum Trecentista*, by Machado Filho (2009). For the application of the historical-comparative method, the Portuguese and the other four Neo-Latin languages are used: French, Italian, Castilian and Romanian. The results show that the dispute between the gerund and the present participle had already taken place from the earliest moments of Latin literature, until, by the second century AD, before the relative unity of Latin broke, the gerund had surpassed it in popular Latin.

Key-words: Philology, Diachronic Linguistics, Old Portuguese, Gerund, Present Participle.

Índice de tabelas

Tabela 1 – Os gerúndios e o particípio presente de <i>fero, fers, tuli, latum</i>	14
Tabela 2 – A “declinação” de <i>fero, fers, tuli, latum</i>	15
Tabela 3 – A declinação do particípio presente no francês antigo	77
Tabela 4 – Os empregos do gerúndio nas fases arcaicas das línguas românicas	97

Índice de figuras

Figura 1 – A fragmentação do protorromance	7
Figura 2 – A Área Românica na Europa	73

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. ESCLARECIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	3
1.1 Análise documental indutiva	4
1.2 O método histórico-comparativo	7
1.3 A questão da transmissão e suas implicações metodológicas	10
1.4 A seleção dos <i>corpora</i>	12
2. OS GERÚNDIOS LATINOS E O PARTICÍPIO PRESENTE	13
2.1 Aspectos gerais dos gerúndios e do particípio presente	13
2.2 Empregos dos gerúndios latinos	15
2.2.1 Empregos do gerúndio genitivo	15
2.2.2 Empregos do gerúndio dativo	16
2.2.3 Empregos do gerúndio ablativo	16
2.2.4 Empregos do gerúndio acusativo	17
2.2.5 Considerações sobre o gerundivo	18
2.3 Empregos do particípio presente	21
2.3.1 Principais empregos do particípio presente	21
2.3.2 Outras considerações sobre o particípio presente	22
3. A ANÁLISE INDUTIVA DOS TEXTOS DOS <i>CORPORA</i>	24
3.1 <i>Antología del Latín Vulgar</i>	24
3.1.1 Descrição geral	24
3.1.2 O gerúndio ablativo na <i>Antología del Latín Vulgar</i>	26
3.1.3 O particípio presente na <i>Antología del Latín Vulgar</i>	28
3.2 <i>Glosas Emilianenses</i> , <i>Glosas Silenses</i> e documentos privados ibéricos	33
3.2.1 Descrição geral	33
3.2.2 O gerúndio ablativo nas <i>Glosas Emilianenses</i> e nas <i>Silenses</i>	36
3.2.3 O particípio presente nas <i>Glosas Emilianenses</i> e nas <i>Silenses</i>	38
3.2.4 O gerúndio ablativo nos documentos privados ibéricos	41
3.2.5 O particípio presente nos documentos privados ibéricos	43

3.3 Os documentos do tombo de Tojos Outos.....	45
3.3.1 Descrição geral.....	45
3.3.2 O gerúndio ablativo n’ <i>Os Documentos do tombo de Tojos Outos</i>	48
3.3.3 O particípio presente n’ <i>Os documentos do tombo de Tojos Outos</i>	50
3.3.3.1 Particípios presentes “protocolares”	50
3.3.3.2 Os demais particípios presentes	52
3.4 As cantigas medievais portuguesas	53
3.4.1. Descrição geral.....	53
3.4.2. O gerúndio nas cantigas medievais	55
3.4.3 O particípio presente nas cantigas medievais	58
3.5 Um <i>Flos Sanctorum</i> trecentista em português.....	59
3.5.1 Descrição geral.....	59
3.5.2 O gerúndio no <i>Flos Sanctorum</i>	61
3.5.3 O particípio presente no <i>Flos Sanctorum</i>	66
3.6 Resumo do capítulo 3	68
 4. A RECONSTRUÇÃO COMPARATIVA DAS FUNÇÕES DO GERÚNDIO ABLATIVO.....	 71
4.1 O gerúndio na România Ocidental.....	72
4.1.1 Particularidades históricas da România Ocidental.....	72
4.1.2 O gerúndio no francês antigo	77
4.1.3 O gerúndio no italiano antigo	82
4.1.4 O gerúndio no castelhano antigo.....	86
4.2 O gerúndio na România Oriental	90
4.2.1 Particularidades históricas da România Oriental	90
4.2.2 O gerúndio no romeno antigo	93
4.3 A aplicação do método histórico-comparativo	96
 5. UMA PROPOSTA DE NARRATIVA DIACRÔNICA: certezas e incertezas.....	 98
 REFERÊNCIAS	 104

Índice de símbolos

$x > y$	uma unidade linguística x se transforma numa unidade linguística y
$x < y$	uma unidade linguística x provém de uma unidade linguística y
$x \rightarrow y$	uma unidade linguística x deriva morfológicamente uma unidade y
$x \leftarrow y$	uma unidade linguística x é derivação morfológica de uma unidade y
$*x$	a unidade linguística x é uma reconstrução hipotética

INTRODUÇÃO

O gerúndio (do latim *gerundus*¹, antigo particípio futuro passivo de *gerĕre*, com sentido de “aquilo que se deve levar a cabo”) é, ao lado do infinitivo presente e do particípio passado, uma das poucas formas nominais do verbo que o português e as outras línguas românicas herdaram do latim. Com efeito, algumas formas nominais latinas desapareceram ainda em fase muito antiga, sem deixar vestígios evidentes nas línguas modernas, a exemplo do infinitivo presente passivo e do infinitivo pretérito, *e.g. amari* (“ser amado”) e *amavisse* (“ter amado”). Outras deixaram vestígios indeléveis em termos petrificados ou eruditos; é o caso do particípio presente, do particípio futuro ativo e do particípio futuro passivo, de que são exemplos muitas palavras portuguesas como *amante*, *nascituro* e *agenda* respectivamente. Por seu turno, o gerúndio português – e, por extensão, seus correspondentes românicos – tem uma trajetória *sui generis*, uma vez que a notável ampliação de usos gerundiais se deu pelo desaparecimento de outra forma nominal latina, o particípio presente, de quem ele herdou funções muito diversificadas. Destarte, qualquer proposta de descrição diacrônica do gerúndio, no período que se estende do latim ao português arcaico, tem de necessariamente enfatizar a disputa entre essas duas formas nominais e a posterior prevalência do gerúndio sobre o particípio presente.

O gerúndio português provém do gerúndio **ablativo** latino, que originalmente compunha, ao lado do infinitivo presente e de outros três gerúndios, um complexo quadro de formas nominais que se desmanchou nos últimos séculos do Império Romano. Conforme se verá de modo mais pormenorizado no corpo desta dissertação, o infinitivo fazia as vezes de uma forma nominativa dos verbos latinos analogamente às flexões de caso dos substantivos, ao passo que os quatro gerúndios – genitivo, dativo, ablativo e acusativo – seriam suas formas oblíquas (CAMPOS, 1980). Como é sabido, apenas o ablativo dentre estes sobreviveu ao drástico rearranjo do quadro de formas nominais latinas. Os outros três gerúndios supracitados desapareceram sem deixar grandes vestígios na família românica e foram substituídos por combinações de preposição com infinitivo.

Assim, esta dissertação objetiva descrever a história do gerúndio ablativo, a fim de verificar como e quando os seus empregos foram ampliados nesse ínterim que se estende

¹ O aparecimento da semivogal *i* em *gerundium* é uma possível analogia com *participium* (ERNOUT; MEILLET, 2001).

desde os primeiros séculos da Era Cristã até o século XIV. Infelizmente, poucas obras clássicas da Filologia e da Linguística Histórica dão ao tema uma profundidade desejável. Em geral, elas dedicam ao gerúndio ablativo não mais do que poucas páginas ou parágrafos, limitando-se a dizer que ele é o único remanescente nas línguas modernas e que tomou aos poucos as funções do participio presente. Não há, na maioria das vezes, uma descrição mais elucidativa da substituição gradual de um pelo outro, tampouco há uma estimativa de quando o processo teria se generalizado na România.

Para levar tal empresa a cabo, lança-se mão de dois métodos: 1) o **método de análise documental indutiva**, que aqui consiste em analisar os usos gerundiais diretamente nos textos latinos e nos textos portugueses medievais; 2) o **método histórico-comparativo**, com o qual se busca reconstruir indutivamente os antigos usos gerundiais, com base na comparação das línguas românicas. Ao longo do processo, há o respaldo indispensável de autores da Filologia e da Linguística Diacrônica, com singular destaque para Campos (1980), Maurer Jr. (1951, 1959, 1962) e Odette Altmann (1966), em cujos trabalhos mais se encontraram informações concernentes ao tema.

Esta dissertação se divide em cinco capítulos.

No capítulo 1, há os esclarecimentos teóricos e metodológicos necessários à compreensão do texto. Evidentemente, seria despropositado tecer extensas e exaustivas linhas acerca da longa trajetória da Filologia, da Linguística Histórica, da Linguística Diacrônica, das respectivas vertentes ou dos respectivos conceitos. Nele, pretende-se apenas descrever os dois métodos já mencionados e os *corpora* da pesquisa, bem como as justificativas teórico-metodológicas que orientaram a seleção dos textos para análise. Dessa forma, há uma seção para o método analítico, uma para o método histórico-comparativo, uma para a delicada questão da transmissão na diacronia e, por fim, uma para os critérios de seleção dos *corpora*.

No Capítulo 2, há uma breve apresentação dos gerúndios latinos e do participio presente. O propósito aqui é elencar alguns aspectos morfológicos gerais das duas formas nominais e as respectivas funções em sentenças latinas, antes de dar efetivo início à análise dos textos.

No capítulo 3, enfim, dá-se início à análise indutiva dos dados linguísticos oriundos dos cinco *corpora* selecionados. A cada um destes dedica-se uma seção, e cada seção se

subdivide em três partes: uma para a descrição **individual** e **geral** do *corpus* e dos textos que o compõem; uma para o estudo analítico dos empregos do gerúndio; e outra para o estudo analítico dos empregos do particípio presente. Os cinco *corpora* selecionados são a 1) a *Antología del Latín Vulgar* (Díaz y Díaz, 1962); 2) as *Glosas Emilianenses*, as *Silenses* e documentos privados ibéricos (*in* PIDAL, 1950); 3) *Os documentos do Tombo de Toxos Outos*; 4) 150 cantigas medievais portuguesas; 5) *Um Flos Sanctorum trecentista em português* (MACHADO FILHO, 2009). Os três primeiros *corpora* são de textos latinos, e os dois últimos, de textos portugueses arcaicos.

No capítulo 4, há a reconstrução histórico-comparativa dos usos gerundiais feita com base nas línguas da família românica. Este capítulo se divide em três partes: na primeira, há algumas considerações históricas sobre as línguas majoritárias da România Ocidental – francês, castelhano e italiano – e o levantamento qualitativo de usos gerundiais em cada uma delas, em seções individuais; na segunda, há algumas considerações históricas sobre o papel singular do romeno na Filologia Românica e o levantamento qualitativo de usos gerundiais na referida língua; na terceira, por fim, há a efetiva aplicação do método histórico-comparativo e a apresentação de seus produtos hipotéticos.

No capítulo 5, propõe-se uma narrativa diacrônica acerca do gerúndio e do drástico rearranjo do quadro de flexões nominais por que passou o latim durante a sua ramificação nos dialetos românicos. Por fim, as referências.

1. ESCLARECIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A Linguística Histórica e a Linguística Diacrônica se propõem a explicar (ou interpretar), cada uma à sua maneira, o modo pelo qual as línguas mudam ao longo de gerações². De modo sucinto, a primeira se debruça sobre os fatores externos ao processo de mudança linguística, como a história, a política e a cultura, e a segunda, sobre os fatores internos, que remetem aos níveis fonético, morfológico, sintático ou semântico-lexical (SILVA, 2008). No entanto, tal divisão, nem sempre seguida à risca nos meios acadêmicos, é meramente teórica e, em geral, não cria óbices a que o pesquisador recorra às duas

² Convém lembrar que nem todo estudo da fase pretérita de uma língua é necessariamente diacrônico. Tratar-se-á de estudo diacrônico se houver alguma ênfase no processo de mudança linguística temporal, conforme sugere a própria etimologia do termo *diacrônico* (διά = através de; χρόνος = tempo); se, ao contrário, o estudo remeter a uma única fase pretérita da língua, na forma de um único recorte temporal, tratar-se-á de estudo sincrônico.

vertentes nos seus trabalhos. Esta dissertação, conforme seu tema já o indica, concentra-se na denominada Linguística Diacrônica, mas isso não impediu que argumentos de história externa fossem aqui aduzidos para tentar explicar a trajetória do gerúndio ablativo no mundo românico.

Em verdade, o grande desafio do linguista histórico ou diacrônico é fazer pesquisas sem a possibilidade de observação empírica da língua de falantes antigos, deixando-o restrito ao que os documentos escritos, nem sempre tão fidedignos, têm a lhe oferecer. Isso remete à metafórica e muito elucidativa definição de Linguística Histórica proposta pelo sociolinguista norte-americano William Labov, segundo o qual ela é “a arte de fazer o melhor uso de maus dados” (SILVA, 2008). Para transpor esse empecilho, deve o pesquisador lançar mão de qualquer método que esteja ao seu alcance, a fim de assegurar maior confiabilidade aos seus resultados (MAURER Jr., 1962). Os dois métodos selecionados para esta dissertação, segundo já se antecipou, são a **análise documental indutiva** e o **método histórico-comparativo**, que são os mais difundidos desde a fase áurea da Filologia oitocentista.

1.1 Análise documental indutiva

O método de análise documental indutiva consiste em analisar diretamente os documentos antigos, com o propósito de extrair deles os dados linguísticos de que se está à procura. Devido à impossibilidade de fazer observações empíricas de falares pretéritos, é inevitável que o linguista histórico se veja obrigado a recorrer a registros escritos. De fato, sem o grande acervo de textos latinos a que hoje se tem acesso, desde curtas inscrições tumulares até as obras dos clássicos, os esforços de romanistas renomados como Friedrich Diez e Meyer-Lübke teriam sido decerto muito menos frutíferos. Se, por um lado, o método de análise documental indutiva proporciona aos seus utentes uma forma mais concreta de operar com a língua, por outro, ele pode conduzi-los ou a resultados nulos, ou a resultados espúrios.

O método em questão é obviamente incapaz de gerar qualquer resultado positivo quando é aplicado a línguas que não tenham uma tradição escrita. É o caso, por exemplo, de línguas ancestrais como o protoindo-europeu e o protossemítico, cuja existência só pôde ser inferida por meio do método histórico-comparativo, tema da seção seguinte.

A outra adversidade com que o linguista histórico – sobretudo o romanista – pode se deparar e ante a qual precisa ter grande cautela diz respeito à possibilidade de que os documentos escritos **não** retratem de modo fidedigno a fase pretérita de uma língua. É o caso de boa parte dos textos latinos chegados aos dias atuais. Por mais conhecido que seja o latim literário de Cícero, de César, de Ovídio e de Virgílio, suas obras **não** retratam precisamente o latim comum e popular de cuja ramificação se teriam originado os dialetos românicos. Essa divisão binária e superficial das modalidades do latim – literário e popular – não está isenta de críticas bem fundamentadas³, mas ela serve aos propósitos heurísticos desta dissertação e encontra decerto um bom respaldo entre nomes proeminentes da área, conforme as citações abaixo:

Alle haben ihre erste und vornehmste Quelle in der lateinischen. Aber nicht aus dem classischen Latein, dessen sich die Schriftsteller bedienten, flossen sie, sondern, wie schon vielfach und mit Recht behauptet worden, aus der römischen Volkssprache, welchen neben dem classischen Latein im Gebrauche war.[...] Ihr Dasein aber ist eine Sache, die so wenig eines Beweises bedarf, daß man vielmehr für das Gegentheil als eine Ausnahme von der Regel Beweise zu verlangen berechtigt wäre. (DIEZ, p. 3, 1856)⁴

Não é da língua cultíssima de Cícero e de César, os deuses maiores da prosa clássica, que as línguas românicas procedem e muito menos da linguagem poética, sublimada, de Horácio, Catulo, Vergílio. É do latim falado por todas as classes, mas sobretudo pelo verdadeiro povo; do *latim de conversação* despreocupada, com fins meramente práticos, sociais, como instrumento de comércio, de pessoa a pessoa, que elas procedem indubitavelmente. (VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *Lições de Filologia Portuguesa*, p.10, grifos da autora).

Outro fato de que todo romanista deve ter conhecimento é: **não há textos escritos completa e propositadamente na língua popular**. Os textos latinos ditos “vulgares”⁵ dos quais se tiraram excertos para esta pesquisa representam, no máximo, uma imagem imperfeita dos falares do tempo em que foram redigidos. Com efeito, qualquer indivíduo de

³ Silva Neto (2004) já reconhecia que o latim possuía muitos matizes - definidos por época, classe social, origem geográfica, *etc.* -, mas que seria impossível reconstituir individualmente esses matizes com os dados disponíveis.

⁴ Tradução de Maurer Jr. (p.12, 1962): “Todas [as línguas românicas] têm a sua primeira e mais importante fonte no latim, mas não é do latim clássico empregado pelos autores que elas surgiram, mas, como já se disse muitas vezes com razão, do dialeto popular dos romanos, que era usado ao lado do latim clássico... A existência [desse latim] é um fato que tem tão pouca necessidade de provas, que se poderia antes exigir prova para a afirmação contrária”.

⁵ Silva Neto (2004) e outros tantos estudiosos da área condenam o uso do polissêmico termo “vulgar” para designar modalidades de latim. Além da inconveniente polissemia, muitos autores se apropriaram indevidamente da denominação “latim vulgar” e a conceituaram de maneiras muito distintas, tornando-a demasiado vaga e imprecisa. Sugere o filólogo brasileiro denominações como *latim usual*, *corrente*, *cotidiano* ou *de conversação*. Aqui na pesquisa, utiliza-se *latim popular* ou *corrente*.

classe média ou baixa que soubesse escrever o teria aprendido com base nos modelos cultos do latim e se esforçaria para imitá-los, não obstante uma parca formação literária (MAURER Jr., 1962). Em verdade, os textos coligidos nos *corpora* latinos têm muito de latim culto e possuem maior ou menor receptividade aos vulgarismos, a depender do grau de instrução do redator e do gênero textual. Silva Neto (2004), ilustre filólogo brasileiro e defensor do método de análise documental, assim comenta essas dificuldades:

O caráter de língua falada inerente ao latim vulgar causa-nos grande dificuldade. Temos de reconstituí-lo com destroços de informações dos gramáticos, descuidos dos lapicidas e de alguns escritores, dados fornecidos, *a posteriori*, pelas línguas românicas, etc. (SILVA NETO, 2004, p. 40).

Estas poucas linhas do autor reforçam a necessidade de tentar lançar mão de mais de um método quando for possível, pois a análise incauta de fontes escritas pode conduzir o romanista a resultados espúrios. Conforme se verá adiante, muitos textos latinos tardios ou medievais constantes na *Antología del Latín Vulgar* (DÍAZ Y DÍAZ, 1962) empregam várias vezes o particípio presente, mas, ao contrário do que sugere essa constatação, é muito provável que tal forma nominal tenha caído em desuso na língua popular antes mesmo da queda do Império Romano do Ocidente.

Em suma, o método de análise documental indutiva será utilizado nesta dissertação para coletar exemplos qualitativos das funções do gerúndio e do particípio presente, com o propósito de verificar se, nos textos dos *corpora*, há evidências materiais da substituição de uma forma nominal pela outra. As categorias funcionais selecionadas para classificar as orações gerundiais e as participiais seguem critérios e terminologias sintáticos conhecidos, no âmbito da subordinação e da coordenação. Como é sabido, as orações subordinadas se dividem em: substantiva, adjetiva (que, nesta dissertação, inclui as atributivas e as predicativas com verbo de percepção) e adverbial (também chamada de circunstancial). No caso das orações subordinadas adverbiais e das coordenadas, indicar-se-á também a sua subclassificação semântica: modal, temporal, concessiva, aditiva, *etc.* Os resultados obtidos por este método serão depois confrontados com os resultados obtidos pelo método histórico-comparativo e com as próprias referências teóricas da dissertação.

1.2 O método histórico-comparativo

O método histórico-comparativo veio a lume no século XIX e ocupa ainda hoje um lugar seletivo nas pesquisas em Linguística Histórica ou Diacrônica. Seu cerne está no pensamento basilar de que todas as línguas geneticamente aparentadas provêm de uma única fonte comum sobre a qual, muitas vezes, pode não haver conhecimento direto (FOX, 1995). É o caso do protoindo-europeu, do protossemítico e de outras tantas línguas ancestrais não documentadas após cujas sucessivas divisões surgiram as línguas ditas descendentes. O latim, por exemplo, é um dos inúmeros **descendentes** do protoindo-europeu e, ao mesmo tempo, a **fonte comum** das línguas românicas. Abaixo, a árvore genealógica (*Stammbaum*) proposta pelos comparatistas, em que se observa a fragmentação do *protorromance*⁶:

Figura 1 – A fragmentação do protorromance

Fonte: Campbell (2000). Historical Linguistics: an introduction (adaptado).

O método histórico-comparativo tem papel profícuo no processo de reconstrução linguística, que, segundo Fox (1995), “may therefore become not merely a tool in the historical analysis of languages but the goal of this analysis⁷.” (FOX, 1995, p.3). Em linhas gerais, a reconstrução linguística pode ser um instrumento (*tool*) que corrobore possíveis

⁶ Chama-se *protorromance* à língua hipotética resultante da aplicação do método comparativo às línguas românicas (FOX, 1995). O *protorromance* não deve ser tratado como sinônimo de *latim vulgar* ou *latim popular* porque, enquanto este é tratado como a língua viva do povo romano, ou seja, um objeto histórico, aquele é apenas um construto teórico. Para mais detalhes acerca dessa delicada questão conceitual, veja-se Coleman (1993).

⁷ “[a reconstrução linguística] pode então tornar-se não um mero instrumento na análise histórica de línguas, mas a meta dessa análise.” (tradução nossa).

parentescos entre línguas geneticamente afins, ou pode ser ela própria a meta (*goal*) de pesquisadores que queiram reconstruir as feições de uma língua ancestral, até onde lhes for possível fazê-lo. Esta pesquisa se enquadra neste último caso, uma vez que o objetivo aqui não é comprovar parentescos linguísticos, mas tentar reconstruir os empregos gerundiais protorromânicos.

Maurer Jr. (1962) assevera que o método histórico-comparativo é a fonte mais confiável para o conhecimento do latim popular. Por meio dele, é possível deduzir a ocorrência de fenômenos linguísticos que talvez nunca tenham aparecido em nenhum documento latino do fim do Império ou do início da Idade Média. Um bom exemplo de vulgarismo não documentado, segundo o autor e outros romanistas, é a queda da labial [b] intervocálica no pretérito imperfeito do indicativo da segunda e terceira conjugações latinas: *placebam* (latim) > *prazia* (português), *placía* (castelhano) e *plăceam* (romeno); *faciebam* (latim) > *fazia* (português), *hacía* (castelhano) e *făceam* (romeno).

Em nível lexical, é possível deduzir a existência do verbo **acutiare*, derivado de *acuĕre* (“afiar”), ainda que tal forma não tenha sido encontrada por escrito. Basta comparar os seus correspondentes românicos modernos e verificar, pela aplicação retroativa das tendências⁸ fonéticas de cada língua, que todas apontam para esse mesmo étimo hipotético: *aguçar* (português), *aguzar* (castelhano), *aiguiser* (francês), *aguzzare* (italiano). No caso do português, houve a regular sonorização da oclusiva surda intervocálica ([k] > [g]), a regular sibilização da oclusiva dental [t] seguida de semivogal iode ([tj] > [s]) e, por fim, a generalizada apócope da vogal dos infinitivos.

Por outro lado, o mesmo Maurer Jr. (1962) e o já mencionado Silva Neto (2004) são críticos tenazes do ufanismo que levou os primeiros comparatistas a superestimarem o próprio método e a se julgarem aptos a reconstruir qualquer feição do latim corrente. August Schleicher, renomado indo-europeísta do século XIX, foi mais além e se julgou apto a escrever uma fábula em protoindo-europeu. Maurer Jr. (1962) assim os contestou:

A esperança fantástica de desenterrar uma língua extinta da poeira do passado pelo método comparativo pertence à infância da ciência linguística, à época em que alguns dos seus mestres mais entusiastas pretendiam escrever em indo-europeu. (MAURER Jr., 1962, p. 45).

Silva Neto (2004) foi mais incisivo e os contestou com algum menoscabo:

⁸ Optou-se por empregar o termo *tendências fonéticas*, em vez de *leis fonéticas*, pois estas, na prática, não são tão precisas e sistemáticas para serem consideradas leis.

E depois sempre se apresentou um “latim vulgar” atópico e acrônico, isto é, com abstração de lugar e de tempo. Assim considerado, ele, afinal de contas, ficava sendo um fantasma, uma língua artificial. Era um manequim a serviço dos romanistas que, com ele (feito à sua vontade e de acordo com as suas necessidades) explicavam os fatos românicos. (SILVA NETO, 2004, p. 39).

Fox (1995) ressalta que as gerações posteriores de comparatistas superaram esse *modus operandi* ufanista e passaram a operar de forma mais criteriosa; porém, ainda assim, é preciso ter consciência de que o método histórico-comparativo possui evidentes limitações. Em primeiro lugar, os produtos do método comparativo são meramente hipotéticos, ou seja, não têm existência concreta e, em geral, não podem ser de todo comprovados. Em segundo lugar, ele pressupõe, erroneamente, a uniformidade da língua reconstruída, o que, do ponto de vista sociolinguístico, não seria plausível. Em terceiro lugar, ele não pode reconstruir unidades linguísticas ancestrais que tenham se perdido por completo nas línguas descendentes. Por exemplo, sem evidências documentais e sem o testemunho de gramáticos antigos, seria impossível recuperar a existência do imperativo futuro e do infinitivo pretérito latinos. Por derradeiro, ele não costuma ser tão frutífero na Sintaxe ou na Semântica quanto costuma sê-lo na Fonologia e na Morfologia, pois, afinal, é muito mais acessível reconstruir fonemas e morfemas, que são unidades linguísticas concretas e providas de uma imagem acústica, do que reconstruir padrões sintáticos e significados, que são elementos abstratos. Ademais, a reconstrução de padrões sintáticos impõe como condição *sine qua non* a reconstrução de sistemas inteiros, tendo em vista que as funções sintáticas não são unidades autônomas na língua. As mudanças de significado, por seu turno, são bem menos sistemáticas e bem menos previsíveis, o que, por si só, dificulta a aplicação do método histórico-comparativo nas questões semânticas (FOX, 1995).

A reconstrução por via comparativa tem, nesta pesquisa, o papel de recuperar os prováveis empregos do gerúndio ablativo na língua popular romana e de supor a época na qual ele teria incorporado as funções do particípio presente. Para tais intentos, pretende-se aqui comparar os usos gerundiais portugueses com os usos de outras línguas românicas, a fim de verificar semelhanças que apontem para uma origem comum.

1.3 A questão da transmissão e suas implicações metodológicas

Em Filologia, a **transmissão** remete ao modo pelo qual certa unidade linguística – morfema, lexema, construção sintática, *etc.* - foi transmitida de uma língua para outra. Entre uma língua antiga e suas descendentes, a exemplo do latim e do português, a transmissão de uma unidade linguística se dá por via **popular** quando esta é passada de geração em geração pelos seus falantes e se dá por via **culta, literária** ou **erudita** quando indivíduos letrados pinçam na língua antiga e trazem para o vernáculo os elementos que atendam às suas necessidades intelectuais ou estilísticas (MAURER Jr., 1951). Afinal, devido à origem plebeia dos dialetos românicos, era natural que faltassem ao português, à época de sua formação, vocabulário e construções mais técnicos ou refinados.

Em nível morfológico ou lexical, os pares divergentes são uma amostra cristalina dos dois tipos de transmissão e das respectivas características. Por exemplo, o adjetivo latino *planus*, *a*, *um* é o étimo de duas palavras portuguesas: *chão* e *plano*. A primeira se transmitiu por via popular, segundo demonstram as drásticas alterações fonéticas por que ela passou ao longo de muitas gerações de falantes: *planum* > *chão*; a segunda se transmitiu por via erudita, segundo demonstra a grande semelhança física com o étimo latino: *planus* > *plano*. Desse modo, as palavras *chão* e *plano*, por terem a mesma origem etimológica, formam um par divergente, sendo a primeira um termo popular (por isso, seu étimo se indica no caso acusativo), e a segunda um termo erudito (portanto, seu étimo se indica no nominativo). Pode haver ainda uma categoria intermediária alusiva às palavras eruditas que entraram na língua em época tão recuada que sobre elas chegaram a atuar alguns fenômenos fonéticos menos drásticos. O mesmo adjetivo *planus*, *a*, *um* é também o étimo do substantivo *porão*, que não é nem termo popular, nem erudito, mas semierudito: *planum* > *prão* (arcaico) > *porão*. Com base nisso, pode-se afirmar que o encontro consonantal latino *pl-* tendeu a palatizar-se em termos mais antigos ([pl] > [ʃ]) e a sofrer rotacismo em termos menos antigos ([pl] > [pr])⁹.

Em nível sintático, é igualmente possível a ocorrência de cultismos. Segundo Maurer Jr. (1959), o emprego de orações infinitivas como complemento de verbos declarativos é um decalque de estruturas latinas clássicas, já que a estrutura vernácula

⁹ No caso de *porão*, o encontro consonantal *pr* foi depois separado pela inserção de uma vogal, num processo chamado suarabácti (VIARO, 2011).

correspondente se constrói com conjunção integrante e verbo finito. Comparem-se as sentenças hipotéticas:

I – *Credo eum heri advenisse.*

II – Creio ter ele chegado ontem.

III – Creio que ele chegou ontem.

Em I, há a estrutura latina com sujeito acusativo (*eum*) e infinitivo pretérito (*advenisse*); em II, há a estrutura latina decalcada com um infinitivo composto (*ter chegado*), que traduz o latim *advenisse*, mas com um sujeito nominativo¹⁰ (*ele*, em vez do clítico *o*); em III, a estrutura portuguesa vernácula com conjunção integrante (*que*) e verbo finito (*chegou*).

Feitas todas essas considerações teóricas e mostrados os exemplos, cabe enfim questionar: quais são as **implicações metodológicas** da questão da transmissão sobre os dois métodos desta pesquisa? Em linhas gerais, o pesquisador incauto que ignorar a natureza popular ou erudita das unidades linguísticas está fadado a obter resultados errôneos tanto pelo método de análise documental quanto pelo método histórico-comparativo.

Ao analisar documentos do português medieval, é necessário saber de antemão que os empregos do particípio presente com valor verbal são meros latinismos, e não uma herança transmitida desde os tempos antigos (BRANDÃO, 1963). Sem essa informação prévia, poder-se-ia julgar inadvertidamente que o português herdou tanto o particípio presente quanto o gerúndio ablativo, o que decerto não corresponderia aos fatos e comprometeria toda a narrativa diacrônica.

O método histórico-comparativo, tal como se expôs na seção anterior, pressupõe que as unidades linguísticas selecionadas para o cotejo tenham se originado de uma única fonte comum sobre a qual tenha atuado um lento processo de ramificação por **via oral**. Como esse tipo de fenômeno ocorre de maneira vertical e diacrônica, de geração em geração, o método rechaça *in limine* os cultismos e os estrangeirismos¹¹, que, além de não fazerem parte da mutação natural e gradual da língua, são antes fenômenos sincrônicos do

¹⁰ Os verbos causativos e os sensitivos, ao contrário dos declarativos, exigem sujeito acusativo na oração infinitiva - ao menos na modalidade gramatical culta: *deixei-o sair*, *vi-o sair*, etc.

¹¹ Em essência, tanto o cultismo quanto o estrangeirismo são formas de empréstimo linguístico. O primeiro consiste em buscar termos numa língua antiga de prestígio como o latim ou o grego, e o segundo, em buscar termos de línguas estrangeiras em geral (inglês, francês, italiano, japonês, etc.).

que diacrônicos (FOX, 1995). Portanto, antes de aplicar o método histórico-comparativo aos diversos usos gerundiais românicos, é preciso tentar averiguar se todos estes são de fato uma herança latina, pois a inclusão de eventuais decalques sintáticos ou de empréstimos no cotejo falsearia os resultados.

1.4 A seleção dos *corpora*

A seleção dos cinco *corpora* da pesquisa seguiu dois critérios: 1) o **qualitativo**, pelo qual se buscaram textos que pudessem prover boas e suficientes evidências acerca dos fenômenos estudados; e 2) o **cronológico**, pelo qual se escolheram escritos cuja datação se estendesse desde os primeiros séculos da Era Cristã até a ascensão da prosa portuguesa medieval em meados do século XIV.

Conforme se expôs nas seções anteriores, o português e as demais línguas românicas não provieram do latim polido dos clássicos, mas do latim diário falado pelo povo romano, a que muitos romanistas davam a vaga denominação de *latim vulgar*. Não havendo textos escritos propositadamente nessa modalidade plebeia, é natural que os *corpora* latinos imponham muitas dificuldades a quem pretenda extrair deles os chamados *vulgarismos*, ou seja, as marcas linguísticas inerentes ao falar prosaico (MAURER Jr., 1962). Em verdade, seria sensato afirmar que os textos latinos chegados até os nossos dias se distribuem ao longo de um *continuum* em cujas extremidades estão, de um lado, os textos mais afeitos aos vulgarismos e, do lado oposto, os mais refratários a essas marcas linguísticas. Portanto, mesmo o latim estropiado dos merovíngios ou de tabeliões pouco instruídos apresenta muitos traços clássicos, ao passo que as ilustres obras ciceronianas podem deixar escapar um ou outro vulgarismo^{12 13}.

Os três *corpora* latinos foram selecionados consoante essas considerações preliminares. A *Antología del latín vulgar* (DÍAZ Y DÍAZ, 1962) colige textos de vários gêneros, de vários lugares e de várias épocas, mais precisamente do século I d.C. ao IX. Embora esses textos não tenham sido de fato escritos na língua popular romana, tal como o

¹² Cícero, em *De Oratore*, usa um artigo indefinido, embora esta classe gramatical formalmente inexistisse no latim literário: “Sicut **unus** pater famílias his de rebus loquor” (*i.e.* Falo dessas coisas como **um** pai de família) (BASSETTO, 2013, vol. 1, p. 95).

¹³ Convém ressaltar que nem todo traço linguístico destoante da polidez dos clássicos é necessariamente um vulgarismo, cuja confirmação, aliás, se pode obter verificando a sua frequência em autores menos instruídos e constatando a sua existência nas línguas românicas. Caso contrário, pode tratar-se de um “erro” ou de um desvio ocasional do próprio texto.

título da antologia o sugere, não há dúvida de que esse multifacetado material oferece extensa relação de fenômenos tipicamente românicos. As *Glosas Emilianenses*, as *Glosas Silenses* e a pequena relação de documentos privados coligidos em Pidal (1950) englobam os séculos X e XI e também trazem muitos fenômenos românicos específicos à Península Ibérica. Por fim, *Os documentos do Tombo de Toxos Outos* (PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004) reúnem centenas de documentos privados oriundos da Galiza e das adjacências cuja datação engloba sobremaneira os séculos XII e XIII.

Os dois *corpora* do português arcaico são: 1) 150 cantigas de escárnio e de maldizer do século XIII tiradas do *Corpus Informatizado do Português Medieval*¹⁴ e 2) o livro *Um Flos Sanctorum trecentista em português* (MACHADO FILHO, 2009), que compila, numa edição semidiplomática e interpretativa, inúmeros textos hagiográficos datados paleograficamente do século XIV. A opção por esses dois materiais seguiu os critérios qualitativos e cronológicos já aludidos: o primeiro consta de poemas satíricos, o segundo consta de prosas narrativas de teor religioso. Os diferentes matizes linguísticos de cada gênero textual podem ter implicações nos usos gerúndiais, ainda que ambos integrem o medievo português.

Em resumo, os três *corpora* latinos, lado a lado, se estendem do século I d.C. ao XIII, e os dois *corpora* portugueses medievais se estendem do século XIII ao XIV. Dessa forma, garante-se relativa continuidade cronológica.

2. OS GERÚNDIOS LATINOS E O PARTICÍPIO PRESENTE

2.1 Aspectos gerais dos gerúndios e do particípio presente

O cerne desta pesquisa está na disputa entre o gerúndio ablativo e o particípio presente, da qual o primeiro saiu vencedor, conforme atestam as línguas românicas. Porém, antes de tratar do uso seletivo de ambas as formas nos textos latinos, seria muito elucidativo localizá-las e classificá-las no rico inventário de formas nominais de que dispunha o latim. Trata-se de um bom ponto de partida.

¹⁴ Site: cipm.fcsh.unl.pt/.

Tanto os gerúndios latinos quanto o particípio presente tinham seu radical oriundo dos tempos do *infectum*¹⁵, cujo mais conhecido representante é o presente do indicativo. De fato, um olhar rápido sobre as formas nominais do verbo irregular *fero, fers, ferre, tuli, latum* (“levar”, “conduzir”) permite fazer essa constatação:

Tabela 1 - Os gerúndios e o particípio presente de *fero, fers, tuli, latum*

<i>fero, fers, ferre, tuli, latum</i>	
Gerúndio genitivo	<i>ferendi</i>
Gerúndio dativo	<i>ferendo</i>
Gerúndio ablativo	<i>ferendo</i>
Gerúndio acusativo	<i>(ad) ferendum</i>
Particípio presente	<i>ferens, ferentis</i>

A multiplicidade de radicais do verbo *fero, fers, ferre, tuli, latum* permite identificar, de modo cristalino, quais formas nominais têm o radical do *infectum*, quais têm o do *perfectum*, e quais têm o do supino. Todas as flexões arroladas no quadro têm o radical *fer-*, ao passo que o infinitivo pretérito *tulisse* tem o radical *tul-* do *perfectum*, e o particípio passado *latus, a, um* tem o radical *lat-* do supino.

Se, por um lado, os quatro gerúndios e o particípio presente compartilham o radical do *infectum*, por outro, eles se diferenciam muito quanto à morfossintaxe, sobretudo nos textos clássicos. Os gerúndios são substantivos neutros de origem, e o particípio presente, um adjetivo verbal (FARIA, 1958). De fato, os gerúndios latinos nada mais são do que as formas oblíquas do infinitivo presente ativo, que, por ser forma **nominal**, compartilha traços gramaticais dos **nomes**, como as flexões de caso. O infinitivo presente é, portanto, uma espécie de nominativo dos verbos.

A tabela a seguir ilustra elucidativamente o que seria a “declinação” do mesmo verbo *fero, fers, ferre, tuli, latum*. Veja-se que as terminações das formas oblíquas são idênticas às da segunda declinação latina:

¹⁵ Ao *infectum* pertencem os tempos verbais designativos de ação não concluída (*in* = prefixo de negação, *fectum* = feito); ao *perfectum* pertencem, naturalmente, os designativos de ação concluída (*per* = prefixo com sentido de “completamente”, *fectum* = feito) (CASTILHO, 2013).

Tabela 2 - A “declinação” de *fero, fers, ferre, tuli, latum*

<i>fero, fers, ferre, tuli, latum</i>	
Infinitivo presente	<i>ferre</i>
Gerúndio genitivo	<i>ferendi</i>
Gerúndio dativo	<i>ferendo</i>
Gerúndio ablativo	<i>ferendo</i>
Gerúndio acusativo	<i>(ad) ferendum</i>

2.2 Empregos dos gerúndios latinos

Os quatro gerúndios latinos, por terem suas particularidades morfossintáticas, requerem uma descrição individualizada e com os respectivos exemplos.

2.2.1 Empregos do gerúndio genitivo

O gerúndio genitivo pode ser complemento de nomes, geralmente de natureza abstrata, ou de adjetivos. Corresponde, em português, à combinação da preposição *de* com o infinitivo: *cupiditas legendi* (“desejo de ler”), *cupidus legendi* (“desejoso de ler”). Há algumas ocorrências do gerúndio genitivo nos *corpora* latinos:

(1) – “*Hi **veniendi** habent tempus (...)*”.

“Eles têm tempo **de vir** (...)”.

(Isidoro de Sevilha, in DÍAZ y DÍAZ, 1962, p. 189, tradução e grifos nossos).

(2) – “*(...) ego domnus Johannes Iohannis Marinus, uisis illis scriptis, per potestatem quam ego habeo **corrigendi** testamentum domni Petri Romeu (...)*”.

“(...) eu, senhor João Joanes Marinho, vistos aqueles escritos, pelo poder que eu tenho **de corrigir** o testamento do senhor Pedro Romeu (...)”.

(PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, 2004, *Os Documentos do Tombo de Toxos Outos*, p. 607, tradução e grifos nossos).

Em (1), o gerúndio genitivo *veniendi* é regido pelo substantivo abstrato *tempus*; em (2), o gerúndio genitivo *corrigendi* é regido pelo substantivo abstrato *potestatem*.

2.2.2 Empregos do gerúndio dativo

O gerúndio dativo pode ser complemento de nomes, de adjetivos ou de verbos, dando a estes uma ideia de finalidade: *aptus legendo* (“apto para ler”), *solvendo non esse* (“não ser para dissolver”). Contudo, sua frequência de uso foi sempre baixa entre os escritores clássicos (FARIA, 1958) e, ao que tudo indica, entre os tardios. Nos *corpora* latinos, não se encontrou nenhuma ocorrência inequívoca do gerúndio dativo, razão pela qual convém recorrer a bibliografias que o exemplifiquem:

(3) – “*C. Terentius consul unus creatur, ut in manu eius essent comitia **rogando** collegae.*”

“Só Gaio Terêncio é nomeado cônsul, para que em suas mãos ficassem os comícios **para pedir** ao povo um colega.”

(Tito Lívio, 22, 35, 2, *apud* FARIA, 1958, p. 460, tradução do autor, grifos nossos).

(4) – “*quis est tam **scribendo** impiger quam ego?*”

“quem é tão pouco preguiçoso **para escrever** quanto eu?”

(Cícero, Fam., 2, 1, 1, *ibidem*, tradução do autor, grifos nossos).

(5) – “*Epidicum operam **quaerendo** dabo*”

“esforçar-me-ei **para encontrar** Epídico”

(Plauto, Ep., 605, *ibidem*, tradução do autor, grifos nossos).

Em (3), o gerúndio dativo *rogando* é regido pelo substantivo neutro *comitia*; em (4), o gerúndio dativo *scribendo* é regido pelo adjetivo *impiger*; em (5), o gerúndio dativo *quaerendo* faz as vezes de um objeto indireto do verbo latino *dare*¹⁶.

2.2.3 Empregos do gerúndio ablativo

O gerúndio ablativo, de que se tratará em detalhes nos próximos capítulos, liga-se a verbos e atua como complemento circunstancial de modo ou de instrumento: *Errando discitur* (“Errando aprende-se”, ou seja, “Por meio do erro aprende-se”). Pode ele, às vezes,

¹⁶ Numa tradução mais literal, o trecho “*Epidicum operam quaerendo dabo*” seria algo como “Darei atenção a encontrar Epídico”, em que a oração infinitiva funciona como objeto indireto do verbo *dar*.

ter outros significados quando vem antecedido de preposições como *in*, *de*, *ex*, *pro* ou *ab*, que podem reger caso ablativo (CLIMENT, 1956, vol. 1, § 421). Abaixo, algumas ocorrências tiradas dos *corpora* latinos:

(6) – “[*medulla*] *curatur enim cum recens est malaxando et superfundendo aqua* (...)”.

“[a medula] é então tratada, quando está fresca, **amolecendo** e **mergulhando** na água (...)”. [gerúndio ablativo]

(Oribásio Latino, in DÍAZ Y DÍAZ, 1962, p. 158, tradução e grifos nossos).

(7) – “*Haec avis vulgo amma dicitur, ab amando parvulos; unde et lac praeberere fertur nascentibus.*”

“A esta ave chama-se comumente *amma*¹⁷, por **amar** as crianças; de onde também se diz que ela oferece leite aos que nascem.”

(Isidoro de Sevilha, *ibidem*, p.189, tradução e grifos nossos).

Em (6), os gerúndios ablativos *malaxando* e *superfundendo* são complementos circunstanciais de *curatur*, ao qual dão ideia de modo; em (7), o emprego do gerúndio ablativo *amando* é determinado não pelo valor circunstancial do verbo, mas pela preposição latina *ab*, que rege justamente o caso ablativo. Nesse excerto de Isidoro de Sevilha, a oração *ab amando parvulos* tem valor causal ou explicativo.

2.2.4 Empregos do gerúndio acusativo

O gerúndio acusativo pode ser complemento de verbo, de substantivo (raro) ou de adjetivo e vem, na maioria das vezes, regido pela preposição *ad*, que pode estar subentendida (CLIMENT, 1956, vol. 1): *Puer venit ad ludendum* ou *Puer venit ludendum* (“O menino veio para brincar”), *non est locus ad tergiversandum*¹⁸ (“não convém tergiversar”), *exercitus difficilis ad vincendum* (“exército difícil de vencer”). Em todos estes exemplos, há clara ideia de finalidade, mas o gerúndio acusativo pode, mais raramente, também ser regido pela preposição *inter*, com valor durativo: *inter aurum accipiendum*¹⁹

¹⁷ Em nota de rodapé, Díaz y Díaz afirma que o termo *amma* é de origem infantil.

¹⁸ Cícero, *apud* CLIMENT (1956).

¹⁹ Tito Lívio, 6, 11, 5, *apud* FARIA (1958).

(“durante o recebimento do ouro”). Os *corpora* latinos trazem inúmeras ocorrências do gerúndio acusativo.

(8) - “(...) *pro ipsa uestra casa de Aluariza que fuit de Petro*²⁰ *Gudestei quam uos ei et viro suo Didaco Petri dedistis* ***ad habitandum*** *quando erant nostri seruiciales* (...)”.

“(...) pela vossa mesma casa de Albariza que foi de Pedro Goestez que vós a ela e a seu marido Diego Pérez destes **para habitar** quando eram nossos serviçais (...)”.

(PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, *Os Documentos do Tombo de Toxos Outos*, p. 561, tradução e grifos nossos).

(9) – “(...) *nichil*²¹ *remansit indebito*²² ***ad soluendum***”.

“(...) nada permanece pendente **de solução**²³”.

(*ibidem*, p. 505, tradução e grifos nossos).

Em (8), a oração final *ad habitandum* é complemento circunstancial do verbo *dedistis*; em (9), a oração *ad soluendum* é complemento do adjetivo *indebito*.

2.2.5 Considerações sobre o gerundivo

Conquanto o gerundivo não faça parte do escopo da pesquisa, convém tecer sobre ele alguns parágrafos, a fim de diferenciá-lo dos quatro gerúndios latinos, com os quais ele tem visíveis semelhanças formais e sintáticas. Assim como os gerúndios descritos nas seções anteriores, o gerundivo é uma forma nominal latina calcada no radical do *infectum* e provida do mesmo sufixo *-nd-* (e.g. *amandus*, *a*, *um*), mas diferencia-se deles por ser um adjetivo verbal que concorda em gênero e número com o nome a que se refere. Os quatro gerúndios, convém lembrar, são flexões de substantivo verbal neutro que integram a declinação do infinitivo presente.

Climent (1956) assim resume a diferença morfosintática entre as duas categorias:

²⁰ O uso da locução *de Petro*, em vez do genitivo *Petri*, é clara influência da sintaxe românica, em detrimento da latina.

²¹ *nichil* = *nihil*.

²² *indebito* = *indebitum*. Não houve marcação de caso no trecho original.

²³ Numa tradução mais literal: “Nada permanece pendente **para resolver**”.

En general puede afirmarse que si el verbo es intransitivo, transitivo indirecto o no lleva complemento expreso se usa el gerundio; en cambio, con verbos transitivos directos con complemento expreso se prefiere el gerundivo que adopta la construcción personal concordando en género y número con su complemento, y éste a su vez se formula en el mismo caso del gerundivo; por ej.: *urbi condendae* (en vez de *urbem condendo*) *locum elegerunt* “eligieron un sitio para fundar (...) la ciudad”. A veces, sin embargo, se usa un gerundio con un complemento en vez de un gerundivo. (CLIMENT, 1956, vol. 1, p. 391-392, § 411)²⁴.

Em poucas palavras, o uso seletivo do gerúndio e do gerundivo se baseia na transitividade do verbo e na presença de um objeto direto, embora tal regra não seja absoluta. Comparem-se estes exemplos tirados de Faria (1958):

(10) – “*uiri boni sequontur naturam, optimam bene uiuendi ducem*”.

“os homens de bem seguem a natureza, o melhor guia **de** bem **viver**”.

(Cícero, Lael., 19, *apud* FARIA, 1958, p. 459, tradução do autor, grifos nossos).

(11) – “*coniuratio deserendae Italiae*”.

“a conjuração **de abandonar** a Itália”.

(Tito Lívio, 24, 43, 3, *ibidem*, tradução do autor, grifos nossos).

Em (10), *uiuendi* complementa o sentido do substantivo *ducem*, assim como, em (11), *deserendae* complementa o sentido do substantivo *coniuratio*. No entanto, em (10), a opção de Cícero pelo gerúndio genitivo se justifica por ser o verbo intransitivo, enquanto a opção de Tito Lívio pelo gerundivo em (11) se justifica por ser o verbo transitivo direto com objeto direto expreso: *deserendae Italiae* (“de abandonar a Itália”). Veja-se que o gerundivo concorda em gênero e número com o substantivo feminino singular *Italiae*, que, em vez de estar no acusativo como qualquer outro objeto direto, toma o mesmo caso em que está o gerundivo: o genitivo.

Cumprе lembrar que o gerundivo e o gerúndio podem ser indistinguíveis em certos contextos. É o que acontece no excerto adiante:

²⁴ Tradução nossa: “Em geral, pode afirmar-se que se o verbo é intransitivo, transitivo indireto ou não leva complemento expreso, usa-se o gerúndio; no entanto, com verbos transitivos diretos com complemento expreso, prefere-se o gerundivo, que adota a construção pessoal concordando em gênero e número com seu complemento, e este, por sua vez, se formula no mesmo caso do gerundivo; por ex.: *urbi condendae* (em vez de *urbem condendo*) *locum elegerunt* ‘elegeram um lugar para fundar (...) a cidade’. Às vezes, todavia, usa-se um gerúndio com um complemento em vez de um gerundivo.”.

(12) – “Vendo inquam pro libris VIII legionensis ad testamentum ipsius uxoris mee²⁵ **complendum**, et cetera.”

“Vendo, digo, por 8 libras leonesas para **preencher** o testamento desta minha própria esposa, etc.”

(PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, *Os Documentos do Tombo de Toxos Outos*, p. 563, tradução e grifos nossos).

Em (12), pode-se interpretar a forma nominal *complendum* como um gerundivo flexionado no neutro singular ou como um gerúndio acusativo, mas essa indefinição classificatória em nada compromete a compreensão e a tradução do trecho transcrito.

O gerundivo também se pode empregar como particípio futuro passivo, com valor de dever ou obrigação. Veja-se o excerto seguinte retirado de um dos *corpora*:

(13) – “Et **sciendum est** quod istius hereditatis **predicte**²⁶ ego Furtadus Petri uendo medietatem et nos Maior Muniz cum uiro meo predicto et Adam Muniz pro nobis et pro Petro Muniz, fratre nostro, alteram medietatem.”

“E **deve-se saber** que dessa predita herança eu, Furtado Pérez, vendo a metade, e nós, Maior Muñoz com meu predito marido e Adán Muñoz, por nós e por Pedro Muñoz, nosso irmão, a outra metade.”

(PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, *Os Documentos do Tombo de Toxos Outos*, p. 478, tradução e grifos nossos).

Em (13), há uma perífrase verbal formada por um gerundivo flexionado no gênero neutro (*sciendum*) e por uma das flexões do presente do indicativo do verbo *ser* latino (*est*): *sciendum est* (“deve-se saber” ou “deve ser sabido”). Tal arranjo perifrástico traz, conforme indica a tradução, a ideia de dever e tem como sujeito as orações substantivas seguintes, que são introduzidas por *quod*.

²⁵ *mee* = *meae*.

²⁶ *predicte* = *predictae*.

2.3 Empregos do particípio presente

2.3.1 Principais empregos do particípio presente

O particípio presente, cujo morfema característico é *-nt*²⁷, emprega-se ou como adjetivo, concordando em gênero, número e caso com o nome a que se refere, ou, mais raramente, como substantivo. Nos primórdios da literatura latina, ele tinha quase sempre papel atributivo, mas suas funções foram sensivelmente ampliadas na fase clássica, durante e após a qual podia empregar-se em muitos tipos de orações circunstanciais (ALTMANN, 1966). A seguir, os principais empregos do particípio presente, em trechos oriundos dos *corpora*:

a) Função atributiva:

(14) – “*Si quis uxorem **habens** semel [una uece]²⁸ fuerit lapsus [kaduto fuere] in adulterio .V. anos peniteat.*”

“Se aquele **que tem** uma esposa alguma vez tiver caído no adultério, penitencie-se por 5 anos.”

(*Glosas Silenses*, in PIDAL, 1950, p.18, tradução e grifos nossos).

b) Função coordenativa aditiva:

(15) – “*Respondimus nos, **dicentes***”.

“Nós respondemos, **dizendo**”. [Nós respondemos e dissemos]

(Gregório de Tours, *ibidem*, p.168, tradução e grifos nossos).

c) Funções circunstanciais diversas, por meio do ablativo absoluto:

(16) - “*pecuniam tuam, **adsidente** Christo, **spectantibus** angelis et martyribus **praesentibus**, super mensam dominicam sparge;*”

“**ajudando** Cristo, **observando** os anjos e **estando presentes** os mártires, espalha tua riqueza sobre a mesa do senhor;”

(*Sermo de Aleatoribus*, in DÍAZ Y DÍAZ, 1962, p. 58, tradução e grifos nossos).

²⁷ Todas as flexões do particípio presente possuem o morfema *-nt*-, exceto o nominativo singular: *ferens*, *ferentis*. Tal irregularidade se explica por uma assimilação que sobreveio à consoante dental [t] em épocas remotas do latim: **ferents* > *ferens* (ERNOUT, 1953, §76).

²⁸ As expressões entre colchetes são as glosas propostas pelos glosadores medievais. Nas traduções portuguesas aqui feitas, não há necessidade de repeti-las.

d) Funções circunstanciais diversas, sem ablativo absoluto:

(17) – “*Brinnacum villa veniens [Fredegundis], multa dona et munera Francis ditavit, eosque ad pugnandum contra inimicos eorum coortans*²⁹”.

“**Vindo** [Fredegunda] à vila de *Brinnacum*³⁰, mandou dar muitos presentes e tesouros aos francos, exortando-os para lutar contra os inimigos deles”.

(*Liber Historiae Francorum, ibidem*, p. 180, tradução e grifos nossos).

Em (14), o particípio *habens* liga-se ao pronome *quis* e tem claro papel de oração relativa: *quis habens uxorem* (“aquele que tem uma esposa”). Em (15), o particípio *dicentes* é apenas uma oração coordenada aditiva, que, em português, se pode traduzir pelo gerúndio: *respondimus nos, dicentes* (“nós respondemos, dizendo”). Em (16), os particípios *adsidente*, *spectantibus* e *praesentibus* formam orações circunstanciais ablativas absolutas, cujos respectivos sujeitos *Christo*, *angelis* e *martyribus*, segundo as normas gramaticais clássicas, têm de ser diferentes do sujeito da oração principal, que, no caso, é o pronome *tu* elíptico: *sparge tu* (“espalha tu”). Em (17), o particípio *veniens* também forma uma oração circunstancial, mas, como o seu sujeito *Fredegundis* é o mesmo da oração principal, emprega-se o nominativo *veniens*, em vez do ablativo absoluto *veniente*: *veniens Fredegundis, ditavit...* (“Vindo Fredegunda, mandou dar...”).

2.3.2 Outras considerações sobre o particípio presente

O valor verbal de certos particípios presentes se obscureceu em épocas muito recuadas, de modo que estes já fossem usados como meros substantivos ou adjetivos no próprio período clássico. É o caso do substantivo *parens*, *parentis*, que, na condição de particípio presente do verbo latino *parĕre* (> parir), significava algo como “aquele (a) que pare” ou “aquele (a) que gera”. Depois da perda do valor verbal, passou a significar “pai”, “mãe” ou “antepassado” até que, em português e em castelhano, passasse a ter o significado hodierno de “parente próximo³¹”, tal qual se observa neste excerto tirado dos documentos de Tojos Outos:

²⁹ *Coortans* = *cohortans*.

³⁰ *Brinnacum* corresponde a Berny-Rivière, norte da França, segundo Díaz y Díaz (1962).

³¹ Noutras partes da România, o significado latino de “pais” se manteve, a exemplo do francês *parents* - donde, por empréstimo, vem a forma inglesa sinônima *parents* - e do romeno *părinți*.

(18) - “*Quod si aliquis homo tam ex nostris **parentibus** quam de extraneis qui contra hoc nostrum spontaneum factum ad irrumpendum uenerit (...)*”.

“Pois, se algum homem, tanto entre os nossos **parentes** quanto dentre os de fora, que contra este nosso ato espontâneo vier a irromper-se (...)”.

(PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, *Os Documentos do Tombo de Toxos Outos*, p.110, tradução e grifos nossos).

Em (18), o termo *parentibus* não tem qualquer valor verbal e já mostra a hodierna aceção de “parentes próximos”, que, em latim, era pouco frequente (GAFFIOT, 2016).

Cabe também aqui fazer uma breve alusão à possibilidade de o particípio presente, em raras ocasiões, constituir uma perífrase verbal com o verbo *esse* latino. Vejam-se estas sucintas linhas de Climent (1956):

“Esta perífrasis [*scribens sum*] tiene un significado muy afín a las formas finitas del verbo simple. En realidad la diferencia entre *scribens sum* y *scribo* es muy tenue; a lo sumo podemos decir que el giro perifrástico tiene más fuerza expresiva y atribuye una mayor persistencia y continuidad a la acción. Este giro es bastante frecuente en los períodos arcaico y postclásico; se usa poco en el clásico. Ejemplos: *currens erat ad dextram*³² (Bell. Hisp.); *est loquens*³³ (Curt.)³⁴.” (CLIMENT, 1956, vol. 1, p. 339-340, §364).

Tendo em vista a já referida substituição do particípio presente pelo gerúndio ablativo durante a formação dos dialetos românicos, é lícito afirmar que tais perífrases de aspecto verbal progressivo como *scribens sum* sejam a origem destas perífrases românicas de gerúndio: *estou escrevendo*, *estoy scribiendo*, etc. Densușianu (1961) corrobora essa assertiva ao afirmar que locuções participiais latinas como *fuit serviens* (“esteve servindo”) deram origem a locuções gerundiais romenas antigas: *eram cântând* (“estávamos cantando”). Enfim, esta discussão será ulteriormente retomada nos próximos capítulos.

³² *currens erat ad dextram*: “estava correndo à direita”.

³³ *est loquens*: “está falando”.

³⁴ Tradução nossa: “Esta perífrase [*scribens sum*] tem um significado muito afim às formas finitas do verbo simples. Em realidade, a diferença entre *scribens sum* e *scribo* é muito tênue; no máximo, podemos dizer que o giro perifrástico tem mais força expressiva e atribui uma maior persistência e continuidade à ação. Este giro é bastante frequente nos períodos arcaico e pós-clássico; usa-se pouco no clássico. Exemplos: *currens erat ad dextram* (Bell. Hisp.); *est loquens* (Curt.)”.

3. A ANÁLISE INDUTIVA DOS TEXTOS DOS *CORPORA*

Neste capítulo, inicia-se a análise indutiva do gerúndio e do particípio presente nos textos dos cinco *corpora* da pesquisa. Os três primeiros *corpora* são de textos latinos e seguem esta ordem: 1) *Antología del Latín Vulgar*; 2) *Glosas Silenses, Glosas Emilianenses* e documentos privados ibéricos; 3) *Os documentos do tombo de Toxos Outos*. Os outros dois são de textos portugueses arcaicos: 4) *Cantigas medievais portuguesas*; 5) *O Flos Sanctorum* trecentista em português. Cada *corpus* é descrito numa seção própria e individual que se subdivide em três partes: uma para a descrição geral dos textos que o compõem e outras duas para a efetiva análise de cada uma das formas nominais supramencionadas. Ao cabo deste capítulo, há as conclusões advindas deste método analítico e alguns adendos.

3.1 *Antología del Latín Vulgar*

3.1.1 Descrição geral

A *Antología del Latín Vulgar*, do romanista espanhol Díaz y Díaz (1962), colige centenas de textos latinos ditos vulgares, ao longo de pouco mais de 200 páginas. Conforme se discutiu no item 1.1, são “vulgares” aqueles textos em que apareçam, em maior ou menor quantidade, traços inerentes à língua popular romana: os vulgarismos. O material coligido pelo romanista varia quanto à **datação**, ao **local** e ao **gênero textual**.

Quanto à datação, os textos da antologia se estendem do século I d.C ao IX. O próprio autor reconhece no prólogo que se trata de uma delimitação cronológica um tanto ou quanto arbitrária: “*Para justificar tales términos ninguna razón hay*” (DÍAZ Y DÍAZ, 1962, p.10). Esse íterim de 800 anos é suficiente para detectar um considerável rol de vulgarismos e de fenômenos linguísticos cuja produtividade pode ter variado ao longo de tantos séculos. De qualquer forma, a opção por estender a antologia até o século IX poderia justificar-se, em parte, por dois fatos históricos: 1) o Concílio de Tours, em 813, entre cujas determinações estava a de utilizar a *rusticam romanam linguam* nas homilias, tendo em vista que o povo da época já não era capaz de entender o latim da Igreja, e 2) o surgimento dos primeiros documentos romances, como os Juramentos de Estrasburgo, de 842 (BASSO; GONÇALVES, 2014).

Quanto ao local, os textos são oriundos de muitas partes do Império Romano, inclusive de províncias nas quais o latim não se enraizou. Por exemplo, há papiros do Egito escritos em latim, mas com caracteres gregos. Há inscrições tumulares da África, da Ibéria, da Dácia, de Roma, *etc.* Há tratados médicos ou farmacológicos sem precisa indicação geográfica. Apesar dessas procedências diversas, não se detecta uma variação diatópica³⁵ significativa³⁶ no latim desses documentos e monumentos³⁷, salvo alguns exemplos muito esporádicos indicados por Díaz y Díaz (1962). Aliás, os autores antigos não eram necessariamente nativos do local de redação dos textos, nem tampouco do local onde os textos foram encontrados.

Os gêneros dos textos coligidos na antologia são igualmente diversos. Há inscrições tumulares, inscrições parietais, documentos de compra ou venda, tábuas execratórias³⁸, relatos históricos, narrativas hagiográficas, traduções bíblicas, tratados médicos e farmacológicos, *etc.* Cada gênero textual pode ter maior ou menor receptividade aos vulgarismos; trata-se da ideia de *valor*³⁹ a que se refere Díaz y Díaz (1962). Em verdade, as inscrições tumulares e as tábuas execratórias, por terem sido escritas mormente por pessoas de pouca instrução, trazem em si bom número de vulgarismos e têm, por isso, um papel proeminente nos estudos românicos. No entanto, as inscrições e as tábuas execratórias são, em geral, textos muito curtos e fragmentários, pelo que mal se puderam encontrar neles ocorrências de gerúndio ablativo. Os tratados técnicos, os relatos históricos e as narrativas hagiográficas são mais extensos e possuem maior versatilidade de períodos e de construções sintáticas, porém, como são produtos de indivíduos com alguma instrução, estão muito mais próximos do modelo clássico do que da língua popular.

³⁵ Chama-se diatópica (do grego: διά “através de” e τόπος “lugar”) o tipo de variação linguística que ocorre em função dos diferentes lugares e regiões em que uma língua é falada (ILARI, 2014).

³⁶ A variação diatópica nos textos da antologia é pouco significativa porque muitos vulgarismos costumam aparecer em inscrições oriundas de várias localidades do Império Romano. Além disso, Maurer Jr. (1962, p. 190) cita o caso de inscrições da Península Ibérica nas quais se observam fenômenos linguísticos ou palavras que sequer vingaram nos romances locais. Por exemplo, *auncolo* gerou o francês *oncle*, mas inexistiu no português e no castelhano. Por esse motivo, é muito difícil delimitar os matizes da dialeção do latim, nos primeiros séculos da Era Cristã, com base unicamente nesses escritos.

³⁷ O documento e o monumento se diferenciam pelo material em que foram escritos. O primeiro, em materiais mais perecíveis como papel, papiro ou pergaminho; o segundo, em materiais resistentes como pedra ou concreto (SPINA, 1977).

³⁸ Chamam-se tábuas execratórias (*tabellae defixionum*) pequenas tábuas sobre as quais um indivíduo redigia imprecações a algum desafeto.

³⁹ Um texto terá mais *valor* se ele tiver muitos vulgarismos e for, por consequência disso, mais representativo da língua popular.

3.1.2 O gerúndio ablativo na *Antología del Latín Vulgar*

O emprego do gerúndio ablativo é numérica e funcionalmente muito mais limitado que o do particípio presente neste *corpus*. Na antologia, há cerca de 10 gerúndios ablativos, cuja maioria tem função modal ou instrumental, e algo próximo de 230 particípios presentes, com funções variadas.

A seguir, as funções do gerúndio ablativo:

a) Função adverbial modal/instrumental. É a função básica do gerúndio ablativo entre os clássicos e também entre os tardios. Dentre as ocorrências de gerúndio ablativo, 8 têm decerto função modal/instrumental:

(19) – “*Idem et Scintilla flens dixit ac per genium eius Gaium **appellando** rogare coepit, ut effrangeret (...)*”.

“E igualmente Centelha disse chorando e, pelo gênio dele, Gaio, começou a rogar **fazendo apelos** para que se acalmasse (...)”. [modal]

(Petrônio, in DÍAZ Y DÍAZ, 1962, p. 29, tradução e grifos nossos).

Em (19), há uma possível equivalência funcional entre o particípio presente *flens* (“chorando”) e o gerúndio *apellando* (“fazendo apelos”), o que, de certo modo, aponta para uma fase intermediária da substituição de uma forma nominal pela outra já no século I d.C. De fato, tal equivalência funcional não é de todo desconhecida por outros escritores romanos (CAMPOS, 1980), conforme se verá adiante.

Numa de suas ocorrências no *corpus*, o gerúndio ablativo modal/instrumental vem preposicionado:

(20) – “*Elicit **ab eliciendo***.”

“Extraí **pelo extrair**” [modal/instrumental]

(*Scholiastae*, in DÍAZ Y DÍAZ, 1962, p.97, tradução e grifos nossos).

Em (20), o emprego do gerúndio ablativo se dá pela regência da preposição *ab*, que pode exigir formas oblíquas tanto de nomes quanto de formas nominais. Tal construção sintática, ainda que apareça numa coletânea de textos considerados vulgares, é, na verdade, típica de textos clássicos.

b) Função adverbial temporal. Ocorre uma única vez numa carta escrita em papiro, no Egito, no século II d.C. Aqui o remetente suplica que alguém o ajude com algum tostão a chegar a Alexandria:

(21) – “*Attonitus **exi**endo dico illi: da m[i]⁴⁰ pauqum⁴¹ aes, ut possim venire con⁴² rebus meis Alexandrie (...)*”.

“**Saindo** atônito, digo-lhe: dá-me um pouco de dinheiro, para que eu possa vir com as minhas coisas a Alexandria (...)”. [temporal].

(*ibidem*, p. 22, tradução e grifos nossos).

Em (21), em vez do gerúndio ablativo em “*Attonitus **exi**endo dico illi*”, seria mais provável, entre os escritores clássicos e até entre muitos tardios, o uso do participípio presente: “*Attonitus **exi**ens dico illi*” (FARIA, 1958). Na própria antologia, o emprego do participípio presente em orações temporais antepostas à principal ocorre abundantemente.

c) Função adverbial causal. Ocorre uma única vez, no texto do célebre Isidoro de Sevilha, e vem regido de preposição:

(22) - “*Haec avis vulgo amma dicitur, ab **amando** parvulos; unde et lac praeberere fertur nascentibus.*”

“A esta ave chama-se comumente *amma*⁴³, por **amar** as crianças; de onde também se diz que ela oferece leite aos que nascem.”

(Isidoro de Sevilha, *ibidem*, p.189, tradução e grifos nossos).

Em (22), tal como em (20), o emprego do gerúndio se justifica não tanto pelo contexto sentencial, mas pela regência da preposição *ab*. Uma paráfrase possível para essa oração subordinada seria *por amor às crianças*, ou seja, trata-se do motivo pelo qual se chama a ave de *amma*. Tal construção gerundial preposicionada é também erudita.

⁴⁰ *mi* = *mihi*.

⁴¹ *pauqum* = *paucum*.

⁴² *con* = *cum*.

⁴³ Em nota de rodapé, Díaz y Díaz (1962) afirma que o termo *amma* é de origem infantil.

3.1.3 O particípio presente na *Antología del Latín Vulgar*

O particípio presente, conforme se antecipou na seção anterior, foi empregado amiúde nos textos da antologia, totalizando algo em torno de 230 ocorrências, com funções variadas. Em alguns casos, o contexto frasal opaco impediu que se atribuisse a ele uma classificação acurada, seja pela obscuridade com que foi empregado, seja por excessivas lacunas no próprio texto. Contudo, como esta pesquisa prima por exemplos qualitativos, e não por quantitativos, tais casos de difícil compreensão podem ser preteridos sem grandes prejuízos aos resultados aqui obtidos.

A seguir, as funções do particípio presente detectadas nos textos latinos. Note-se que, em quase todas as traduções portuguesas, pôde-se traduzi-lo pelo gerúndio português:

a) Função atributiva:

(23) – “*Multi dicunt ballote*⁴⁴, *quem multi marrubium*⁴⁵ *nigrum dicunt, virgas nigras et quadras habens et asperas, ex una radice virgellas multas proferet, folia similia habens marrubii (...)*”.

“Muitos chamam *ballote* ao que muitos chamam marroio negro, **que tem** ramos negros, alinhados e ásperos, e exhibirá muitos pequenos ramos oriundos de uma única raiz, **que tem** folhas semelhantes às do marroio (...)”.

(*Dioscorides Latinus*, in DÍAZ Y DÍAZ, 1962, p. 153, tradução e grifos nossos).

Em (23), os dois particípios presentes de valor atributivo *habens* podem ser traduzidos por sentenças relativas, que, no caso em tela, funcionam como atributo dos substantivos *marrubium* (“marroio”) e *radice* (“raiz”). A função atributiva é uma das mais antigas funções do particípio presente (ALTMANN, 1966) e decerto uma das mais frequentes na antologia.

b) Função predicativa:

(24) – “*Domino*⁴⁶ *Felicae, sciente vos reddo quia exeunte Iulio vestro scripto accepi et exeunte Augusto vobis item scripsi;*”

⁴⁴ Palavra grega: βαλλωτή (DÍAZ Y DÍAZ, 1962).

⁴⁵ *marrubium* = *marrupium* (“marroio”, nome de planta). Houve aqui uma sonorização da consoante intervocálica.

“Senhor Félix, **ciente** vos respondo porque, saindo Júlio, recebi vosso escrito e, saindo Augusto, a vós igualmente escrevi;”

(Elipando de Toledo, *ibidem*, p. 214, tradução e grifos nossos).

Em (24), *sciente* (do verbo *scire*, “saber”) é o predicativo do sujeito elíptico *eu*: *ciente (eu) vos respondo...*. Conquanto *sciens*, *scientis* seja, do ponto de vista formal, o particípio presente do verbo latino *scire*, é lícito dizer que seu valor verbal já estava em parte obscurecido, de modo que se possa traduzi-lo por um simples adjetivo cognato (“ciente”) ou por uma oração gerundial: *sabendo disso, respondo-vos...*

c) Função predicativa, após verbos de percepção:

(25) – “(...) *sepius*⁴⁷ *audivi eum dicentem, quasi infra muros civitatis nullus defunctus requiescere debebat*”.

“(...) muitas vezes eu o ouvi **dizendo** que nenhum morto devia descansar embaixo dos muros da cidade”.

(*Vitae Sanctorum Merovingicae*, *ibidem*, p. 184, tradução e grifos nossos).

Em (25), o particípio presente *dicentem* faz as vezes de um predicativo do objeto do pronome *eum*, que atua como sujeito acusativo do verbo *dicere*: *audivi eum dicentem*. Convém notar que verbos sensitivos latinos como *audire*, *sentire* e outros admitem também complemento oracional com sujeito acusativo e verbo no infinitivo, em vez de particípio: *audio eum dicere* (“ouço-o dizer”) e *audivi eum dixisse* (“ouvi-o ter dito”, “ouvi que ele disse”). A diferença semântica ou aspectual entre a construção infinitiva e a participial não é muito clara, na medida em que elas podem ser intercambiáveis (CLIMENT, 1956, vol.1, §389).

⁴⁶ Elipando empregou *Domino*, em vez de vocativo singular *Domine*, em seguida *sciente*, em vez do nominativo singular *sciens*, e mais adiante *vestro scripto*, em vez do acusativo singular *vestrum scriptum*. Isso mostra que, em 799, quando o texto foi escrito, a marcação nominal de caso já havia desaparecido parcial ou totalmente nos romances ibéricos.

⁴⁷ *sepius* = *saepius*.

d) Função nominal:

(26) – “*Abbas autem de mensura provideat, ut non sint curta ipsa vestimenta utentibus ea sed mensurata.*”

“O abade então proveja conforme a medida, para que essas vestimentas não fiquem curtas **aos que** as **usam**, mas que tenham sido mensuradas.”

(São Bento, *ibidem*, p. 116, tradução e grifos nossos).

Em (26), o particípio presente *utentibus*, flexionado no dativo, é o complemento nominal do adjetivo *curta*, ou seja, trata-se de um substantivo verbal: *curta... utentibus* (“curtas... aos que usam”). Com efeito, o particípio em tela pode ser traduzido, ou pelo substantivo cognato culto (*utentes*), ou por um arranjo sintático equivalente: *àqueles que usam, aos que usam, etc.*

e) Função coordenativa aditiva:

(27) – “(...) *venerabilis vir Scupilio merore⁴⁸ cordis repletus, commotus in lacrimis, super corpus beati Vedastis genibus provolutus, erupit in voce, **dicens**:*”

“(...) o venerável *Scupilio*, repleto de tristeza no coração, comovido em lágrimas, prostrou-se de joelhos sobre o corpo do beato Gastão, gritou, **dizendo**:”

[dizendo = e disse].

(*Vitae Sanctorum Merovingicae, ibidem*, p. 184, tradução e grifos nossos).

Em (27), o particípio presente *dicens* é uma oração coordenada aditiva e designa uma ação imediatamente posterior às demais, formando uma sequência: *prostrou-se..., gritou e disse*. É muito comum empregar-se o particípio presente coordenativo com verbos declarativos, sobretudo quando estes antecedem a passagem para um discurso direto. Cabe, enfim, ressaltar que, em vez de *dicens*, poder-se-ia empregar sem prejuízos o pretérito perfeito, à semelhança dos dois verbos anteriores: *provolutus (est), erupit in voce et dixit*.

⁴⁸ *merore = maerore.*

f) Função adverbial modal:

(28) – “*Idem et Scintilla flens dixit ac per genium eius Gaium appellando rogare coepit (...)*”.

“E igualmente Centelha disse **chorando** e, em nome dele, começou a rogar a Gaio fazendo apelos (...)

(Petrônio, *ibidem*, p. 29, tradução e grifos nossos).

O excerto (28) é o mesmo que foi transcrito em (19), na seção **3.1.2**. Retomando o que já foi exposto sobre esse trecho, o particípio presente *flens* não só exprime o modo pelo qual Centelha diz alguma coisa, como também parece ter alguma correlação funcional com o gerúndio *apellando*, cujo valor é igualmente modal. Outra possibilidade é a de interpretar o particípio *flens* como um simples adjetivo: *flens dixit* (“disse chorosa”).

g) Função adverbial concessiva:

(29) – “*Et sane, nolente me, negotium meum agere exoravit mathematicus (...)*”.

“E na verdade, não **querendo** eu, o astrólogo⁴⁹ implorou que eu conduzisse o meu negócio (...)” [não querendo eu = embora eu não quisesse]

(Petrônio, *ibidem*, p. 31, tradução e grifos nossos).

Em (29), a oração adverbial concessiva é expressa por um ablativo absoluto, cujo sujeito *me* difere do sujeito da oração principal: *mathematicus*. Segundo se indicou entre colchetes, a oração gerundial reduzida *não querendo eu* admite como paráfrase a forma sindética e desenvolvida *embora eu não quisesse*. O ablativo absoluto pode formar também orações temporais, condicionais, causais, *etc.* (FARIA, 1958).

h) Função adverbial final:

(30) – “*Rursum saxones obtulerunt medietatem facultatis suae pacem petentes*”.

“Em seguida os saxões ofereceram metade de suas provisões, **pedindo** a paz”.

[pedindo a paz = para pedir a paz].

(Gregório de Tours, *ibidem*, p.165, tradução e grifos nossos).

⁴⁹ O termo de origem grega *mathematicus* pode designar astrólogo ou matemático (GAFFIOT, 2016).

Em (30), a oração participial *pacem petentes* exprime a finalidade com que os saxões ofereceram a metade de suas provisões, daí a possibilidade de paráfrase com a oração gerundial reduzida *pedindo a paz* e a oração infinitiva preposicionada *para pedir a paz*. Vale recordar que não seria possível o emprego do ablativo absoluto *petentibus*, no lugar do nominativo *petentes*, pelo fato de as duas orações terem o mesmo sujeito: *saxones*.

i) Função adverbial causal:

(31) – “*Mater m<e>a no<n haben>s assem vendedi<t> lentiamina*⁵⁰ [u]t veniam Alexandrie.”

“Não **tendo** minha mãe nenhum asse⁵¹, vendeu roupas de linho para eu vir a Alexandria.” [não tendo = porque não tinha].

(*ibidem*, p. 22, tradução e grifos nossos).

Em (31), há uma clara relação de causa e consequência. A oração participial exprime a causa de a mãe ter vendido roupas de linho e tem como paráfrase, segundo se indicou entre colchetes, uma forma sindética e desenvolvida: *porque não tinha nenhum asse, vendeu roupas de linho (...)*.

j) Função adverbial temporal (simultaneidade):

(32) – “*Haec audiens Chlothacarius rex ait suis: ‘Bene locuntur hii homines. Non incedamus super eos, ne forte peccemus in Deum’.*”

“**Ouvindo** isso o rei Clotário, disse aos seus: ‘De boa fé falam estes homens. Não avancemos sobre eles, para que não pequemos fortemente contra Deus’.”

[Ouvindo isso = Ao ouvir isso = Assim que ouviu isso].

(Gregório de Tours, *ibidem*, p. 165, tradução e grifos nossos).

Em (32), há uma oração participial subordinada e uma principal que designam eventos simultâneos ou quase simultâneos, ou seja, a ação de dizer ocorreu no mesmo ínterim em que a ação de ouvir ocorreu. A oração subordinada temporal *Haec audiens* pode

⁵⁰ *lentiamina* = *linteamina*, neutro plural de *linteamen*, -inis.

⁵¹ Moeda romana.

ser traduzida, ou por gerúndio, ou por infinitivo, ou por conjunção seguida de verbo finito, conforme se indicou entre colchetes.

k) Função adverbial temporal (anterioridade):

(33) – “*Theudericus vero regionem illa **devastans** atque **succedens** usque Iscionam vicum, cum multa spolia*⁵² *reversus est.*”

“**Tendo devastado** Teodorico de fato a região e **tendo se dirigido** até a vila de Isciona, regressou com muitos espólios.”

[Tendo devastado = Depois de devastar = Depois que devastou].

(*Liber Historiae Francorum, ibidem*, p. 182, tradução e grifos nossos).

Em (33), há duas orações participiais cujos eventos são anteriores ao evento expresso na oração principal, motivo pelo qual se optou por traduzir os participios por gerúndios compostos: *tendo devastado* e *tendo se dirigido*. Com efeito, a ação de devastar uma região é lógica e necessariamente anterior à ação de regressar com muitos espólios. Entre colchetes, mais duas possibilidades de tradução: uma com infinitivo e outra com verbo finito.

3.2 *Glosas Emilianenses, Glosas Silenses* e documentos privados ibéricos

3.2.1 Descrição geral

As *Glosas Emilianenses*, as *Glosas Silenses*, e os documentos privados ibéricos referidos no título desta seção encontram-se coligidos no livro *Orígenes del Españõl: estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*, de Menéndez Pidal (1950). Na obra, os materiais supracitados se estendem por apenas 44 páginas, acerca das quais o filólogo espanhol faz depois, ao longo de 500 páginas, minuciosas análises em nível linguístico e em nível histórico-geográfico. O trabalho de Pidal (1950) dá singular contribuição a esta pesquisa por entrever muitos traços românicos em meio a textos redigidos em latim nos séculos X e XI, durante os quais os dialetos hispano-romances, apesar de já estarem delineados, não dispunham ainda de larga produção escrita em vernáculo. Feitas essas considerações, convém primeiro tratar do papel das glosas na

⁵² Utilizou-se o acusativo plural *spolia* onde se esperaria o ablativo plural *spoliis*.

Linguística Diacrônica e depois tratar com mais detalhes dos materiais constantes no livro *Orígenes del Español*.

Por definição, denominam-se *glosas* os apontamentos feitos num texto com a intenção de elucidar o significado de palavras ou expressões tidas por obscuras a determinado público leitor. O papel precípua das glosas na Linguística Diacrônica é contrapor uma palavra ou expressão que, à época do glosador ou segundo a visão deste, seja tida como **não usual** a outra palavra ou expressão que, à época do glosador ou segundo a visão deste, seja tida como **usual**. Por exemplo, nas *Glosas Emilianenses*, há a seguinte passagem: “*qui (...) pauperibus reddet* ⁴⁸[*qui dat alofmiſquinoſ*]” (in PIDAL, 1950, p. 5). A glosa de número 48 aqui transcrita permite inferir de imediato que, para os leitores da época, o trecho em latim *qui pauperibus reddet* seria de difícil compreensão, o que teria motivado o glosador a propor uma glosa em vernáculo para auxiliá-los: *qui dat alofmiſquinoſ* (i.e. *qui dat a los misquinos*). Essa breve passagem dá azo a muitas outras inferências linguísticas. Do ponto de vista sintático, fica claro que os leitores do século X não entenderiam a forma dativa plural *pauperibus*, para cujo entendimento se propôs então o sintagma preposicionado *a los misquinos*⁵³. Do ponto de vista lexical, chama a atenção o emprego do termo de origem árabe⁵⁴ *misquinos* (< مسكين, miskīn, ‘pobre’ > português *mesquinho*, castelhano *mezquino*), no lugar de um sinônimo de origem latina proveniente de *pauperem* (> português e castelhano *pobre*). Enfim, é inestimável o valor desses documentos medievais para a Linguística Diacrônica.

As *Glosas Emilianenses*, que aludem ao mosteiro de San Millán, localizado no antigo Reino de Navarra, são um manuscrito cuja incerta datação remete a meados do século X, mas os textos originais aos quais se acrescentaram posteriormente essas glosas têm uma datação um pouco mais recuada, situando-se talvez entre os séculos IX e X (PIDAL, 1950). O códice é formado por textos religiosos escritos em latim e por centenas de glosas escritas majoritariamente no que parece ser um dialeto navarro-aragonês (ILARI, 2018). Dentre as centenas de glosas, há duas escritas na língua basca.

⁵³ Väänänen (1968, § 249) aponta que o uso de *ad* + acusativo, no lugar do dativo, já ocorria desde Plauto: *ad hostis exuvias dabit* (i.e. “aos inimigos dará os despojos”, *Epídico*, 38). A preferência por esse arranjo preposicionado tornou-se ainda maior nos textos cristãos, segundo o romanista finlandês, devido à impossibilidade de flexionar antropônimos e topônimos indeclináveis: *locutus est Deus ad Noe* (i.e. “falou Deus a Noé”). Portanto, é seguro dizer que o dativo já havia desaparecido na Ibéria séculos antes de serem escritas as *Glosas Emilianenses* – mais precisamente no latim tardio, segundo Bassetto (2010, p. 207).

⁵⁴ A respeito de palavras portuguesas de origem árabe, consulte-se o dicionário de Vargens (2007).

As *Glosas Silenses*, que aludem ao mosteiro de Santo Domingo de Silos, localizado no antigo Reino de Leão e Castela, são um manuscrito cuja incerta datação é um pouco posterior à das *Glosas Emilianenses*, situando-se no fim do século X. O códice é formado por textos religiosos de caráter penitencial escritos em latim e por centenas de glosas escritas majoritariamente no que também parece ser um dialeto navarro-aragonês (ILARI, 2018).

Por derradeiro, Pidal (1950) reúne 12 documentos privados datados dos séculos X e XI e oriundos de diferentes partes da Ibéria medieval: Leão, fronteira oriental de Leão, Castela e Aragão. Os escritos consistem em contratos de doação, testamentos, disputas judiciais, *etc.* e são, em geral, escritos num latim tabelionesco eivado de incorreções gramaticais e de traços inequivocamente românicos, que, às vezes, obscurecem a compreensão de quem os lê. O parágrafo a seguir evidencia muito bem essas características⁵⁵:

(34) – “*Et quando dedit domno Migael Citiz illa casa ad illo abbate, ille jacente jn suo lecto, uenit filio de Rodrigo Moniiz et suo uaffalo et prendiderunt suo clerigo ad sua uarua et fouarunt illum et jactarunt eum jn terra ad te fuof pedes de illo abbate.*”

“E quando deu o senhor Miguel Cides a casa ao abade, jazendo ele em seu leito, veio o filho de Rodrigo Muniz e seu vassalo e prenderam seu clérigo diante de sua barba (*i.e.* na presença do abade), sovaram-no e lançaram-no à terra até os pés do abade.”

(*Documentos de Leão*, in PIDAL, 1950, p. 26, tradução nossa, baseada em ALONSO, 1962, p. 84).

A língua do excerto (34) não é, na prática, nem o latim, nem tampouco um dialeto ibero-românico do século XI, mas uma miscelânea destes. A grafia de algumas palavras está em consonância com o latim clássico: *dedit*, *illa*, *ad*, *prendiderunt*; outras, porém, estão em forma vernácula: *uarua* ou *varva* (< *barbam*, com fricativização da labial [b]), *clerigo* (< *clericus*). Contudo, a morfossintaxe do parágrafo é quase inteiramente românica. Logo na primeira sentença, já se pode notar o uso do demonstrativo latino *illa* como artigo

⁵⁵ Os excertos extraídos de Pidal (1950) mantêm a ortografia presente no livro, que, entre outras coisas, faz uso do chamado S caudal: f. Trata-se tão somente de fidelidade às transcrições.

definido no sintagma *illa casa* (“a casa”), que, por sinal, está sem a desinência *-m* de acusativo singular. Ainda na primeira sentença, usa-se o sintagma preposicionado *ad illo abbate* (“ao abade”) onde as normas gramaticais latinas naturalmente preconizariam o dativo singular. Além disso, todos os verbos transitivos – *dedit*, *prendiderunt*, *souarunt* e *jactarunt* – estão antepostos aos respectivos complementos, consoante a sintaxe românica. Em contrapartida, o emprego do particípio presente *jacente*, no que parece ser uma oração ablativa absoluta, sugere uma influência do latim clássico ou medieval. Enfim, tanto os documentos privados coligidos por Pidal (1950) quanto os *Documentos do tombo de Toxos Outos* (PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004) possuem, em maior ou menor grau, marcas dos dialetos vernáculos que adentraram nos textos devido à baixa instrução dos tabeliões.

3.2.2 O gerúndio ablativo nas *Glosas Emilianenses* e nas *Silenses*

Excluindo-se os apontamentos dos glosadores, os dois manuscritos somam um pouco mais de 40 particípios presentes, contra apenas 6 gerúndios ablativos, dos quais 5 têm decerto função modal. Alguns destes gerúndios ablativos latinos foram glosados por correspondentes românicos segundo indicam os excertos (35) e (36):

a) Função adverbial modal:

(35) – “*Si quis cum matre et filia fornicatur usque ad finem uite sue*⁵⁶ *peniteat biduana et elemosinas* **tribuendo**¹⁴⁶ [**donando**] (...) *et lacrimas* **fundendo**.”

“Se alguém com a mãe e a filha fornicar até o fim da sua vida, penitencie-se por dois anos **doando** esmolas e **vertendo** lágrimas.”

(*Glosas Silenses*, in PIDAL, 1950, p.17, tradução e grifos nossos).

(36) – “*Quicumque praefata*⁵⁷ ³⁴⁹[entof ante | ditof] *namque ieiunia rite*³⁴⁹[ftudiofamientre] *nullatenus observare ualet fi lector est pro uno die uerbigratia .L. pfalmof genua* **flectendo**, *etftanf alios .L. canat...*”

⁵⁶ *uite sue* = *vitae suae*.

⁵⁷ O termo *praefata* poderia corresponder ao particípio *praefecta* (do verbo *praeficere*, ‘pôr à frente’) ou ao particípio *praefata* (do verbo deponente *praefari*, ‘dizer antes’). A glosa 349 confirma tratar-se da forma *praefata*, à qual possivelmente se acresceu um *c* por hipercorreção.

“Qualquer um, então, que não possa, de nenhum modo, cumprir religiosamente os preditos jejuns, se ler por um dia, por exemplo, 50 salmos **dobrando** os joelhos, cante outros 50 estando de pé...”

(*Glosas Silenses, ibidem*, p. 23, tradução e grifos nossos).

Em (35), há duas orações gerundiais modais – *elemosinas tribuendo* e *lacrimas fundendo* – a determinar o modo pelo qual o indivíduo pecador deve cumprir sua penitência. É digno de nota que o gerúndio *tribuendo* venha glosado por outro gerúndio (*donando*), pois isso evidencia que o público leitor estava perfeitamente familiarizado com a forma nominal, mas não com o significado lexical do verbo latino *tribuere*. Em (36), o gerúndio ablativo *flectendo* está em explícita correlação funcional com o particípio presente *estans* (< *stans*, com uma vogal *e* prostética). De fato, a oração *genua flectendo* (“dobrando os joelhos”) determina o modo pelo qual o penitente deve ler 50 salmos, enquanto a oração *estans* (“estando de pé”) determina o modo pelo qual ele deve cantar outros 50 salmos. Do ponto de vista semântico, tal correlação se mostra ainda mais cristalina na medida em que ambas as orações estabelecem as posições corporais a serem adotadas durante as penitências.

b) Função adverbial temporal/condicional:

(37) – “*Adtentat* ⁶⁵[katet] *unusquisque* ⁶⁶[quifcataqui] *ne munera accipiendo alterius causam malam faciat suam penam* ⁵⁸*si injuste judicaverit;*”

“Atente cada um para que, **assumindo** os ofícios de outro, não faça de uma causa má sua pena, se injustamente tiver julgado;”

[assumindo os ofícios de outro = quando/se assumir os ofícios de outro]

(*Glosas Emilianenses, ibidem*, p. 6, tradução e grifos nossos).

Em (37), a oração gerundial admite mais de uma classificação: temporal ou condicional, conforme demonstram estas possíveis paráfrases: *quando assumir os ofícios de outro* ou *se assumir os ofícios de outro*. Veja-se que não há glosa para o gerúndio

⁵⁸ *penam* = *poenam*.

accipiendo, num sinal claro de que esta forma nominal era de conhecimento do público leitor.

3.2.3 O participípio presente nas *Glosas Emilianenses* e nas *Silenses*

Os dois manuscritos somam um pouco mais de 40 participípios presentes, com funções diversas, à semelhança dos textos da *Antología del Latín Vulgar*: atributiva, predicativa, nominal, coordenativa e adverbiais. Contudo, as mais relevantes informações fornecidas por esses dois documentos medievais não são os empregos dos participípios latinos em si, mas as maneiras pelas quais muitos destes foram glosados em formas vernáculas. Do total aproximado de 40 ocorrências da forma nominal, 10 foram glosadas por gerúndio, 5 por verbos finitos, 1 por advérbio e 1 por oração relativa. Os números mostram que o público leitor do século X não estava tão familiarizado com o participípio presente porque, afinal, este já teria desaparecido antes da formação dos dialetos ibero-românicos (BASSETTO, 2010).

Adiante, alguns empregos do participípio presente e as formas linguísticas utilizadas nas glosas para interpretá-los:

a) Participípio presente glosado por gerúndio:

(38) – “*carens*^{59 108}[**lebando**] *tabernacula justorum, et uidebis (...) simul et scies tormenta jmpiorum.*”

“**levando** os tabernáculos dos justos, não só verás, mas, ao mesmo tempo, conhecerás as tormentas dos ímpios.”

(*Glosas Emilianenses, ibidem*, p. 7, tradução e grifos nossos).

(39) – “*Si qua mulier per adulteria* ⁸²[fornício] **abfente** ⁸³[luenge **ftando**] *marito suo conceperit* ⁸⁴[inpreinnaret] *idque post facinuf occiderit, nec in finem dandum effe comunione.*”

“Se alguma mulher por adultérios, **estando** longe seu marido, engravidar e, após esse crime, morrer, nem no fim (da vida) deve ser dada a comunhão.”

⁵⁹ *carens*, no latim clássico, é o participípio presente do verbo *carēo*, *carēre*, que significa “carecer” ou “estar de privado de” e cujos complementos se flexionam no caso ablativo. Porém, a julgar pelo contexto frasal, pela glosa [**lebando**] e pelos complementos no acusativo, é possível que o participípio *carens* acima transcrito seja, na verdade, oriundo de algum outro verbo cujo radical se relacione com o substantivo de origem céltica *carrus*, do qual provieram palavras portuguesas como *carregar* e *carga*.

(*Glosas Silenses, ibidem*, p. 14, tradução e grifos nossos).

(40) – “*Si pollutus ignorans* ¹³⁴[non | **fapiento**] *eclesiam intraberit*⁶⁰, .II. pfalteriof canat.”

“Se, não **sabendo**, entrar poluto na igreja, cante 2 saltérios.”

[não sabendo = sem saber]

(*Glosas Silenses, ibidem*, p. 16, tradução e grifos nossos).

Em (38), o particípio presente *carens*, de função temporal, foi glosado por um gerúndio vernáculo *lebando* (cf. português *levando* e castelhano *llevando*). Em (39), há um ablativo absoluto *absente*, também de função temporal, que foi glosado por uma combinação de advérbio com gerúndio: *luenge*⁶¹ *stando*. A opção do glosador por *stando* demonstra que o verbo *estar*, no século X, poderia ser utilizado tanto em sua acepção hodierna de “permanecer em algum lugar”, quanto na sua acepção etimológica de “estar de pé”, indicada no excerto (36). Em (40), o particípio presente *ignorans*, de função modal, foi glosado por uma forma anômala de gerúndio que possui uma consoante surda [t] onde se esperaria sua homorgânica sonora [d]: *sapiento*. Pidal (1950) afirma tratar-se de uma falsa correção. Conquanto o filólogo espanhol não tenha dado mais detalhes, é lícito supor uma influência analógica do particípio *sapientem*, em cuja estrutura há um sufixo *-nt-*, sobre o gerúndio *sapiendo*, em cuja estrutura há um sufixo *-nd-* de sonoridade próxima. Portanto: *sapiendo* > *sapiento*, por analogia com *sapientem*. Nas *Glosas Emilianenses*, cumpre salientar que, tanto a forma regular *sapiendo* quanto a anômala *sapiento* aparecem mais de uma vez.

b) Particípio presente glosado por verbo finito:

(41) – “*Et tertius ueniens* ⁹[elo terzero diablo uenot]... jnpugnaui quemdam monacum et uix ¹⁰[ueiza] feci eum fornicari.”

“E **vindo** o terceiro (diabo)... ataquei certo monge e, com custo, o fiz fornicar.”

⁶⁰ *intraberit* = *intraverit*.

⁶¹ A ditongação do *o* latino em *luenge* (< *longe*) é comum no castelhano e no aragonês desde os tempos antigos, corroborando a procedência geográfica do documento. Porém, vale lembrar que o castelhano não operou a ditongação diante de palatais, diferentemente do aragonês, que a operou nesse contexto fônico: olho (português), ojo (castelhano), uello (aragonês) (WARTBURG, 1952).

(*Glosas Emilianenses, ibidem, p.4, tradução e grifos nossos*).

(42) – “*Qui fecundo babtizari⁶² uoluerit .III. annif peniteat. Si ignorans²⁷ [fi non fapet] quid babtizatus est, babtizetur.*”

“Quem, pela segunda vez, quiser ser batizado penitencie-se por 3 anos. Se **não sabe** se foi batizado, seja batizado.

(*Glosas Silenses, ibidem, p. 12, tradução e grifos nossos*).

Em (41), o particípio presente *ueniens* parece ter um valor adverbial temporal, mas é difícil apontar uma classificação segura num trecho que aparenta ser fragmentário. De qualquer forma, o hermeneuta sugeriu uma glosa com verbo finito: *elo⁶³ terzero diablo uenot* (i.e. “o terceiro diabo veio”). A flexão *uenot* é o pretérito perfeito do verbo *vir* (cf. *vino* em castelhano, *veo* > *veio* em português). Em (42), o particípio *ignorans*, que noutras passagens do texto vem glosado por gerúndios, é glosado nesse excerto por um advérbio de negação *non*, seguido de um verbo flexionado no presente do indicativo: *non sapet* (“sabe”). A opção do hermeneuta pela forma finita é acertada e se explica por não ser possível uma tradução com gerúndio neste contexto frasal: **Se não sabendo se foi batizado, seja batizado*.

c) Particípio presente glosado por advérbio:

(43) – “*Si quif egrif⁶⁴ 99[elo fermo] cuftof dormierit adgrabans⁶⁵ 100[grabe|mientre] et mortuuf fuerit eger⁶⁶ fine peruigile, peruigil .X. diebuf peniteat...*”

“Se algum guardião dormir doente, **agravando-se**, e morrer doente sem o cuidador, o cuidador penitencie-se por 10 dias.”

(*Glosas Silenses, ibidem, p. 15, tradução e grifos nossos*).

⁶² *babtizari* = *baptizari*; *babtizatus* = *baptizatus*; *babtizetur* = *baptizetur*.

⁶³ *elo* é a forma antiga do artigo definido maculino, que remonta ao demonstrativo latino *illum*. No caso do português, a palavra ter-se-ia modificado da seguinte maneira: *illum* > *illu* > *elo* > *lo* > *o*. No castelhano, o resultado foi um pouco distinto, pois o nominativo *ille* gerou o artigo masculino *el*, e o acusativo *illum* gerou o artigo neutro *lo*: *ille* > *ell* > *el*; *illum* > *illu* > *elo* > *lo* (PIDAL, 1985, § 100).

⁶⁴ *egris* = *aegris*.

⁶⁵ *adgrabans* = *aggravans*.

⁶⁶ *eger* = *aeger*.

Em (43), o particípio presente *adgrabans*, de função modal ou coordenativa, foi glosado por um composto adverbial: *grabe miente* (i.e. “gravemente”). Tanto nas *Glosas Emilianenses* quanto nas *Silenses*, os compostos adverbiais em *mente* (< *mente*, ablativo singular de *mens*, *mentis*) apresentam uma variante *mente* com um *r* epentético, por uma possível analogia com *intro* e *int(e)rim* (PIDAL, 1950): *buena miente*, *munda miente*. O elemento *mente* e sua variante com *r* epentético podiam ser grafados separadamente das suas bases adjetivas porque eles ainda não se haviam gramaticalizado por completo num sufixo adverbial de modo.

d) Particípio presente glosado por oração relativa:

(44) – “*Non oportet christianos ad nubtias*^{67 248}[a laf uotal] *euntef*²⁴⁹[qui ban ido] *ballare*²⁵⁰[cantare] *uel faltare*²⁵¹[fotare].”

“Não convém aos cristãos **que vão** às núpcias bailar ou dançar.”

(*Glosas Silenses*, *ibidem*, p. 20).

Em (44), o particípio presente *euntes*, de clara função atributiva, foi glosado por oração relativa e perífrase verbal: *qui ban ido* (i.e. “que vão”). O elemento *ban* (cf. o castelhano *van*) é inequivocamente a terceira pessoal do plural do verbo *ir*, mas o particípio passado *ido* causa alguma estranheza porque se poderia esperar aí uma perífrase gerundial de sentido progressivo como *van iendo*.

3.2.4 O gerúndio ablativo nos documentos privados ibéricos

Nos 12 documentos arrolados por Pidal (1950), há apenas 3 gerúndios ablativos: 2 de função modal num documento de Castela e 1 de função condicional num documento de Aragão. Ei-los:

a) Função adverbial modal:

(45) – “*Abdella de Uilla Zate nulla lingien za*⁶⁸ *faciendo et adclamando*^{fe} *ad rege domno Sancio et ad majorinos de Clunia, qui a fi abuit*⁶⁹ *uezato*⁷⁰, *mandauit*

⁶⁷ *nubtias* = *nuptias*.

⁶⁸ *lingien za* = *lingienza*. Palavra desconhecida cuja origem talvez remeta a **lenientia* (← *leniente*). O segmento *-ng-* era grafado amiúde para representar a palatização da consoante nasal [n] antes de semivogal

Ruderico Gudestioz adfuos merinof et predarunt illum et prenderunt⁷¹ ei .CXXX. obe⁷² et .XVII. uobe⁷³.”

“Abdella de Vila Zate, não **fazendo** nenhuma leniência ^(?) e **clamando**-se ao rei Dom Sancho e aos meirinhos de Corunha, que a seu favor corrompeu ^(?), mandou Rodrigo Gustioz aos seus meirinhos, e não só o pilharam, como também lhe prenderam 130 ovelhas e 17 bois .”

(*Documentos de Castela, ibidem*, p. 36, tradução e grifos nossos).

Em (45), embora a compreensão do excerto seja prejudicada pelo latim espúrio do tabelião, é possível sugerir que as duas orações gerundiais coordenadas tenham valor modal, pois ambas indicam o modo pelo qual um indivíduo chamado Abdella arquitetou um plano contra o seu desafeto Rodrigo Gustioz.

b) Função adverbial condicional:

(46) – “*et si fuerit culpa defenior⁷⁴ [Sançio Galindiç], aut de illa donna aut de fuos filios, ket⁷⁵ bagat⁷⁶ donna Adulina cumillo⁷⁷ fuo obe⁷⁸ li⁷⁹ plaçet⁸⁰; et si fuerit culpa de donna Adulina ellof onor illi **façando** ket se tiengan tutu in quantu illos affilgot⁸¹ per jn secula cunta⁸².”*

“e se houver culpa do senhor (Sancho Galíndez), ou da dona ou de seus filhos, que vá Dona Adulina com o seu aonde lhe apraz; e se houver culpa de dona Adulina,

iode [j], conforme se vê em *quingone* (< *quinionem*, donde o castelhano *quiñón* e o português *quinhão*). A sílaba –za provém regularmente da fricativização de –tia em castelhano, a exemplo de *minatia* > *amenaza*.

⁶⁹ *abuit* = *habuit*. Trata-se aqui de verbo auxiliar.

⁷⁰ *uezato* talvez provenha de *vitiatum* (particípio de *vitiare*, ‘viciar’, ‘corromper’). A sílaba –za provém regularmente da fricativização de –tia em castelhano, a exemplo de *minatia* > *amenaza*.

⁷¹ *prenderunt* (“prenderam”) está no lugar do perfeito latino *prehenderunt*.

⁷² *obe* = *oves*.

⁷³ *uobe* = *boves*.

⁷⁴ *defenior* = *de senior*. Veja-se que *senior* (> castelhano *señor*, português *senhor*) corresponde ao latim clássico *dominus*.

⁷⁵ *ket* = *que*

⁷⁶ *bagat* = *vaya*. O grafema g poderia ter valor semivocálico (PIDAL, 1950).

⁷⁷ *cumillo* = *cum illo*.

⁷⁸ *obe* = *ubi*.

⁷⁹ *li* = *illi*.

⁸⁰ Presente do indicativo, no lugar do subjuntivo, segundo Pidal (1950).

⁸¹ *affilgot* = *affiliavit* (“afilhou”). O segmento –lg- representa a palatização de [l] diante de semivogal iode [j].

⁸² *cunta* = *cuncta*.

eles **fazendo-lhe** honra, que para si tenham tudo quanto os afillhou por séculos inteiros.”

[eles fazendo-lhe honra = se eles lhe fizerem honra].

(*Documentos de Aragão, ibidem*, p. 40, tradução e grifos nossos).

No excerto (46), em meio à miscelânea linguística de elementos clássicos e vernáculos, há uma oração gerundial cujo valor parece ser de condição: *ellos onor illi faciendo* (“eles fazendo-lhe honra”). Tratar-se-ia da condição pela qual a família Galíndez poderia obter os bens deixados pela dita Dona Adulina. Parece viável também interpretar a oração como temporal: *enquanto lhe fazem honra*.

3.2.5 O particípio presente nos documentos privados ibéricos

Nos 12 documentos arrolados por Pidal (1950), o número de particípios presentes é pequeno e totaliza apenas 12 ocorrências, dentre as quais 7 são expressões temporais visivelmente decoradas. Vejam-se os excertos:

a) Função adverbial modal:

(47) – “*jñ anc*⁸³ *cartula vendicionif que audiuius **legente** manus nostras rouorauimus (...).*”

“conforme este documento de venda que ouvimos (e), **juntando** nossas mãos, corroboramos (...).”

(*Documentos de Leão, ibidem*, p. 27, tradução e grifos nossos).

Em (47), o particípio presente *legente* possui valor modal, e a oração em que está inserido indica o modo pelo qual os negociantes selaram o acordo. Veja-se que não há concordância de número entre o particípio e o sujeito elíptico *nós*, dando fortes indícios de que muitos tabeliões medievais utilizavam esse recurso sintático como forma verbal cristalizada ou decorada.

⁸³ *anc* = *hanc*.

b) Função adverbial temporal (simultaneidade):

(48) – “*Et quando dedit domno Migael Citiz illa casa ad illo abbate, ille **jacente** in suo lecto, uenit filio de Rodrigo Moniiz et suo uassalo et prendiderunt suo clerigo ad sua uarua et fouarunt illum et jactarunt eum in terra ad te suos pedes de illo abbate.*”

“E quando deu o senhor Miguel Cides a casa ao abade, **jazendo** ele em seu leito, veio o filho de Rodrigo Muniz e seu vassalo e prenderam seu clérigo diante de sua barba (*i.e.* na presença do abade), sovaram-no e lançaram-no à terra até os pés do abade.”

(*Documentos de Leão*, in PIDAL, 1950, p. 26, tradução nossa, baseada em ALONSO, 1962, p. 84, grifos nossos).

(49) – “(...) **regnante** rex Freinandus in Legione (...)”

“(...) **reinando** o rei Fernando em Leão (...)”

[reinando o rei Fernando = no reinado do rei Fernando].

(*Documentos de Leão*, in PIDAL, 1950, p. 27, tradução e grifos nossos).

O excerto (48) já foi aduzido em (34). Conforme já se apontou, há uma oração ablativa absoluta de função temporal: *ille jacente in suo lecto* (*i.e.* “jazendo ele em seu leito”). Contudo, a falta de concordância casual entre o pronome *ille*, que está no nominativo, e o particípio *jacente*, que está no ablativo⁸⁴, sugere tratar-se de um emprego artificial e cristalizado da forma nominal. Em (49), há outra oração ablativa absoluta de função temporal sem concordância de caso: *regnante rex Freinandus in Legione* (*i.e.* “reinando o rei Fernando em Leão”). Ao fim dos contratos, dos testamentos e de outros textos jurídicos medievais, era comum indicar-se o nome do rei durante cujo reinado se faziam os despachos desses documentos, e tal indicação de tempo era feita ordinariamente por meio de ablativos absolutos: *regnante rex Freinandus*, *regnante rex Ranemiro*, *regnante Adefonso rex*, etc. Ao cabo, as 7 ocorrências do particípio *regnante*, quase sempre sem concordância casual com o seu sujeito (*e.g.* *regnante rex*, em vez de *regnante rege*), dão, pois, demonstrações peremptórias de que essas expressões eram meras fórmulas decoradas por tabeliões pouco instruídos no latim clássico. Por detrás desses descuidos com

⁸⁴ É possível também que *iacente* seja um acusativo singular sem a desinência *-m*.

as normas gramaticais, está o fato inegável de que nem o particípio presente, nem a morfologia nominal de caso compunham a gramática dos dialetos ibero-românicos.

c) Função adverbial temporal (anterioridade?):

(50) – “*Illa uero **reuoluens** jntra fe has ambagnes⁸⁵... ereditabit neptum suum Pelagio filio Uermudo Fredinandiz concubino qui a femen illiuf erat (...).*”

“**Tendo** ela de fato **revolvido** essas incertezas ^(?) dentro de si... herdou o seu neto Pelayo, filho do concubino Vermudo Fernandes, que era da linhagem dele (...).”

Em (50), o particípio presente *reuoluens* parece ter função temporal de anterioridade, pelo que se optou por traduzi-lo por meio de um gerúndio composto. Todavia, não se pode cravar tal classificação porque o trecho transcrito tem uma lacuna entre a primeira e a segunda oração, segundo indicam as reticências e o próprio contexto interpretativo. Em contraste com os excertos (47), (48) e (49), o particípio *reuoluens* concorda em gênero, número e caso com o seu sujeito *illa*.

3.3 Os documentos do tombo de Tojos Outos

3.3.1 Descrição geral

O tombo do mosteiro dos Santos Xusto e Pastor de Toxos Outos (em português, mosteiro dos Santos Justo e Pastor de Tojos Outos) é composto por centenas de documentos medievais cuja divulgação, até o advento da reprodução fotográfica, foi muito modesta. Em tempos recentes, com o apoio do *Consello da Cultura Galega*, veio a lume uma edição organizada por Pérez Rodríguez (2004), intitulada *Os documentos do tombo de Toxos Outos*⁸⁶, na qual constam, ao longo de aproximadamente 850 páginas, mais de 500 documentos redigidos em latim e alguns poucos redigidos nos dialetos vernáculos.

O referido mosteiro fica na hodierna região espanhola da Galiza, cuja língua local, o galego, seria contígua ao português à época da redação desses manuscritos – daí a difundida denominação de galego-português (SILVA, 2013). Pérez Rodríguez (2004) dá mais detalhes sobre a história do convento:

⁸⁵ *ambagnes* = *ambagines*?

⁸⁶ Disponível para baixar no *Corpus Documentale Latinum Gallaeciae* (Codolga), no site: <http://corpus.cirp.es/codolga/>.

Próximo a Compostela, na vía que une a cidade apostólica coa ría de Noia, o mosteiro de Toxos Outos xorde, como moitos outros cenobios galegos, ó principio do século XII. Fundado por dous cabaleiros do contorno cortesán do emperador Afonso VII, pronto recibiu a protección do monarca e tamén a da familia condal de Traba, seguindo así a traxectoria doutros cenobios contemporáneos.⁸⁷ (PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, p. 7).

Os manuscritos, datados mormente dos séculos XII e XIII, foram coligidos em 25 de fevereiro de 1289, por ordem do abade Sancho Eáns, segundo aponta uma anotação em letra moderna feita no próprio documento: “*Scribere fecit domnus Sancius, abbas Sancti Iusti, era M CCC XXVII*”⁸⁸, *quinto kalendas maarci.*” (ibidem, p. 19). O acervo consta de 27 cadernos de pergaminho, nos quais há 30 documentos reais, 195 cartas de doação, 199 cartas de compra, 20 de câmbio, 81 pactos, 201 testamentos, 14 particulares e 54 de outros gêneros. O latim desses escritos é, em geral, mais correto gramaticalmente que o dos documentos privados coligidos por Pidal (1950). Veja-se o excerto (51):

(51) – “*In Dei nomine. Ego Gundesindus Didaci et uxor mea Maria Sanici damus vobis senioribus Sancti Iusti cum abbate uestro Pelagio in remedio animarum nostrarum et parentum nostrorum hereditatem nostram propriam quam habemus auiorum*”⁸⁹ *et parentum nostrorum in loco predicto in casale de Codesido (...).*”

“Em nome de Deus. Eu, Gundesindo Díaz, e minha esposa Maria Sániz damos a vós, senhores de Santos Justo, com o vosso abade Paio, em remédio de nossas almas e de nossos parentes, a nossa própria herança que obtemos dos nossos avós e parentes no predito lugar no casal⁹⁰ de Codesido (...).”

(in PÉREZ RODRÍGUEZ, 2004, p. 692, tradução nossa).

Um olhar rápido sobre o excerto (51) já é suficiente para constatar um nível bem razoável de correção gramatical tanto na ortografia quanto no uso dos casos latinos. No entanto, a disposição das palavras, com destaque para a anteposição do verbo *damus* aos

⁸⁷ Tradução nossa: “Próximo a Compostela, na via que une a cidade apostólica com a ría de Noia, o mosteiro de Tojos Outos surge, como muitos outros cenóbios galegos, ao princípio do século XII. Fundado por dois cavaleiros do contorno cortesão do imperador Afonso VII, pronto recebeu a proteção do monarca e também a da família condal de Traba, seguindo assim a trajetória doutros cenóbios contemporâneos.”

⁸⁸ Até os séculos XIV e XV da Era Cristã, os documentos peninsulares utilizavam uma variação do calendário juliano chamada “Era Hispânica”, cujo ano inicial, 38 a.C., remete aos acordos políticos do segundo triunvirato romano, integrado por Otávio, Marco Antônio e Lépido (SPINA, 1977). Assim, o ano MMCCCXVII (1327) da Era Hispânica corresponde ao ano 1289 da Era Cristã.

⁸⁹ *auiorum* = *avorum*. Houve provavelmente uma analogia com **aviōlu*, étimo hipotético do substantivo *avō*.

⁹⁰ casal = vilarejo, povoado.

seus complementos, segue padrões mais vernáculos do que clássicos. Com efeito, essa inegável influência românica na sintaxe dos documentos de Tojos Outos incide sobre o uso do gerúndio ablativo, que aparece empregado em funções típicas do particípio presente em dezenas de ocorrências, segundo se verá mais adiante.

Cabe aqui mencionar a presença de alguns poucos documentos redigidos em línguas vernáculas constantes no tombo de Tojos Outos. Eis alguns trechos:

(52) - “*Conoscida cosa sea a todos los omes que esta carta viren como yo, don Alfonso, por la gracia de Dios rey de Castella, de Toledo, de Leon, de Galiza, de Seuilla, de Cordoua, de Murcia, de Jahen, vi priuilegios de don Alfonso, emperador de Espanna, confirmados del rey don Fernando, mio vis auuelo, et confirmados del rey don Alfonso, mio auuelo, et del rey don Ferrando, mio padre, fechos en esta guisa:*”

(*ibidem*, p. 69).

O excerto (52) está inequivocamente em castelhano, segundo evidenciam as referências históricas e geográficas, além das próprias marcas linguísticas do documento. O antropônimo *Alfonso* refere-se ao célebre Dom Afonso X (1221-1284), rei de Leão e Castela, durante cuja administração houve notável incentivo à cultura e às letras (PHILIPPS Jr., 2015). Dentre os traços linguísticos do castelhano, destaquem-se o pronome de primeira pessoa do singular *yo* e o substantivo *auuelo* (i.e. *abuelo* < **avolu* < **aviōlu*, masculino de *aviōla*), em que se observa não só a típica ditongação de *o* para *ue*, como a manutenção da consoante [l] intervocálica, contrastando com a forma cognata galega *avó* e a portuguesa *avô*, nas quais não houve nem a ditongação, nem tampouco a manutenção da consoante [l] intervocálica.

A seguir, mais um trecho em dialeto românico:

(53) – “*Porque os fillos de Fernan Tofino non quiseron presentar a mea oytava de Sam Vicenço d’Aguas Santas que leuauan a renda et dizian que eram en jur de presentar de toda esa oytava et faziam a San Martino et a Sam Justo et aos clerigos que tiinan esa yglesia moyto mal et moytas penoras, eu Afonso Diaz conselley aoo abbade don Sancho que a comprase a dona Toda (...).*”

(*ibidem*, p. 699-700).

O excerto (53) foi tirado de um documento sem data, mas a indicação de contemporaneidade entre o autor Afonso Diaz e o já citado abade Sancho Eáns, por cuja ordem os manuscritos de Tojos Outos foram coligidos em 1293, aponta que tal escrito data do fim do século XIII ou, no máximo, do início do século XIV. Esta indicação temporal demonstra que a língua do excerto seja o galego-português⁹¹, pois este só veio a se bifurcar por volta do ano 1350, segundo Silva (2013). Dentre as marcas linguísticas galego-portuguesas, destaquem-se o pronome de primeira pessoa *eu* e a contração de preposição com artigo *aoos*, que não ocorreu no castelhano: *a los*.

3.3.2 O gerúndio ablativo n'Os *Documentos do tombo de Tojos Outos*

No tombo de Tojos Outos, o número de gerúndios ablativos é muito modesto, totalizando pouco mais de 30 ocorrências em 850 páginas. Em contrapartida, nessas poucas dezenas de ocorrências, foi possível identificar clara influência românica nas orações gerundiais, que apresentam, além da sua função modal primitiva, funções outrora comuns ao participípio presente. Vejam-se os exemplos:

a) Função coordenativa aditiva:

(54) – “(...) *incipit alius terminus in predicto riuulo de Tronco et uadit per illum parietem antiquum qui exit de ipso riuulo et uadit sursum ad montem **diuidendo** hereditatem de Sancto Martino et hereditatem de Hermo;*

“(...) começa a outra extremidade no predito riacho de Tronco e vai por aquele muro antigo que sai do mesmo riacho e sobe ao monte **dividindo** a herdade de São Martim e a herdade de Hermo;”

[dividindo = e divide].

(*ibidem*, p. 25, tradução e grifos nossos).

Em (54), a oração gerundial tem valor coordenativo, na medida em que expressa tão somente o último evento verbal de uma sequência de eventos verbais. Mais uma vez,

⁹¹ O uso do termo *galego-português* e sua possível sinonímia com o termo *português arcaico* não são ponto pacífico entre os estudiosos. Por serem parcialmente arbitrários os critérios de delimitação diatópica e diacrônica na Linguística, não se farão aqui rígidas distinções conceituais entre eles. Para mais detalhes, consultem-se Silva (2013) e Basso; Gonçalves (2014).

constata-se uma influência românica, pois, nesse contexto sintático, o latim clássico também recorreria ao particípio presente *dividens*.

b) Função adverbial modal:

(55) – “(...) *et ad mortem meam me in uestro monasterio sepeliri*⁹² *iubeam et non alibi sicut iam ex olim **roborando** regulam uestram uobis promisi* (...).”

“(...) e, à minha morte, ordene que eu seja sepultado em vosso mosteiro, e não noutro lugar, como já desde então, **corroborando** vossa regra, vos prometi (...).”

c) Função adverbial final:

(56) – “*unde ego dominus Johannes Marinus, corrigendo testamentum predicti Petri Romeu, mando quod monasterium Sancti Iusti habeat quantam hereditatem dominus Petrus Romeu in Calo habebat.*”

“donde eu, senhor João Marinho, **corrigindo** o testamento do predito Pedro Romeu, mando que o mosteiro de Santos Justo tenha quanta herança o senhor Pedro Romeu em Calo tenha.”

[corrigindo = para corrigir].

(*ibidem*, p. 607, tradução e grifos nossos).

Em (56), a oração gerundial indica a finalidade com que João Marinho dá determinada ordem. A opção pelo gerúndio ablativo nesse contexto sintático demonstra clara influência românica, pois o latim clássico recorreria, ou ao particípio presente *corrigens*, ou ao gerúndio acusativo *ad corrigendum* para construir uma oração final.

d) Função adverbial causal:

(57) – “*Hec*⁹³ *est ordinatio que ordinavit Petrus Sicci in infirmitate sua **timendo***⁹⁴ *nec mors illi surripiat et omnia sua in ordinata remaneat.*”

⁹² *sepeliri* = *saepeliri*.

⁹³ *Hec* = *Hic*.

⁹⁴ Verbos latinos que exprimem receio (e.g. *timēre*) exigem *ne* ou *nec* para orações completivas afirmativas e *ut* para completivas negativas. Na segunda oração, foi necessário traduzir o *omnia* pela forma negativa portuguesa *nada*.

“Aqui está a ordenação que ordenou Pedro Seco, em sua enfermidade, **temendo** que a morte a ele arrebate e que nada seu em ordem permaneça.”

[temendo que = porque teme que].

(*ibidem*, p. 137, tradução e grifos nossos).

Em (57), a oração gerundial indica a causa de Pedro ter exigido uma ordenação, daí a paráfrase na forma desenvolvida: *porque teme que...* Alternativamente, é possível interpretar essa oração gerundial como predicativa: *...ordenou Pedro Seco, em sua enfermidade, temeroso de que...*

e) Função adverbial temporal:

(58) - “**Reynando** el re don Fernando en Leon, ya en Castella conna reina dona Johana. **Tenendo** Valencia Rui Gunzaluez Girom;”

[Reinando o rei Dom Fernando = Quando reinava o rei Dom Fernando].

O excerto (58), escrito em castelhano, apresenta duas orações gerundiais de função temporal introduzidas respectivamente por *Reynando* e *Tenendo*, que são meras traduções de orações participiais latinas como *Regnante rege D. Fernando* e similares. Isso reforça o argumento de que o gerúndio é o substituto românico do participípio presente latino.

3.3.3 O participípio presente n’*Os documentos do tombo de Tojos Outos*

3.3.3.1 Participípios presentes “protocolares”

No tombo de Tojos Outos, há algo entorno de 830 participípios presentes ao longo de 850 páginas. Os números são de fato vultosos, porém cerca de metade dessas ocorrências corresponde, na verdade, a expressões ou a arranjos sintáticos exaustivamente repetidos, como se fossem fórmulas **protocolares**, de sorte que as orações participiais deste *corpus* não sejam tão variadas. A título de ilustração, os participípios *permanens*, *pertinens*, *concurrens*, *discurrens*, *tenens* e as respectivas flexões somam quase 420 ocorrências, cuja maioria se encaixa nestes contextos frasais:

a) Ratificação da validade do documento:

(59) – “*et hoc meum testamentum in suo robore semper **permanente**.*”

“e seja **permanente** este meu testamento em sua robustez.”

(*ibidem*, p. 299, tradução e grifos nossos).

(60) – “(...) *pacifice possideat prenominatam hereditatem cum omnibus suis directuris ad eam **pertinentibus*** (...)”

“(...) pacificamente possua a prenomeada herança com todos os seus direitos a ela **pertinentes** (...)”

(*ibidem*, p. 693, tradução e grifos nossos).

As expressões transcritas em (59) e (60) – *in suo robore permanente e cum omnibus directuris ad eam pertinentibus*– são amiúde utilizadas, com eventuais variações, para ratificar a validade dos documentos. Os participios grifados têm claro valor atributivo, conforme demonstram as traduções.

b) Indicação geográfica:

(61) – “(...) *et cartam uenditionis de hereditate nostra propria quam habemus in uilla uocitata Soeuos, territorio Celtigos, **concurrente** ad ecclesiam Sancte Marie de Courio* (...)”

“e a carta de venda sobre a nossa própria herança que temos na vila habitualmente chamada de Suevos, território de Céltigos, **que está próximo** à igreja de Santa Maria de Coiro (...)”

(*ibidem*, p. 134, tradução e grifos nossos).

(62) – “*ut facerem uobis kartulam vendicionis de hereditate mea propria que habeo in uilla uocitata Tabagom, subtus mons Lausado, **discurrente** flumen Minei, territorio Tudense.*”

“para que eu fizesse a vós a carta de venda acerca da minha própria herdade que tenho na vila habitualmente chamada de Tabagón, sob o monte Lousado, **percorrendo** o rio Minho, no território tudense.”

(*ibidem*, p. 230, tradução e grifos nossos).

Os participípios transcritos em (61) e (62) - *concurrrens* e *discurrens* - são amiúde utilizados para indicar e delimitar geograficamente as propriedades mencionadas nos documentos. Ambos os participípios costumam ter valor atributivo nesses contextos frasais.

c) Indicação dos monarcas e governantes:

(63) – “*Gunzalu* Nuniz **tenente** Asturias. *Poncio Uele* **tenente** Extrematuram.”

“**Possuindo** Gonçalo Nunes as Astúrias. **Possuindo** Pôncio Vele a Estremadura.”

(*ibidem*, p.77, tradução e grifos nossos).

Ao fim dos documentos medievais, era comum indicarem-se os monarcas e os governantes durante cujas administrações aconteciam os despachos, e tal indicação se fazia muitas vezes por meio de um ablativo absoluto de função temporal, como em (63) e nestas outras orações: *Imperatore Afonso regnante* (“reinando o imperador Afonso”), *Turres Legionis tenente Petro Roderici* (“possuindo Pedro Rodríguez as torres de Leão”), etc. À semelhança do que aparecera nos documentos coligidos por Pidal (1950), há situações nas quais o ablativo absoluto foi empregado sem concordância de caso, sugerindo tratar-se de expressão decorada ou cristalizada: *Regnante Imperator Adefonsus*, em vez de *Regnante Imperatore Adefonso*. Nos poucos documentos em castelhano, tais expressões temporais apresentam participípio presente ou gerúndio: *yo, sobredicho rey don Alfonso, reynante en uno cum la reyna donna Vyolant*; *Reynando el re don Fernando en Leon*; *Tenendo Valencia Rui Gunzaluez Girom*.

3.3.3.2 Os demais participípios presentes

Diferentemente dessas orações participiais de caráter mais protocolar, há outras que parecem não fazer parte de nenhum modelo ou fórmula preestabelecida. Neste outro grupo, encontram-se os participípios presentes com as suas funções habituais, a saber, atributiva, coordenativa e adverbial, como nos seguintes excertos:

a) Função atributiva:

(64) - “(...) *et omnibus fratribus ibidem commorantibus facio textum et kartula uendicionis et donationis de tota mea hereditate quantam ego habeo* (...)”

“e a todos os irmãos **que moram** no mesmo lugar faço o texto e carta de venda e doação de toda a minha herança que eu tenho (...).”

(*ibidem*, p. 558, tradução e grifos nossos).

b) Função coordenativa aditiva:

(65) - “*Et ego prenomatus rex Fernandus una cum uxore mea Beatrice regina et cum filiis meis Alfonso, Fraderico, Fernando, Henrico et Philipo, supradicta priuilegia aprobo, roboro et confirmo **mandans** et firmiter **statuens** quod perpetuo et inuiolabiliter obseruentur;*”

“E eu, prenomeado rei Fernando, ao mesmo tempo, com a minha esposa, a rainha Beatriz, e com os meus filhos Afonso, Frederico, Henrique e Felipe, aprovo e confirmo os supraditos privilégios, **mandando** e firmemente **estabelecendo** que perpétua e inviolavelmente sejam observados;”

[confirmo os supraditos privilégios, mandando... = confirmo os supraditos privilégios e mando...].

(*ibidem*, p. 59-60, tradução e grifos nossos).

c) Funções adverbiais diversas:

(66) - “(...) *proauus meus comes domnus Pelagius ipsam ecclesiam Sancti Christofori jure hereditatis cum omnibus suis directuris **possidens** ibi monasterium fundauit* (...)”

“(...) o meu bisavô, o senhor conde Paio, **possuindo** esta mesma igreja de São Cristóvão ^(?) por direito de herança, com todos os seus direitos, fundou ali um mosteiro (...)”

[temporal: possuindo esta mesma igreja = quando possuía esta mesma igreja].

(*ibidem*, p. 29, tradução e grifos nossos).

3.4 As cantigas medievais portuguesas

3.4.1. Descrição geral

As cantigas foram o mais cultivado modelo de composição poética da lírica medieval portuguesa no íterim que se alonga do fim do século XII até meados do século

XIV, isto é, no Trovadorismo português. De um lado, há a lírica religiosa, voltada a temas excelsos e tipificada pelo Cancioneiro Mariano; de outro, há a lírica profana, voltada a temas consuetudinários e tipificada pelo Cancioneiro da Ajuda, pelo Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa e pelo Cancioneiro da Vaticana (MASSINI-CAGLIARI, 2007). A lírica profana se subdivide em três ou quatro gêneros poéticos, a depender dos critérios classificatórios de cada crítico literário. São eles: 1) a cantiga de amor, na qual o trovador se dirige diretamente à amada, seguindo um rígido formalismo sentimental; 2) a cantiga de amigo, na qual o trovador, assumindo muitas vezes um eu-lírico feminino, trata de desilusões amorosas, danças e romarias com a mãe, a irmã ou uma amiga; e 3) a cantiga de escárnio e de maldizer, na qual o trovador satiriza alguma pessoa desafeta, geralmente um trovador rival ou uma dama que tenha desobedecido às regras do amor cortês. É comum os críticos literários colocarem as cantigas de maldizer numa categoria separada pelo fato de estas fazerem sátiras mais abertas e diretas aos desafetos, enquanto aquelas o fazem de maneira velada, com palavras e expressões mais ambíguas (MASSINI-CAGLIARI, 2007).

O primeiro *corpus* de textos portugueses medievais desta pesquisa consta de 150 cantigas de escárnio e de maldizer do século XIII, que se encontram coligidas numa página virtual denominada *Corpus Informatizado do Português Medieval*⁹⁵ (CIPM). A opção por esses textos poéticos não foi arbitrária. Os documentos portugueses mais antigos disponibilizados pelo CIPM datam da segunda metade do século XII, mas trata-se de um espólio muito exíguo e de materiais de difícil compreensão, motivo pelo qual foi preciso recorrer aos escritos do século XIII, que já somam milhares de cantigas e centenas de documentos notariais. A opção pelas cantigas, em detrimento destes, se justifica pelas limitações que os documentos notariais impõem a uma análise linguística segura e precisa do português medieval⁹⁶. Para Huber (1986):

A linguagem tabeliônica portuguesa não pode, no entanto, dar-nos um quadro perfeitamente exacto da linguagem corrente daquela época, na medida em que é, aqui como em toda a parte, a linguagem de uma comunidade linguística mais restrita e, em consequência disso, demasiado tradicional e convencional nas suas formas e expressões; (HUBER, 1986, p. 24).

⁹⁵ cipm.fcsh.unl.pt/.

⁹⁶ O tombo de Tojos Outos demonstrou que os documentos notariais em vernáculo eram mais suscetíveis a decalques de fórmulas e arranjos sintáticos latinos.

As cantigas medievais, ao contrário, se diferem do estilo demasiado artificial e petrificado dos documentos notariais. Conquanto a literatura trovadoresca, em parte, tenha recebido influxos da Provença, e apesar de os trovadores estarem sujeitos às formulações da métrica medieval, as cantigas são decerto textos de maior versatilidade de usos linguísticos e, por conseguinte, dão amostras mais elucidativas do português arcaico.

As cantigas de escárnio e maldizer do século XIII presentes neste *corpus* provêm da obra *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses*, de Lopes (2002). Para cada trecho aqui transcrito, indicar-se-á a numeração das cantigas, nos moldes do CIPM, e o seu autor, caso seja conhecido. Não há no *site* indicação clara do cancionero de que elas fazem parte.

3.4.2. O gerúndio nas cantigas medievais

Nas 150 cantigas do século XIII, há quase 40 ocorrências do gerúndio e apenas uma do participípio presente, ou seja, um panorama inverso ao que se observou nos *corpora* latinos. Dentre as dezenas de ocorrências, há gerúndios adjetivos, coordenativos aditivos, modais, concessivos, temporais, verbos principais de locução verbal e, por fim, alguns casos incertos. A seguir, um exemplo de cada função:

a) Função predicativa com verbo de percepção:

(67) - “[Pero Ferreira] traj’ũa⁹⁷ osa e ãa geolheira,/ estrebeirando vai de mui gram maneira;/e achou Belpelho **estando** em ãa eira (...)”.

[estando em ãa eira = que estava em uma eira].

(Afonso Lopes de Baião, CEM075).

O gerúndio adjetivo – com ou sem verbo de percepção - tem frequência muito limitada na fase arcaica do português. As poucas ocorrências dele, encontradas nas cantigas, vêm precedidas de verbo de percepção, mas Campos (1980) o exemplifica na outra estrutura frasal: “... naçedon no çeeo hũas nuveẽs com escuro emvorilhamento, **molhando** a terra de ligeiros orvalhos...” [que molha a terra] (CAMPOS, 1980, p. 32, grifo nosso).

⁹⁷ traj’ũa = traz uma. A grafia das transcrições segue *ipsis litteris* a grafia do CIPM.

b) Função coordenativa aditiva:

(68) – “e seendo⁹⁸ ambas um dia folgando per ãa sesta em um pomar, entrou Pero Velho de sospeita, **falando** com elas.”.

[falando com elas = e falou com elas].

(Pero Velho de Taveirós e Paio Soares de Taveirós, CEM019).

c) Função adverbial modal:

(69) – “E por esto [vos] chamamos nós ‘o das duas espadas’,/ porque sempre as tragedes agudas e amoadas⁹⁹,/ com que fendedes as penas, **dando** grandes espadadas.”.

[dando grandes espadadas = por meio de grandes espadadas].

(Afonso X, CEM028).

d) Função adverbial concessiva:

(70) – “ca, **havendo**¹⁰⁰-mi vós desamor,/ [e]u vos amei sempr’a servir / des que vos vi, e des entom/m’houvest’a mal no coração.”

[havendo-mi vós desamor = embora tendes por mim desamor].

(Fernão Paes de Talamancos, CEM005).

e) Função adverbial temporal:

(71) – “e **indo** da cas[a] ao celeiro,/ houv’um corvo viaraz e faceiro (...)”.

[indo da casa ao celeiro = quando ia da casa ao celeiro].

(João Airas de Santiago, CEM148).

f) Verbo principal de perífrases:

(72) – “E nom est ãa velha nem som duas / mas som vel cent’as que m’andam **buscando** / mal quanto podem e m’andam **miscrando**¹⁰¹”.

⁹⁸ Na fase arcaica, o verbo *ser*, tal como em latim, acumulava as funções hodiernas do verbo *estar*. A distinção entre eles só estabeleceu séculos mais tarde, nos séculos XV e XVI. (SILVA, 2013).

⁹⁹ amoadas = amoladas.

¹⁰⁰ Veja-se que, na fase arcaica do português, o verbo *haver* (< *habere*) ainda tem o sentido etimológico de “ter”, “possuir”.

¹⁰¹ miscrando = insultando.

[perífrases de aspecto iterativo].
(Afonso Eanes do Coto, CEM065).

g) Casos incertos:

(73) – “Falavam duas irmanas,/**estando** ante sa¹⁰² tia;/ e diss’a ãa a outra: (...)”.
(Afonso X, CEM034).

(74) – “Vi coteifes¹⁰³ de gram brio / en’o meio do estio / estar **tremendo** sem frio / ant’os mouros d’Azamor”.
(Afonso X, CEM050).

Casos há em que a classificação do gerúndio não é muito segura, seja pela multiplicidade de paráfrases possíveis para a sentença gerundial, seja pela gramaticalização incompleta de verbos de auxiliares. Em (73), cabe mais de uma interpretação: “Falavam duas irmãs, *que estavam ante sua tia*” ou “Falavam duas irmãs, *quando estavam ante sua tia*”, embora esta última seja menos provável. A oração poderia ser, com base nessas paráfrases, adjetiva ou adverbial temporal, mas poderia também ser modal, que não possui forma sindética e desenvolvida correspondente. As múltiplas possibilidades classificatórias das orações reduzidas de gerúndio eram e continuam sendo comuns no português (HAUY, 2015).

Em (74), não está claro se a combinação *estar tremendo* forma uma perífrase verbal. Silva (2013) alerta que o verbo *estar*, na fase arcaica do português, poderia ter o seu sentido etimológico e latino de “estar de pé” ou poderia comportar-se como verbo auxiliar, tal qual o uso hodierno. Essa flutuação no emprego do verbo se deve a um processo ainda incompleto de gramaticalização, por meio do qual alguns verbos, outrora plenos, têm seus significados originais total ou parcialmente obliterados e passam a ter função meramente gramatical^{104 105}. Logo, há duas interpretações possíveis: “Vi coteifes de grande brio

¹⁰² Forma átona e arcaica do possessivo *sua*.

¹⁰³ Coteife = aldeão.

¹⁰⁴ Uma das mais conhecidas gramaticalizações do português e de muitas línguas românicas ocorreu com a formação do futuro do presente do indicativo. O verbo latino *habere* (“ter”) perdeu seu sentido pleno e tornou-se um auxiliar posposto ao infinitivo: *amare* + *habeo*. Depois, passou de verbo auxiliar a uma simples desinência verbal: *amar* + *ei* = *amarei* (SILVA, 2013).

estarem de pé tremendo ante os mouros” ou “Vi coteifes de grande brio *tremere*m ante os mouros”. Se o verbo *estar* tiver, em (74), o seu sentido etimológico de “estar de pé”, então o gerúndio *tremendo* tem função adverbial modal; se ele, porém, não o tiver, o gerúndio *tremendo* é apenas o verbo principal da perífrase.

Por derradeiro, cumpre lembrar que há outras possibilidades de orações gerundiais arcaicas de que não se encontram exemplos nas 150 cantigas analisadas. Huber (1986) exemplifica-as com valor causal: “*E quando vyo as querelas d’aquellas gentes, doendo-se d’elles* (sic!), *foy-se pera alló*” (HUBER, 1986, p.307, grifo nosso); e condicional: “*E fazendo-lhes el-rey esta merçe, elles lhe mostrariam grandes tesouros*” (HUBER, 1986, p. 314, grifo nosso).

3.4.3 O particípio presente nas cantigas medievais

O particípio presente só apareceu uma única vez nas 150 cantigas pesquisadas, fato que, por si só, já demonstra sua ínfima vitalidade no português arcaico. Campos (1980) assim o descreve:

Observamos, nos textos por nós analisados, que esta forma nominal do verbo teve um uso muito restrito na formação de orações reduzidas circunstanciais e adjetivas, nesta fase do idioma. Seu emprego, nestas circunstâncias, isto é, com valor verbal, só se encontra com certa frequência em obras de caráter religioso, que receberam influência direta do latim eclesiástico, como por exemplo, a *Regra de São Bento*. (CAMPOS, 1980, p.25, grifo da autora).

Por ser o particípio presente um latinismo sintático típico de textos religiosos e também de documentos oficiais¹⁰⁶, é mais do que esperado o seu parco uso nas cantigas trovadorescas. Adiante, a sua única ocorrência detectada:

(75) – “Eu por en [bem] vo-lo rogo e vo-lo dou em conselho:/que vós **entrante** a Sevilha, vos catedes no espelho/ e nom dedes nemigalha¹⁰⁷ por vinte de Joam Coelho.” [entrante a Sevilha = quando entrardes em Sevilha].
(Afonso X, CEM028).

¹⁰⁵ Câmara Jr (1976) lembra que perífrases com a estrutura ESTAR + GERÚNDIO apareciam em textos latinos tardios como em “*stat spargendo medelas*” (“Está espalhando os unguentos”).

¹⁰⁶ O particípio presente aparece no célebre Testamento de Dom Afonso II (1214): “Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e salvo, **temēte** o dia de mia morte...”

¹⁰⁷ nemigalha = nada, coisa nenhuma.

Por fim, cabe fazer breve menção aos participípios presentes que se petrificaram em época muito antiga e acabaram por migrar para outras classes gramaticais. É o caso dos adjetivos *doente* (< *dolens*, -*entis*) e *pungente* (< *pungens*, -*entis*), que não têm mais nenhum valor verbal. O substantivo *parente* (< *parens*, -*entis*) já se usava como substantivo desde o latim (GAFFIOT, 2016), conforme já se indicou na seção 2.3.2. Certas preposições, conjunções, locuções prepositivas e conjuntivas portuguesas de origem participial se formaram em época antiga: *durante*, *não obstante*, *por conseguinte*, etc. Em regra, estes últimos são termos cuja inserção na língua se deu por via erudita (CAMPOS, 1980).

3.5 Um *Flos Sanctorum* trecentista em português

3.5.1 Descrição geral

O *Flos Sanctorum* é uma coleção de textos hagiográficos em português arcaico cuja datação deve ser do século XIV. O códice foi transladado de Portugal ao Brasil pelo filólogo Serafim da Silva Neto em 1950 e depois organizado por Américo Venâncio Lopes Machado Filho numa edição semidiplomática¹⁰⁸ e interpretativa que veio a lume em 2009. Machado Filho (2009) assim o descreve:

O *Flos Sanctorum*, cuja edição aqui se apresenta, é um documento fragmentário, de caráter hagiográfico, escrito em pergaminho, paleograficamente datável do século XIV, integrante desde 1964 do acervo da Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, tendo sido trazido para o Brasil, juntamente com a versão mais antiga em português dos *Diálogos de São Gregório* e do *Livro das aves*, pelo erudito professor brasileiro Serafim da Silva Neto, no ano de 1950. (MACHADO FILHO, 2009, p. 19).

Chama-se hagiografia (do grego ἅγιος “santo”, γράφειν “descrever” e -ία sufixo nominal) aos textos que narram a vida e os feitos miraculosos dos santos. As centenas de narrativas constantes no *Flos Sanctorum* somam um pouco mais de 200 páginas na edição de Machado Filho (2009), são ambientadas em épocas e locais diversos (*e.g.* Roma antiga, Espanha visigótica e Egito) e relatam os milagres perpetrados por santos que curam doentes em estado terminal, fazem aparecer água aos sedentos, exorcizam espíritos malignos, etc. A menção a personagens históricos como os imperadores romanos Décio e Teodósio, além

¹⁰⁸ Denomina-se diplomática a edição que transcreve *ipsis litteris* o texto original; denomina-se semidiplomática a edição que apresente mudanças muito pontuais na transcrição do texto original (*e.g.* no emprego da pontuação, no emprego de letras maiúsculas, na segmentação correta dos vocábulos e na expansão de palavras abreviadas), de sorte que os escritos se tornem mais acessíveis a um público menos especializado, sem perder a sua essência linguística (SPINA, 1977).

dos reis visigóticos Leovigildo e Recaredo, ajuda sobremaneira a identificar a época em que se teriam passado esses acontecimentos sobrenaturais.

A origem do *Flos Sanctorum* está envolta em incertezas, uma vez que não se conhece nem a sua autoria, nem o lugar onde foi redigido, nem tampouco suas fontes. Supõe-se que ele seja oriundo do norte de Portugal, talvez de algum mosteiro situado nas adjacências de Braga (MACHADO FILHO, 2009). A existência de alguns saltos-bordões¹⁰⁹ nos manuscritos sugere que estes não sejam nem textos autógrafos, nem traduções de originais latinos, mas antes cópias de outra versão vernácula mais antiga da qual não se tem notícia. De qualquer forma, alguns dos relatos do códice possuem relação com a célebre coletânea hagiográfica do arcebispo de Gênova Jacobo de Vorágine (1230-1298): a *Legenda Aurea*. Na contramão de tantas incertezas, evidências paleográficas dão, ao menos, pistas de que o *Flos Sanctorum* data do fim do século XIV ou, no máximo, do início do XV.

O teor dos textos hagiográficos do códice é, segundo já se antecipou, predominantemente narrativo. Em geral, são relatos de poucas páginas ou até de poucos parágrafos, à semelhança de minicontos, nos quais os santos, ou perpetram milagres para dar lenimento às vicissitudes alheias, ou perpetram milagres para salvar a sua própria alma da perdição e dos reinos infernais. Ao cabo, costuma aparecer ou subjazer uma lição moral advinda dos eventos narrados, como a que se segue:

(76) - “Este exemplo soya a contar Aluito ameudi e o abade Johã aos seus discipulos pera ensiná-los como fossem pacientes. E dezia demais pola porta d’Athenas a que siia¹¹⁰ o velho que provava¹¹¹ os que eram pacientes: ‘Aquesta é a porta de Deus, per que os nossos padres com gram prazer sofreram muytos nojos com gram prazer. E por esto que lhes faziam, merecerom a entrar na cidade de Deus’.”

(in MACHADO FILHO, 2009, p. 157).

¹⁰⁹ Os saltos-bordões são falhas cometidas pelos copistas ao excluïrem, por desatenção, pequenas partes do texto que estejam situadas entre duas palavras repetidas (CAMBRAIA, 2005). O salto-bordão pode ser indicado pelo próprio copista por meio de erratas ou pode ser indiretamente detectado se houver uma quebra abrupta na fluidez das sentenças.

¹¹⁰ O verbo arcaico *seer* (< *sedēre*) tinha duas formas variantes para o pretérito imperfeito do indicativo: *siia* (< *sedebat*, imperfeito de *sedēre*) e *era* (< *erat*, imperfeito de *esse*), que depois passou a ser a única forma disponível no português. Na fase arcaica, conforme se apontou anteriormente, o verbo *seer* acumulava as funções hodiernas de *ser* e *estar*, portanto o trecho *pola porta d’Athenas a que siia o velho* corresponde a *pela porta de Atenas a que estava o velho* (SILVA, 2013).

¹¹¹ *provava* = *submetia à prova*.

3.5.2 O gerúndio no *Flos Sanctorum*

O gerúndio aparece sobejamente nas 200 páginas de português arcaico do *Flos Sanctorum*, totalizando um pouco mais de 560 ocorrências, com funções muito diversificadas: adverbial, atributiva, coordenativa e verbo principal de perífrases.

Não obstante essa diversidade de usos, é forçoso atentar para o fato de que aproximadamente 40% desse total correspondem a gerúndios adverbiais temporais, cuja elevada profusão decerto se explica pelo próprio teor narrativo dos textos hagiográficos. Com efeito, qualquer autor pode, em língua portuguesa, lançar mão de orações temporais reduzidas para indicar simultaneidade ou anterioridade entre dois eventos narrados e para, ao mesmo tempo, evitar uma eventual e enfadonha repetição de conjunções subordinativas. Todavia, o argumento que mais firmemente corrobora a influência do tipo textual narrativo sobre a abundância de gerúndios adverbiais temporais concerne à queda abrupta na frequência da forma nominal nos capítulos relativos aos doze mandados, em que há claro predomínio do tipo textual injuntivo. Nos referidos capítulos do *Flos Sanctorum*, um bispo dirige aos seus discípulos doze sermões religiosos, nos quais ele obviamente não está narrando uma sucessão de eventos, mas antes prescrevendo condutas e comportamentos aos correligionários. Essa inclinação dos textos narrativos ao uso de gerúndios adverbiais temporais também ajuda a explicar por que a frequência da forma nominal é proporcionalmente inferior nas 150 cantigas medievais analisadas.

Feitos esses apontamentos preliminares, vejamos as diversas funções em que o gerúndio foi empregado no *Flos Sanctorum*:

a) Função atributiva:

(77) – “Huñ marinheyro **andando** sobre mar perigou e perdeu muy grande haver daquelo que tragia (...).”.

[um marinheiro andando sobre mar = um marinheiro que andava sobre o mar].

(*ibidem*, p. 193, grifos nossos).

b) Função predicativa:

(78) – “E o anjo que o havia de guardar ya muy longe del, triste e **chorando**, assi como tresteza e choro convem ao anjo.”.

[chorando = choroso].

(*ibidem*, p. 163, grifos nossos).

Em (78), tanto a coordenação entre o adjetivo *triste* e o gerúndio *chorando*, quanto a paráfrase indicada entre colchetes demonstram de modo cristalino que ambos os termos têm função de predicativo do sujeito.

c) Função predicativa, após verbo de percepção:

(79) – “Mas os de pequeno coração e os duvidosos que agora o enmiigo espanta ouviram depois as mulheres e os meninhos **catando**¹¹² e **louvando** Deus em parayso (...).”.

[as mulheres e os meninhos catando = as mulheres e os meninhos que estavam catando].

(*ibidem*, p. 102, grifos nossos).

d) Função coordenativa aditiva:

(80) – “E quando ja o sol se queria poer, levantou-se o abade **glorificando** e **beenzendo** o nome de Deus e disse:”.

[i.e. levantou-se, glorificou, benzeu e disse].

(*ibidem*, p. 100, grifos nossos).

e) Função adverbial modal:

(81) – “(...) e tomarom o sancto corpo e levarom-no, **cantando** e **louvando** a nostro senhor, a huñ logar muy boo e ali lhi fezerom muymento¹¹³ e soterrarom-no hi¹¹⁴ (...).”.

[cantando e louvando = com cantos e louvores].

(*ibidem*, p. 69, grifos nossos).

¹¹² catando = procurando.

¹¹³ muymento (< *monumentum*) = sepultura, mausoléu.

¹¹⁴ hi (< *ibi*) = lá, ali ou aí.

f) Função adverbial concessiva:

(82) – “(...) come¹¹⁵ Deus padre que envyou huũ filho soo que havia pera morrer, em tal que nos livrasse e remiisse e, **seendo** nós seus enmiigos, quis morrer por nós.”.

[sendo nós seus inimigos = embora fôssemos seus inimigos].

(*ibidem*, p. 218, grifos nossos).

g) Função adverbial final:

(83) - “E depois que orou, disse abertamente, **ouviindo** todos aqueles hi estavam:”.

[ouvindo todos que ali estavam = para que ouvissem todos que ali estavam].

(*ibidem*, p. 145, grifos nossos).

Em (83), é igualmente possível interpretar a oração gerundial como consecutiva: *disse abertamente, de modo que ouvissem todos que ali estavam*.

h) Função adverbial causal:

(84) – “E o sancto homem, **temendo**-se de maldade sua deles, mandou dizer a Claudio, que era governador da cidade de Merida (...).”.

[temendo a maldade deles = porque temia a maldade deles].

(*ibidem*, p. 141, grifos nossos).

i) Função adverbial temporal (simultaneidade):

(85) – “**Jazendo** Leouegildo, princepe mao e cruevil de que suso¹¹⁶ falamos, hũa noyte dormindo em seu leyto, apareceu-lhi a gloriosa sancta Olalha e deu muytos açoutes em sas costas e disse-lhi:”.

[Jazendo Leovigildo = Enquanto jazia Leovigildo].

(*ibidem*, p. 138, grifos nossos).

Em (85), a oração temporal indica a simultaneidade entre dois eventos verbais: o jazimento de Leovigildo e a aparição de santa Eulália. Tal construção sintática, segundo se

¹¹⁵ come = como.

¹¹⁶ suso (< *sursum*) = acima, anteriormente.

apontou no início desta seção **3.5.2.**, é amiúde utilizada em textos narrativos como o *Flos Sanctorum*, no qual preponderam as orações temporais de simultaneidade sobre as de anterioridade.

É válido destacar também que esse tipo de oração adverbial pode vir preposicionado:

(86) – “Onde lhy aveo¹¹⁷ que **em comendo**-as cofondeu-xi-lhi¹¹⁸ o estamago e começou d’enfraquecer e d’enfermar e leyxou¹¹⁹ de colher as ervas.”

[em as comendo = ao comê-las = quando as comeu].

(*ibidem*, p. 106, grifos nossos).

j) Função adverbial temporal (anterioridade):

(87) – “E em tam sancta¹²⁰ **vivendo** e com boas obras **fazendo**, ensarrou os seus dias e foy-se pera a gloria do parayso.”

[E em tão santa (vida) vivendo = E depois de viver em tão santa vida].

(*ibidem*, p. 146, grifos nossos).

Em (87), os dois eventos verbais indicados pelas orações temporais – viver em santa vida e fazer boas obras – são lógica e necessariamente anteriores ao evento derradeiro da morte. Por esse motivo, optou-se por parafrasear o gerúndio *vivendo* pela combinação da locução prepositiva *depois de* com o infinitivo *viver*.

k) Função adverbial condicional:

(88) – “E pera aprender o menino mais aginha¹²¹, dizia aquel clerigo de si meesmo que lhi escrevera huñ libelo muy boo per que leesse e dizia que, **querendo** seu padre e sa madre lhi dar o preço daquel libelo que escrevera, dixi eu aa madre do menino que mi mandasse fazer huñ manto de cilicio¹²² e ela assi mho prometeu.”

¹¹⁷ aveo = adveio, com sentido de *aconteceu*.

¹¹⁸ cofondeu-xi-lhi = confundiu-se-lhe.

¹¹⁹ leyxou = deixou.

¹²⁰ Machado Filho (2009) chama atenção para a ausência de um substantivo a que o adjetivo *sancta* se refira. Provavelmente, trata-se do substantivo *vida*.

¹²¹ aginha = depressa.

¹²² O cilício é uma espécie de túnica áspera utilizada em atos penitenciais (MACHADO FILHO, 2013).

[querendo seu pai e sua mãe lhe dar o preço daquele libelo = se quisessem seu pai e sua mãe lhe dar o preço daquele libelo].

(*ibidem*, p. 252-253, grifos nossos).

Conquanto o excerto (88) tenha períodos levemente truncados, pode-se verificar que a oração gerundial – *querendo seu padre e sa madre lhi dar o preço daquel libelo que escrevera* – expressa uma hipótese para cuja realização se impõe à mãe que esta faça ao clérigo um manto de cilício. Nesse caso, *querer dar o preço daquele libelo* funciona como prótase e *mandar fazer um manto de cilício*, como apódose.

l) Verbo principal de perífrases:

(89) – “E estava **cortando** sa lenha e fazia gram carrega¹²³ e provou-a pera podê-la levar e não podia.”.

[aspecto verbal imperfeito: estava cortando = cortava].

(*ibidem*, p. 154).

(90) – “E huũ dia ora de sesta seendo o menino **leendo** ante mim e eu **fazendo** mhas obras (...).”.

[aspecto verbal imperfeito: sendo (*i.e.* estando) lendo = enquanto lia].

(*ibidem*, p. 256).

(91) – “Eu andey, disse sam Jheronimo, **catando** as maravilhas do deserto hũũ ano e sete meses.”.

[aspecto verbal iterativo: andei catando = tenho catado].

(*ibidem*, p. 106, grifos nossos).

(92) – “E peru¹²⁴ passavam, yam **dando** odor de musgo e d’algalya e doutras species que cheyram bem.”.

[aspecto verbal imperfeito: iam dando = davam].

¹²³ carrega = carga.

¹²⁴ peru (per + u) = por onde.

(*ibidem*, p. 62, grifos nossos).

(93) – “E ela pesseverava **voando** a redor de mim, ata que a oraçõ do eyxoprar¹²⁵ era fiinda.”.

[aspecto verbal cursivo].

(*ibidem*, p. 63, grifos nossos).

Os excertos (89), (90), (91), (92) e (93) demonstram que as perífrases de gerúndio eram tão produtivas e variadas na fase arcaica quanto o são na fase hodierna do português, pois elas não só podiam tomar verbos auxiliares diversos (*e.g. estar, ser, andar, ir e perseverar*), como também apresentar mais de um aspecto verbal. Em contrapartida, há notáveis diferenças entre as duas fases da língua, no que concerne a essas perífrases. Em primeiro lugar, na fase arcaica, o verbo *seer*, que acumulava as funções modernas do verbo *estar*, podia formar locuções gerundiais de aspecto cursivo ou imperfectivo, a exemplo do que se vê em (90): *seendo leendo*. As funções modernas dos dois verbos – convém lembrar – só se delimitaram por volta do século XVI (SILVA, 2013). Em segundo lugar, na fase arcaica, consoante os apontamentos feitos no fim da seção 3.4.2, certos verbos auxiliares pareciam à época não ter perdido de todo o seu significado etimológico, de modo que o seu processo de gramaticalização não parecesse completo. Um bom exemplo disso é o verbo *jazer* (< *iacēre*, “estar deitado”), que aparece incontáveis vezes no próprio *Flos Sanctorum* em contextos frasais como este: *E ele jazendo em seu leyto dormindo...* (MACHADO FILHO, 2009, p. 240, grifos nossos). No caso em tela, *jazer* parece ter ainda o significado etimológico de “estar deitado”. Por último, é válido mencionar que a famigerada perífrase gerundial composta por *ir + estar + gerúndio* (*e.g. vou estar fazendo*), que muitos gramáticos rechaçam alegando gerundismo, não foi detectada nenhuma vez nos *corpora* portugueses medievais da pesquisa.

3.5.3 O particípio presente no *Flos Sanctorum*

Não há nenhuma ocorrência inequívoca do particípio presente no *Flos Sanctorum*. Tal fato chama a atenção porque os textos religiosos da fase arcaica, por estarem sujeitos

¹²⁵ eyxoprar = hissopar, isto é, aspergir água benta com o hissope.

aos influxos do latim eclesiástico, seriam em tese mais afeitos a decalques do participípio presente latino, a exemplo do que ocorre nos *Diálogos de São Gregório* (CAMPOS, 1980). Aliás, nos próprios textos do *Flos Sanctorum*, encontram-se às vezes citações latinas e as respectivas traduções em português arcaico.

Nos excertos seguintes, as formas grifadas têm o antigo morfema *-nt-* do participípio presente, mas o seu valor verbal não é suficientemente claro para que tal classificação seja a elas atribuída:

(94) – “Quando esto entendeu o enmiigo fez **entendente** aos fiees de Deus que quanto fazia todo era por hypocrisia.” [fez entendente = convenceu].

(*ibidem*, p. 111, grifos nossos).

(95) – “(...) e nō recebeu ante sa morte nêhuũ conforto de nêhuũ parente, nem de nêhuũ **conhocente** seu, abride-lhi a porta do parayso e leixade-o¹²⁶ entrar.”

[conhocente = conhecido]

(*ibidem*, p. 166, grifos nossos).

(96) – “Aqui se começa a paixom ou os desmostramentos¹²⁷ dos VII^{te} sanctos **dormentes** que depois que conhocerom nostro senhor na cidade de Epheso dormirom CCC^{tos} LXXII anos em hũa cova (...).”

(*ibidem*, p. 243, grifos nossos).

(97) – “Aquestes sete **dormentes** ante¹²⁸ que a fe de Jhesu Christo recebessem haviam estes nomes:”

(*ibidem*, p. 243, grifos nossos).

Nenhuma das palavras grifadas tem valor verbal cristalino, embora provenham dos verbos *entender*, *conhocer* (arcaico) e *dormir* respectivamente. Em (94), o termo *entendente* parece ser parte integrante e indissociável da expressão arcaica descrita por Machado Filho (2013): *fazer entendente* (“convencer”). Em (95), *conhocente* é um rele

¹²⁶ leixade-o = deixai-o.

¹²⁷ desmostramentos = descrições.

¹²⁸ ante = antes.

substantivo com o significado de “conhecidos”. Em (96), *dormentes* é apenas um adjetivo a qualificar o substantivo *sanctos* e, em (97), um substantivo na função de núcleo do sintagma nominal. Portanto, é lícito dizer que o valor verbal desses termos eruditos persiste de modo opaco e residual, ao contrário do particípio presente latino, que poderia tomar complementos objetivos ou circunstanciais como qualquer verbo finito.

3.6 Resumo do capítulo 3

Depois de arroladas e descritas à exaustão inúmeras ocorrências do gerúndio e do particípio presente, extraídas de cinco *corpora*, convém fazer um balanço dos resultados até aqui obtidos e apresentar suas implicações.

A *Antología del latín vulgar* de Díaz y Díaz (1962) consta de aproximadamente 200 páginas de textos latinos tardios e medievais que incluem gêneros textuais diversos e escritos cuja datação se estende do século I. d.C. ao IX. Há neles pouco mais de 10 gerúndios ablativos, com largo predomínio dos de função modal e ocorrências isoladas de um gerúndio temporal e um causal preposicionado cujas feições sintáticas são muito mais clássicas do que populares. Por outro lado, há mais de 230 particípios presentes, com variadíssimas funções: atributiva, predicativa, predicativa após verbo de percepção, nominal, coordenativa aditiva, modal, concessiva, final, causal e temporal. Conquanto os textos da antologia sejam tidos por “vulgares” e apresentem, de fato, um amplo rol de marcas linguísticas romances, eles, no que concerne ao uso seletivo das duas formas nominais em tela, estão mais próximos do latim clássico do que das línguas românicas.

As *Glosas Emilianenses*, as *Glosas Silenses* e os documentos privados ibéricos são materiais linguísticos de feições distintas que se encontram coligidos no livro *Orígenes del español*, de Pidal (1950). Os dois primeiros são textos religiosos antigos, redigidos em latim, sobre os quais glosadores ibéricos dos séculos X e XI fizeram centenas de glosas, mormente num dialeto navarro-aragonês, a fim de elucidar palavras ou expressões que pudessem ser obscuras ao público leitor da época. Nos originais latinos, há exíguos 6 gerúndios ablativos, dos quais 5 são modais, e 1 é temporal ou condicional. Em regra, os hermeneutas não viam necessidade de sugerir glosas para explicar os gerúndios ablativos, excetuando-se, é claro, os casos em que o significado lexical do verbo pudesse ser desconhecido: “*tribuendo* ¹⁴⁶[donando]” (in PIDAL, 1950, p. 17). Por outro lado, nos

originais latinos, há algo em torno de 40 participípios presentes, dos quais quase a metade vem seguida de glosa, sendo 10 compostas por gerúndio, como em: *abfente* ⁸³[luenge flando] (*ibidem*, p. 14). Em Pidal (1950), há depois uma breve relação de 12 documentos privados ibéricos, que estão redigidos num latim tabelionesco, e nos quais há apenas 3 gerúndios ablativos e 12 participípios presentes. A classificação dos gerúndios é parcialmente dificultada pela obscuridade dos textos, mas, ao que parece, 2 deles são modais, e 1 é condicional. Dentre os participípios presentes, 7 parecem ser expressões ou fórmulas latinas decoradas pelos tabeliões medievais, que, a olhos vistos, não sabiam empregar o ablativo absoluto consoante as normas gramaticais clássicas. Enfim, os dados apresentados por esses três materiais suscitam duas relevantes conclusões: 1) os falantes dos séculos X e XI não estavam familiarizados com o participípio presente, visto que este foi glosado várias vezes nos textos religiosos e utilizado de modo espúrio nos documentos privados; 2) o gerúndio ablativo é o legítimo substituto românico do participípio presente latino, visto que este foi diversas vezes glosado por aquele.

Os documentos do tombo de Toxos Outos, organizados por Pérez Rodríguez (2004), somam extensas 850 páginas, nas quais constam mais de 500 documentos privados oriundos da Galiza ou das adjacências e datados majoritariamente dos séculos XII e XIII. A imensa maioria deles está redigida num latim ora mais, ora menos correto, ao passo que uma diminuta minoria está redigida em dialetos vernáculos. Em todo esse vasto material, há apenas 30 gerúndios ablativos, com funções razoavelmente diversificadas: modal, coordenativa aditiva, final, causal e temporal. Por seu turno, o participípio presente soma incríveis 830 ocorrências, mas cerca de metade destas corresponde a expressões ou fórmulas latinas exaustivamente repetidas, de modo que as orações participiais deste *corpus* não sejam tão variadas quanto sugere sua vultosa frequência. Apesar disso, foi possível encontrá-lo consideráveis vezes nas suas funções mais habituais: atributiva, coordenativa aditiva, adverbial. Em suma, *Os documentos do tombo de Toxos Outos* demonstram que o gerúndio ablativo já tinha, à época, incorporado muitas funções do participípio presente, cujo largo emprego nos manuscritos se deve antes à influência do latim clássico ou medieval do que à sua malfadada sobrevivência nos dialetos românicos (BRANDÃO, 1963).

O *corpus* de poemas medievais portugueses consta de 150 cantigas de escárnio e de maldizer do século XIII que estão coligidas no *Corpus Informatizado do Português*

Medieval (CIPM). Nelas, há um panorama inverso ao que se viu nos *corpora* latinos: o gerúndio, com quase 40 ocorrências, é mais numeroso que o particípio presente, que apareceu uma única vez. Dentre essas quase 40 ocorrências, veem-se funções diversificadas: predicativa após verbo de percepção, coordenativa aditiva, modal, concessiva, temporal e verbo principal de perífrase. Por seu turno, o único particípio presente encontrado tem função temporal. As 150 cantigas analisadas demonstram que, já nos primeiros séculos de produção textual vernácula, o gerúndio gozava de boa versatilidade funcional, enquanto o particípio presente tinha uma existência débil e artificial.

O *Flos Sanctorum*, organizado por Machado Filho (2009), é uma coleção de narrativas hagiográficas medievais que somam cerca de 200 páginas escritas em português arcaico e cuja estimada datação remete aos fins do século XIV. Nele há sobejos 560 gerúndios e nenhum particípio presente. Dentre essas 560 ocorrências, 40% ou mais têm função temporal, cuja elevada frequência tende a ser comum em textos do tipo narrativo. Além dessa proeminente função gerundial, muitas outras aparecem neste *corpus*: atributiva, predicativa, predicativa após verbo de percepção, coordenativa aditiva, modal, concessiva, final, causal, condicional e verbo principal de perífrase. Em contraste com tamanha abundância e diversidade de usos, não há nenhuma ocorrência inequívoca do particípio presente, em que pese aos influxos do latim eclesiástico sobre os textos religiosos da fase arcaica. Formas demasiado esporádicas como *entendente*, *conhocente*, *dormente* e outras similares, embora tenham o mesmo morfema *-nt-* e provenham de verbos, não têm, do ponto de vista sintático, valor verbal tão claro a ponto de serem considerados particípios ativos. Na prática, comportam-se como meros substantivos ou adjetivos. Por derradeiro, os resultados obtidos após a análise do *Flos Sanctorum* reafirmam aqueles obtidos após a análise das cantigas medievais e vão até mais além: o gerúndio, à exceção de algumas pontuais diferenças, tinha, no remoto século XIV, quase todos os seus empregos e funções hodiernos.

4. A RECONSTRUÇÃO COMPARATIVA DAS FUNÇÕES DO GERÚNDIO ABLATIVO

Neste capítulo, busca-se reconstruir as funções do gerúndio no protorromance por meio do método histórico-comparativo, cujos fundamentos e limites foram suficientemente descritos na seção 1.2. Depois de analisados os empregos gerundiais no português arcaico, o propósito agora é compará-los com os seus correspondentes nas outras línguas neolatinas majoritárias (*i.e.* francês, italiano, castelhano e romeno), nas respectivas fases arcaicas, e verificar, após o cotejo entre eles, semelhanças funcionais que apontem para uma remota origem comum. Por exemplo, caso se constate que, em muitas áreas do orbe românico, o gerúndio pode ter função atributiva à maneira de um particípio presente latino, será possível conjecturar que tal função já existisse primitivamente no latim da plebe romana.

Entretanto, quaisquer que sejam os produtos resultantes da aplicação do método, é preciso rememorar que nem todos os traços compartilhados por dialetos aparentados são necessariamente frutos de uma origem comum. No caso das línguas românicas, outros três fatores contribuíram para que elas compartilhassem tantos traços: o contato linguístico, os influxos do latim medieval e o paralelismo evolutivo (MAURER Jr., 1951). Conforme se expôs na seção 1.2, o uso inadvertido de empréstimos ou de decalques durante a aplicação do método histórico-comparativo deturpará os resultados, tornando-os espúrios. A mesma advertência se aplica às evoluções linguísticas em paralelo, de que se tratará mais adiante. Por esse motivo, antes de trazer excertos em francês, em italiano, em castelhano ou em romeno, convém tecer, nas próximas seções, profícuos comentários históricos sobre o papel que esses três supracitados fatores tiveram na formação dos dialetos românicos, **pois todos eles podem ter incidido sobre os empregos do gerúndio.**

Este capítulo 4 se subdivide em três seções: na primeira, há as considerações históricas sobre a România Ocidental e os empregos gerundiais no francês, no italiano e no castelhano, nas respectivas fases arcaicas; na segunda, há as considerações sobre a România Oriental, com destaque para o papel singular do romeno na Filologia Românica, e, em seguida, os empregos gerundiais no romeno antigo; por fim, há a efetiva aplicação do método histórico-comparativo e os seus produtos hipotéticos. A opção por um tratamento individual do romeno se justifica pelo seu processo histórico *sui generis* e por suas feições linguísticas únicas dentre os descendentes do latim.

4.1 O gerúndio na România Ocidental

4.1.1 Particularidades históricas da România Ocidental

Ao longo do período republicano e em parte do período imperial, Roma expandiu militarmente suas fronteiras políticas até longínquos lugares do mundo antigo, levando consigo suas instituições administrativas, sua cultura e sua língua: o latim. No século II d.C., quando atingiu sua máxima extensão, o império abrangia a Península Itálica, a Península Ibérica, a Gália, o sul da Bretanha, os Alpes, a Península Balcânica, a Ásia Menor, a Mesopotâmia, a Judeia, a faixa setentrional da África e as inúmeras ilhas mediterrâneas. No entanto, os romanos não enraizaram sua língua em todas as regiões conquistadas. Na Grécia, na Ásia Menor, na Mesopotâmia, na Judeia e no Egito, o idioma do Lácio limitou-se às suas funções administrativas e não conseguiu sobrepujar as línguas locais, que já dispunham, em muitos casos, de longa tradição escrita e compunham culturas multisseculares. Noutras regiões, na costa do Magrebe e no sul da Bretanha, por exemplo, há evidências concretas de que o latim chegou a criar algumas raízes, mas estas foram quase inteiramente obliteradas pelos árabes, que conquistaram o norte da África ao longo do século VII, e pelos anglo-saxões, que se apoderaram da então pouco povoada Bretanha no século V (BASSETTO, 2013).

Nas porções ocidentais do Império Romano, a saber, na Península Itálica, na Península Ibérica, na Gália, nos Alpes e na Sardenha, a influência romana foi suficientemente profunda para que nelas subsistissem fortes redutos de latinidade. Não obstante as posteriores invasões de povos aloglotas majoritariamente germânicos, que remodelaram a configuração política do Oeste Europeu em pequenos reinos e estabeleceram as bases do Feudalismo, os dialetos românicos floresceram e, a depender do seu prestígio político e cultural, obtiveram esplendor próprio e passaram a ser paulatinamente, ao lado do latim, instrumento da vida intelectual e literária na Idade Média. À extensa região na qual surgiram os dialetos românicos ocidentais chama-se **România Ocidental**, que inclui os dialetos italianos setentrionais, o reto-romano, o francês, o provençal, o catalão, o castelhano, o português, além de muitas línguas minoritárias. À **România Oriental** correspondem os dialetos italianos centro-meridionais¹²⁹ e o romeno, ao

¹²⁹ O italiano padrão provém dos dialetos toscanos, em especial da variante florentina, cujo elevado prestígio se deve antes ao seu esplendor literário, encabeçado por Dante Alighieri, Petrarca e Boccaccio, do que a uma eventual supremacia política (BASSETTO, 2013). Embora esteja do lado oriental da linha de La Spezia-

qual se dedica nesta dissertação um tratamento em separado. O sardo, por seu turno, ocupa uma posição intermediária. A fronteira linguística entre as duas áreas recebe o nome de linha La Spezia-Rimini, que se estende da cidade de La Spezia, na costa da Ligúria, até a cidade de Rimini, na costa da Emília-Romanha, no Mar Adriático (ILARI, 2018). Veja-se o mapa:

Figura 2- A Área Linguística Românica na Europa

Fonte: ERNST, Gerhard *et al.* Romanische Sprachgeschichte. Histoire linguistique de la Romania. Walter de Gruyter: Berlin, 2003. Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Western_and_Eastern_Romania.PNG&oldid=316061299 (acesso em 17 de novembro de 2018).

A figura 1 demonstra visualmente o primeiro dentre os três mencionados fatores a ensejarem as similitudes entre as línguas da România Ocidental (*Western Romania*): o **contato linguístico**. Se, por um lado, a fragmentação política do Império e a incidência dos superestratos germânicos engendraram a diversificação dialetal do latim (AUERBACH, 1987), por outro, a contiguidade territorial dos dialetos ocidentais contribuiu sobremaneira

Rimini, Maurer Jr. (1951) prefere inserir o italiano no contexto histórico-cultural do ocidente românico devido ao seu contato ininterrupto com os dialetos ocidentais e com o latim medieval, diferentemente do romeno, que ficou isolado por muitos séculos dessas forças latinizantes.

para que eles mantivessem contato uns com outros durante a Idade Média e, por causa disso, compartilhassem muitas feições linguísticas. Segundo Maurer Jr.:

Esta notável semelhança das línguas românicas do Ocidente – desde Portugal até a Itália – não se deve apenas à sua origem comum no latim vulgar do império romano, como tantas vezes se parece acreditar, mas é o resultado de uma **unidade contínua** de contato ininterrupto entre tôdas as línguas da família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do Império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por tôda a România ocidental, enriquecendo o seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que a constituem. (MAURER Jr., 1951, p. 9, grifos nossos).

Destarte, à medida que os incipientes reinos medievais se iam formando e estabilizando, intensificava-se o contato linguístico por meio da circulação de comerciantes, de peregrinos e de jograis no Oeste Europeu (MAURER Jr., 1951). As guerras também surtiavam um efeito semelhante, na medida em que nobres e soldados franceses compunham parte significativa dos exércitos cristãos à época da Reconquista na Península Ibérica (BASSETTO, 2013). Aliás, do século XI em diante, esse contato com o francês por meio do comércio, da religião, da literatura e da guerra de tal modo se intensificou que galicismos léxicos e fraseológicos passaram a adentrar crescentemente nas línguas peninsulares. Um desses galicismos, segundo o filólogo português Epiphânio Dias (1970) e o espanhol Martín Alonso (1962), seria justamente o gerúndio em função atributiva: *caixa contendo fósforos* (*contendo* = *que contém*). Nas próximas seções, essa controversa questão será trazida à baila com mais detalhes.

O segundo fator a ensejar as similitudes entre as línguas românicas ocidentais concerne aos **influxos do latim medieval**. Ao longo da Idade Média e da Idade Moderna, o latim não só era a língua da Igreja Católica Romana como também era, por excelência, um instrumento acadêmico das nascentes universidades medievais. Dessa forma, à medida que os dialetos românicos ganhavam prestígio político e cultural, os seus utentes mais ilustrados supriam o outrora limitado léxico vernáculo justamente com morfemas, palavras e expressões latinos para que estes satisfizessem suas necessidades literárias e científicas. Um exemplo de latinismo panromânico é palavra portuguesa *capítulo* (< *capitulum*), cujas formas correspondentes são: *capítulo* (castelhano), *chapitre* (francês), *capitolo* (italiano) e

*capitol*¹³⁰ (romeno). Maurer Jr. (1951) arrola um copioso número de latinismos compartilhados por todas as línguas românicas majoritárias, entre as quais o francês teve um papel precípua na veiculação dos novos termos eruditos, sobretudo após a Reforma Carolíngia no fim do século VIII. Em nível sintático, cabe aqui lembrar os já mencionados decalques do participio presente latino em textos portugueses arcaicos como n'A *Regra de São Bento* (CAMPOS, 1980).

O terceiro e último fator de unidade linguística remete às **evoluções**¹³¹ **em paralelo**, que se configuram quando o mesmo fenômeno linguístico ocorre de maneira independente em línguas aparentadas. De acordo com Wartburg (1952), a substituição do sistema triforme de pronomes demonstrativos latinos *hic-iste-ille* por um sistema biforme no francês (*ce-celui*), no provençal (*aiceste/aqueste-aquel*), no romeno (*acest-acele*) e nos dialetos reto-romanos é um fenômeno que não poderia ser satisfatoriamente elucidado nem pelo contato entre todas essas línguas, devido ao isolamento multissecular da Dácia, nem tampouco por uma origem comum, haja vista a manutenção do sistema triforme na maior parte da România, a saber, no português¹³², no castelhano, no catalão, no sardo e no italiano. Wartburg (1952) atribui essa evolução paralela ao forte influxo germânico na Gália e na Récia e ao forte influxo eslavo na Dácia, já que nessas duas famílias de línguas adventícias predominava e ainda predomina um sistema biforme. Meyer-Lübke (1920) alerta que a Sintaxe é mais suscetível à ocorrência de evoluções paralelas do que a Fonética e a Morfologia:

Am schwierigsten liegen die Verhältnisse bei der Syntax. Auch hier zeigt das Romanische neben ganz neuen Fügungen uralte oder doch Ausläufer uralter, und wenn die rekonstruierende Forschung mancherlei Erscheinungen, die vielleicht dem ciceronischen Latein fremd sind, als vorromanisch bezeichnen kann, so sind doch auch diese nicht alle gleichzeitig entstanden, sondern gehören die einen dieser, die andern einer andern Zeit an. Helfen uns die lateinischen Texte hier mehr als anderswo, weil syntaktische Veränderungen sich viel leichter in die schriftliche Ausdrucksweise eindringen als lautliche und flexivische, so fehlt auf der andern Seite die Kontrolle durch andere Sprachen, die bei den lautlichen

¹³⁰ Enquanto o latinismo *capitulum* adentrou nas línguas românicas ocidentais durante Idade Média, a forma romena *capitol* deve ser um empréstimo bem posterior do italiano *capitolo*. Cunha (2010) aponta que o *terminus a quo* (i.e. a primeira atestação) da forma portuguesa data do século XIV.

¹³¹ Não se interprete aqui o termo *evoluções* de modo valorativo, como se as línguas passassem de um estado pior para outro melhor ou mais evoluído. Em verdade, Maurer Jr. (1951) o empregou como sinônimo de “mudanças”.

¹³² No português brasileiro falado, o pronome *este* tem frequência muito inferior ao do pronome *esse*, de modo que o sistema de demonstrativos se comporte, na oralidade, como binário (CASTILHO, 2012).

Fragen eine so wichtige Rolle spielt. Sodann ist hier noch in viel höherem Grade Vorsicht nötig und darf nicht ohne weiteres aus der Übereinstimmung mehrerer Sprachen schon auf eine gemeinsame Umgestaltung geschlossen werden, da (...) gerade syntaktische Gebilde sich leicht an verschiedenen Orten selbständig erzeugen¹³³. (MEYER-LÜBKE, 1920, § 103, p. 127).

Meyer-Lübke (1920), noutras palavras, assevera que o método de análise documental indutiva é mais confiável que o método histórico-comparativo no âmbito da Sintaxe e indica duas razões para tal assertiva: 1) a facilidade com que construções sintáticas românicas penetravam na linguagem escrita, conforme ficou demonstrado, por exemplo, n'*Os documentos do tombo de Toxos Outos*; 2) a possibilidade de que muitas construções sintáticas compartilhadas pelas línguas românicas e arroladas pelos comparatistas sejam fruto de uma criação posterior e independente, e não de uma origem comum. Todavia, isso não implica a total impossibilidade de uso do método histórico-comparativo para esses fins investigativos. O romanista suíço, na verdade, apenas recomenda cautela aos pesquisadores que pretendam utilizá-lo para reconstruir a Sintaxe protorromânica.

Em resumo, a meta deste capítulo 4 é reconstruir indutivamente as funções do gerúndio no protorromance por meio do método histórico-comparativo, que pressupõe uma fonte comum aos traços linguísticos compartilhados por línguas aparentadas. Porém, no caso em tela, devido às particularidades históricas dos dialetos românicos ocidentais, cabe sempre ventilar a possibilidade de que as semelhanças funcionais entre os gerúndios do português, do francês, do italiano e do castelhano sejam talvez consequência de um contato linguístico, de decalques latinos ou de evoluções paralelas.

¹³³ Tradução nossa: “Entre as mais difíceis relações estão as da Sintaxe. Também aqui o romance mostra, ao lado de algumas construções inteiramente novas, outras antiquíssimas ou, então, desenvolvimentos de antiquíssimas, e quando a pesquisa de reconstrução pode indicar como sendo pré-românicos diversos fenômenos que talvez sejam muito distintos dos do latim ciceroniano, nem todos esses (fenômenos) surgiram ao mesmo tempo, mas uns pertencem a uma época, e outros, a outra. Se os textos latinos nos ajudam aqui mais do que em qualquer outro lugar - uma vez que as mudanças sintáticas penetram muito mais facilmente na expressão escrita do que as (mudanças) fonéticas e flexivas - falta, por outro lado, o controle por meio de outras línguas, que, nas questões fonéticas, têm um papel igualmente importante. Em seguida, é preciso ter aqui, ainda, o maior cuidado possível: uma reorganização comum não pode ser deduzida, sem mais nem menos, a partir da concordância de várias línguas, visto que (...) as construções sintáticas facilmente estão sempre sendo geradas, de modo independente, em diferentes lugares.”.

4.1.2 O gerúndio no francês antigo

A trajetória do gerúndio ablativo no francês é única em todo o orbe românico. Como se sabe, a forte incidência do substrato gaulês e do superestrato franco sobre o galo-romance engendrou muito cedo drásticas transformações fonéticas no léxico latino primitivo, de modo que certas terminações nominais ou verbais acabassem por convergir total ou parcialmente (BASSETTO, 2013). Esses metaplasmos teriam atuado nas terminações do particípio presente e do gerúndio de sorte que as suas formas ficassem muito parecidas, e as respectivas funções comesçassem a se confundir. Segundo Nyrop: “En français, on avait au moyen âge *chantant* (*cantandum*) à côté de *chantanz* (*cantantis*, II, § 239, 1); mais de bonne heure, les deux formes se sont confondues¹³⁴.” (NYROP, 1908, p. 240). Portanto, no francês, as duas formas nominais, devido a questões fonéticas específicas à Gália e devido às posteriores implicações morfossintáticas, teriam passado por um processo parcial de **fusão**; já nas outras partes da România, inclusive na longínqua Dácia, houve um processo generalizado de **substituição** do particípio presente pelo gerúndio ablativo.

As formas *chantant* e *chantanz* compunham, segundo o próprio Nyrop (1924), este reduzido quadro de declinações:

Tabela 3 – A declinação do particípio presente no francês antigo

	Masculino	Feminino
Nominativo singular	<i>chantanz</i>	<i>chantant, chantante</i>
Acusativo singular	<i>chantant</i>	<i>chantant, chantante</i>
Nominativo plural	<i>chantant</i>	<i>chantanz, chantantes</i>
Acusativo plural	<i>chantanz</i>	<i>chantanz, chantantes</i>

Fonte: Nyrop (1924). Grammaire historique de la langue française. Vol. 2 (adaptado).

O francês antigo conservou pálidos resquícios da morfologia casual latina, à época reduzida ao nominativo e ao acusativo na Gália, e manteve uma única e restrita forma de gênero neutro para o particípio presente, que só dispunha do singular: *chantant*

¹³⁴ Tradução nossa: “Em francês, havia na Idade Média *chantant* (*cantandum*) ao lado de *chantanz* (*cantantes*, II, § 239, 1); mas muito cedo, as duas formas se confundiram.”.

(EINHORN, 1999). Tempos depois, a forma *chantant* sobrepujou *chantanz*, e as poucas distinções de caso enfim desapareceram.

Se, do ponto de vista formal, o particípio presente e o gerúndio se teriam tornado idênticos no francês, do ponto de vista funcional, há, segundo Jensen (1990), uma distinção relativa entre eles:

Merged morphologically into a single form, the present participle and the gerund assume the following major syntactical roles: the present participle may serve as an inflected verbal adjective, or it may retain its verbal force in a periphrastic construction with *estre*, while the gerund, preceded or not by a preposition, essentially serves to mark an action that occurs simultaneously with that of the main verb. The two Latin sources are not easily kept apart¹³⁵. (JENSEN, 1990, § 669, p. 322).

Stimming (1886), diferentemente de Jensen (1990), declara que o gerúndio do francês antigo tem como fonte legítima o próprio gerúndio ablativo latino, cuja ampliação de usos teria começado de modo embrionário com Salústio, no século I a.C., e se teria intensificado com Tito Lívio e mais tarde com Valério Máximo, no século I d.C. Devido à influência crescente do latim popular, os autores latinos dos primeiros séculos da Era Cristã podiam utilizar o gerúndio com funções típicas do particípio presente: causal, temporal, condicional, concessiva e modal. Um dos argumentos aduzidos por Stimming (1886) para propor origens distintas ao gerúndio e ao particípio presente do francês antigo concerne à invariabilidade daquele e à variabilidade deste:

Ein weiterer Beweis für die Ansicht, daß bei den in Rede stehenden Wendungen ein Gerundium und nicht ein Part. Präs. vorliegt, besteht darin, daß, wenn das Subst. im Plur. steht, dennoch der Regel nach die unflektierte Form auf *-ant* erscheint¹³⁶. (STIMMING, 1886, p. 533).

O próprio autor reconhece logo em seguida a existência de exceções a essa regra, mas defende que estas não invalidam suas assertivas: “Das zuletzt angezogene Argument wird kaum geschwächt durch die Thatsache [Tatsache], daß einzelne Ausnahmen, das heißt, Fälle vorkommen, in welchen die flektierte Form erscheint¹³⁷ (*ibidem*)”. Com efeito,

¹³⁵ Tradução nossa: “Fundidos morfológicamente em uma única forma, o particípio presente e o gerúndio assumem os seguintes e principais papéis sintáticos: o particípio presente pode servir como um adjetivo verbal flexionado, ou ele pode reter sua força verbal numa construção perifrástica com *estre* (> *être*, “ser” ou “estar”), enquanto o gerúndio, precedido ou não por uma preposição, essencialmente serve para marcar uma ação que ocorre simultaneamente à do verbo principal. As duas fontes latinas não são facilmente separáveis.”.

¹³⁶ Tradução nossa: “Outra prova para a opinião de que há, nos usos correntes no discurso, um gerúndio e não um particípio presente consiste em que, quando o substantivo está no plural, ainda assim a regra relativa à forma invariável em *-ant* aparece.”

¹³⁷ Tradução nossa: “O último argumento apresentado dificilmente se enfraquece pelos fatos de que ocorrem exceções isoladas, isto é, casos nos quais a forma flexionada aparece.”.

Jensen (1990) dá exemplos nítidos de oscilação no uso seletivo das formas nominais: “*vi chandoiles iluec **ardant*** (Fabliaux 10, 489) ‘I saw candles **burning** there’; *vit les **dorman**z, bien les connut* (Bérout 1843) ‘he saw them **sleeping** and recognized them very easily’¹³⁸” (JENSEN, 1990, p. 326, grifos nossos). Em ambas as sentenças, o verbo grifado tem função predicativa e vem precedido de um verbo de percepção (*ver*), porém, na primeira sentença, a forma nominal *ardant* permanece invariável ante o substantivo plural *chandoiles*, ao passo que *dorman*z concorda em gênero, número e caso com o pronome pessoal acusativo *les*.

Outra questão não menos controversa remete à suposta sobrevivência do particípio presente latino na Gália, em claro contraste com o seu desaparecimento em quase toda a România. Stimming (1886) nega que o francês tenha divergido dos outros dialetos românicos nesse aspecto porque, segundo o autor, a forma nominal francesa, dando continuidade à tendência precursora do latim tardio, já tinha perdido boa parte de sua versatilidade funcional para o gerúndio na fase arcaica do idioma. Lausberg (1981, § 814) supõe que o particípio presente francês não seja uma herança do latim, mas o resultado de uma reinterpretação participial do gerúndio etimológico, ao qual se teriam acrescido desinências de gênero, número e caso. Marouzeau (1910), por seu turno, supõe que a ampla variabilidade de usos do particípio presente latino, sobretudo no período republicano de Roma, teria sido um desenvolvimento artificial e literário a que o latim popular se teria mantido alheio. Portanto, a existência do morfema *-nt-* nos dialetos românicos seria, segundo essa versão, uma influência erudita.

Enfim, não é objetivo desta seção 4.1.2 nem apontar qual desses autores elucidaria mais satisfatoriamente as origens do gerúndio e do particípio no francês, nem tampouco propor soluções inéditas para um tema ainda tão obscuro. Em verdade, o objetivo aqui é demonstrar que a língua francesa antiga, por não distinguir claramente as duas formas nominais¹³⁹, **não** fornece informações tão seguras para a aplicação do método histórico-

¹³⁸ Tradução nossa: “*vi chandoiles iluec **ardant*** (Fabliaux 10, 489) ‘Vi velas **ardendo** ali’; *vit les **dorman**z, bien les connut* (Bérout 1843) ‘ele os viu **dormindo** e os reconheceu muito facilmente’”.

¹³⁹ O francês moderno distingue hoje estas três categorias (NYROP, 1908): 1) o particípio presente variável, que, na prática, é um adjetivo verbal: *une langue **chantante*** (“uma língua de canto”); 2) o particípio presente invariável: *une femme **chantant** la Marseillaise* (“uma mulher cantando a Marselhesa”); 3) o gerúndio (*gérondif*), que vem sempre preposicionado: *il passa par le jardine en **chantant*** (“ele passou pelo jardim cantando”). Campos (1980) alerta que essa divisão tripartite é fruto de uma convenção da Academia Francesa em 1679.

comparativo. Não obstante essas incertezas, eis uma breve relação dos principais usos do gerúndio no francês antigo:

a) Função predicativa após verbo de percepção:

(98) – “*iluec vi ta feme gisant.*”.

“vi tua esposa **deitando** ali.”

(*Fabliaux* 10.490, *apud* JENSEN, 1990, p. 326, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Em (98), não é possível determinar com precisão se *gisant* é gerúndio ou particípio presente, cuja forma feminina singular é homônima. Nesse mesmo contexto sintático, o francês antigo admitia também o emprego do infinitivo: *ilueques vi gesir ta feme* (*Fabliaux*, 10.484, *ibidem*, p. 326).

b) Função predicativa após verbo causativo:

(99) – “*Lancelot le nos a hui fait entendant*”.

“Lancelot nos fez **entendê-lo**.”

(*Queste* 11.6, *ibidem*, p. 326, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Em (99), o gerúndio francês *entendant* está empregado numa função típica do infinitivo românico, conforme indica própria tradução portuguesa com o verbo causativo *fazer* e uma oração completiva. Tais construções sintáticas parecem ser restritas aos dialetos da Gália, já que não remontam ao latim, nem devem ter frequência expressiva noutras partes da România. Jensen (1990) e Stimming (1886) citam outros contextos sintáticos em que o gerúndio e o infinitivo eram intercambiáveis.

c) Função nominal:

(100) – “*Mes le prestre lessai coustant.*”

“Ao meu sacerdote deixei os **custos**.”

(Ren. 23.526, *apud* STIMMING, 1886, p. 537, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Em (100), o gerúndio *coustant* funciona como substantivo ou sintagma nominal na função de objeto direto: *os custos*. No francês antigo, certos gerúndios ou participípios presentes podiam tornar-se substantivos, a exemplo de *dormant*, que poderia significar “dormindo”, “dormente” ou ainda “sono”: *en mon dormant* (“no meu sono”) (JENSEN, 1990).

d) Função adverbial temporal (simultaneidade):

(101) – “*en dormant a veü celi por cui ses cuers muert*”.

“**Dormindo**, viu aquela por que seu coração morre.”

[Dormindo = enquanto dormia].

(*Bel Inconnu* 2466, apud JENSEN, 1990, p. 323, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Em (101), a oração gerundial vem preposicionada à semelhança do francês moderno, mas, na fase arcaica do idioma, era também possível encontrar orações gerundiais não preposicionadas em contextos frasais semelhantes. No francês antigo, havia muitas locuções temporais com gerúndio (JENSEN, 1990): *un poi après soleil couchant* (“um pouco depois do pôr do sol”); *ains le soleil levant* (“antes do nascer do sol”), etc.

e) Função adverbial modal:

(102) – “*asez est mieüz que moerjum **cumbatant***”.

“é assaz melhor que morramos **combatendo**.”

(*Roland* 1518, *ibidem*, p. 327, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Nesse contexto sintático de (102) e noutros, o francês antigo também admitia a preposição *en* anteposta ao gerúndio.

f) Forma oblíqua de infinitivo:

(103) – “*servi vos ai par mes armes **portant***”.

“servi-vos **portando** minhas armas” [portando = por meio do portar]

(*Cambrai* 682, *ibidem*, p. 326, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Em (103), o gerúndio *portant* é regido pela preposição *par*, à maneira de uma construção latina: *servivi vobis ab meas armas portando* ou *servivi vobis per meas armas portandum*. No caso em tela, a circunstância de modo ou de instrumento não é indicada pela forma nominal em si, mas pela preposição *par*. Segundo Jensen (1990), o gerúndio preposicionado ganhou alguma popularidade no latim tardio para indicar as formas oblíquas do infinitivo em muitos tipos de orações circunstanciais, mas ele não obteve grande profusão fora dos dialetos galo-românicos. No francês, tais marcações de caso desapareceram tempos depois quando o infinitivo sobrepujou o gerúndio em quase todas essas orações preposicionadas (STIMMING, 1886). Aliás, na própria fase arcaica, já havia oscilação no uso seletivo de uma e outra forma nominal.

g) Verbo principal de perífrases

(104) – “*il aloient **ociant** et **abatant** quanqu’il encontroient devant aus*”.

“eles estavam **matando** e **abatendo** tudo quanto eles encontravam diante de si”.

(*Mort Abut, ibidem*, p. 329, tradução nossa, baseada na do autor, grifos nossos).

Em (104), o verbo *aler* (> *aller*, “ir”, “chegar”) funciona como verbo auxiliar dos dois gerúndios grifados. No francês antigo, o verbo *aler* seguido de gerúndio poderia, ou conservar seu sentido primitivo de movimento ou formar perífrases de aspecto verbal cursivo, de sorte que estas fossem intercambiáveis com perífrases compostas por *estre* (> *être*, “ser” ou “estar”) e particípio presente (STIMMING, 1886).

4.1.3 O gerúndio no italiano antigo

O gerúndio italiano, à semelhança do seu correspondente português, incorporou em época pré-literária as funções do particípio presente, cujo uso na Península Itálica passou a ser apenas um cultismo. Por esse motivo, o gerúndio já possuía notável versatilidade funcional logo nos primeiros séculos de atestação escrita do italiano. Egerland (2010) assim o resume: “In it. ant. [italiano antico] il gerundio appare come predicato: *i*) in una propozione subordinata e *ii*) in una costruzione perifrastica dove è retto da un verbo finito

che normalmente esprime movimento¹⁴⁰.” (EGERLAND, 2010, p. 903). Nos excertos abaixo, nota-se uma ampla e visível correspondência funcional entre o gerúndio italiano e o português:

a) Função atributiva:

(105) – “*Leggesi della bontà [virtù] del re giovane **guerreggiando** col padre per lo consiglio di Beltrame dal Bornio (...).*”.

“Lesse (?) sobre a bondade do rei Giovane, **guerreando** com o pai por conselho de Beltrame de Born (...).” [guerreando = que guerreava].

(*Novellino*, apud EGERLAND, 2010, p. 903, tradução e grifos nossos).

b) Função predicativa:

(106) – “*... sì vi trovò una donna in pianto, scapigliata e scinta, forte **lametando**, la quale era molto sconsolata (...).*”.

“... assim vos encontrou uma senhora em pranto, desgrenhada e frouxa (?), **lamentando** fortemente, a qual estava muito desconsolada (...).”

[lamentando fortemente = que lamentava fortemente].

(*Novellino*, *ibidem*, p. 906, tradução e grifos nossos).

c) Função coordenativa aditiva:

(107) – “*Poi il decto Papa n’andò in Puglia col decto Ruberto, e morì nella città di Salerno, sancto, **faccendo** Idio molti miraculi per [tramite] lui.*”.

“Depois o dito Papa não foi à Apúlia com o dito Roberto, e morreu na cidade de Salerno, santo, **fazendo** Deus muitos milagres por meio dele”.

[fazendo Deus = e fez Deus].

(*Cronica Fiorentina*, *ibidem*, p.906, tradução e grifos nossos).

d) Função adverbial modal:

(108) – “*... m’addormentai come un pargoletto battuto **lagrimando**.*”.

“... adormeci como um menininho abatido **lagrimando**”.

¹⁴⁰ Tradução nossa: “No italiano antigo, o gerúndio aparece como predicado: *i*) em uma proposição subordinada e *ii*) em uma construção perifrástica na qual é regido por um verbo finito que normalmente exprime movimento.”

(Dante, *Vita Nuova*, *ibidem*, p. 904, tradução e grifos nossos).

O gerúndio de função modal ou instrumental aparecia às vezes antecedido de preposição *con* ou *per* em italiano antigo: *chon avendo (sic)*, *per sofferendo*. Egerland (2010) não comenta se essas construções preposicionadas são um latinismo, uma herança latina ou uma inovação do próprio italiano, porém Maurer Jr. (1959) afirma não haver dúvidas de que elas fazem parte de uma tradição latina mais culta, ou seja, trata-se de latinismo.

e) Função adverbial concessiva:

(109) – “*Giunto in Firenze, onorevolmente fue ricevuto; **predicando** pace e **volendo** dar pace, non lli fue creduto.*”.

“Chegado a Florença, honrosamente fui recebido; **pregando** a paz e **querendo** dar a paz, ele não creu em mim.”.

[pregando a paz = embora pregasse a paz].

(*Cronica Fiorentina*, *ibidem*, p. 905, tradução e grifos nossos).

f) Função adverbial final:

(110) – “*Nel decto tempo Arrigo [Enrico II] re d’Inghiterra mandò anbasciadori al decto Papa significando [annunciando] la morte del decto San Tomaso (...).*”

“No dito tempo, Henrique, rei da Inglaterra, mandou embaixadores ao dito Papa, **anunciando** a morte do dito São Tomás (...).”.

[anunciando a morte = para anunciar a morte].

(*Cronica Fiorentina*, *ibidem*, p. 919, tradução e grifos nossos).

g) Função adverbial causal:

(111) – “*Finalmente [alla fine] la notte di venerdie sancto, non **potendo** più sostenere [difendere] il castello, abandonaro¹⁴¹ il castello e fugirono fuori...*”.

“Finalmente, à noite da Sexta-Feira Santa, não **podendo** mais defender o castelo, abandonaram o castelo e fugiram para fora...”.

¹⁴¹ *abandonaro* = *abbandonarono*.

[não podendo mais = porque não podiam mais].

(*Cronica fiorentina, ibidem*, p. 904, tradução e grifos nossos).

h) Função adverbial temporal:

(112) – “*Questi, **andando** in Francia, dallo Imperadore gloriosamente fu ricevuto...*”.

“Estes, **indo** à França, pelo imperador gloriosamente foi recebido...”.

[indo à França = quando foram à França].

(*Cronica Fiorentina, ibidem*, p. 907, tradução e grifos nossos).

Em (112), há uma relação de concomitância entre o evento da oração subordinada reduzida e o evento da principal. O italiano antigo, à semelhança do português, podia recorrer ao gerúndio composto, em cuja estrutura há a forma *avendo* mais participípio passado, para estabelecer uma relação de anterioridade entre um evento verbal e o outro. Também na fase arcaica do idioma, poderia haver gerúndio temporal antecedido de preposição *in*: *in cantando, in rispondendo, etc.* (EGERLAND, 2010).

i) Função adverbial condicional:

(113) – “*Veramente di ciò non faccia alcuno conscienza [problema de coscienza], a ciò che **fallando** [se mancasse] non gli possa essere rimputato a colpa.*”.

“Verdadeiramente disse não faça ninguém consciência, ao que, **falhando**, não lhe possa ser imputada a culpa.”.

[falhando = se falhasse = se cometesse uma falta].

(*Compagnia della Madonna d’Orsammichele, ibidem*, p. 905, tradução e grifos nossos).

j) Verbo principal de perífrases:

(114) – “*... io ne la mia puerizia molte volte l’andai **cercando**...*”.

“... eu, já na minha puerícia, muitas vezes fui **procurando**...”.

[aspecto iterativo].

(*Dante, Vita nuova, apud SQUARTINI*, 2010, p. 541, tradução e grifos nossos).

(115) – “*Appresso costoro passaro*¹⁴² *altre donne, che veniano*¹⁴³ ***dicendo***...”.

“Após estes passaram outras senhoras, que vinham **dizendo**...”.

[aspecto iterativo].

(Dante, *Vita Nuova*, apud EGERLAND, p. 918, tradução e grifos nossos).

O italiano antigo dispunha de duas principais perífrases de gerúndio: uma com o auxiliar *andare* e outra com o auxiliar *venire*, conforme demonstram os excertos (114) e (115), respectivamente. Segundo Squartini (2010), a primeira poderia ter aspecto continuativo, semelfactivo¹⁴⁴ ou iterativo; a segunda também poderia ter aspecto iterativo, mas diferenciava-se levemente da outra perífrase por designar ação verbal de caráter télico¹⁴⁵. Por fim, inexitem ou quase inexitem perífrases com o auxiliar *essere* (“ser” ou “estar”) nessa fase da língua italiana (SQUARTINI, 2010).

4.1.4 O gerúndio no castelhano antigo

O gerúndio tem, no castelhano antigo, funções idênticas às encontradas nas fases antigas do português e do italiano. Com efeito, a narrativa trecentista *El Conde Lucanor*¹⁴⁶, do erudito Don Juan Manuel, reúne quase todos os tipos de oração e de perífrases gerundiais românicas, conforme demonstram os excertos adiante. Todavia, convém destacar que não se tenha detectado na referida obra nenhuma ocorrência inequívoca de gerúndio atributivo, que, segundo Alonso (1962), é um galicismo a ser rechaçado da norma gramatical culta do castelhano: “Puede darse el galicismo al traducir el participio de presente francés, al traducir un adjetivo verbal o en la misma versión del gerúndio: *Envio una caja CONTENIENDO bombones* (= que contiene)¹⁴⁷.” (ALONSO, 1962, p. 429, grifos do autor). Não obstante essas prescrições gramaticais, Hanssen (1913) cita exemplos

¹⁴² *passaro* = *passarono*.

¹⁴³ *veniano* = *venivano*.

¹⁴⁴ Um verbo tem aspecto semelfactivo quando a ação ocorre uma única vez (*semel* em latim significa “uma única vez”). Para mais informações, consulte-se Squartini (2010).

¹⁴⁵ Uma ação verbal é télica quando é realizada com uma dada finalidade e encerrada quando tal finalidade é atingida. Para mais informações, consulte-se Squartini (2010).

¹⁴⁶ Disponível em:

http://www.dominiopublico.es/libros/J/Infante_Juan_Manuel/Infante%20Juan%20Manuel%20-%20El%20Conde%20Lucanor.pdf

¹⁴⁷ Tradução nossa: “Pode dar-se o galicismo ao traduzir o participio presente francês, ao traduzir um adjetivo verbal ou na mesma versão do gerúndio: *Envio uma caixa CONTENDO bombons* (= que contém)”.

oitocentistas e novecentistas de gerúndio atributivo: *lleva en su centro un corazón **manando** sangre* (i.e. que mana), *con los blancos cabellos **flotando** al aire* (i.e. que flutuam). Feitas essas observações preliminares, eis os empregos gerundiais do castelhano antigo:

a) Função predicativa:

(116) – “*Et assí, bravo et sañudo et **faziendo** muy malos contenentes, tornóse a la mesa et cató a todas partes.*”

“E assim, bravo e sanhudo e **fazendo** muito maus gestos (?), tornou-se à mesa e olhou a todas as partes.”

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 107, tradução e grifos nossos).

O caráter predicativo da oração gerundial em (116) é evidenciado por sua coordenação com os outros núcleos predicativos da sentença: *bravo* e *sanhudo*.

b) Função predicativa após verbo de percepção:

(117) – “*vio una muger descalça **bolviendo** lodo cerca el río para fazer adobes;*”

“viu uma mulher descalça **volvendo** lodo perto do rio para fazer adobes;”

[volvendo = que volvia].

(*ibidem*, p. 94, tradução e grifos nossos).

c) Função coordenativa aditiva:

(118) – “*Et desde que el rey se fue para su tienda, mandólos prender, **diziendo** que merescían muerte, pues que se aventuraron a fazer tan grant locura (...).*”

“E quando o rei se foi para a sua tenda, mandou-os prender, **dizendo** que mereciam a morte, pois que se aventuraram a fazer tão grande loucura (...).”

[dizendo que mereciam a morte = e disse que mereciam a morte].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 42, tradução e grifos nossos).

d) Função adverbial modal:

(119) – “*(...) los fechos que fazem las estrellas, que buscaron et sopieron los astronomianos con acucia et **cuydando** mucho en ello.*”

“(…) os feitos que fazem as estrelas, que buscaram e souberam os astrônomos com acurácia e **pensando** muito nele.”.

(*Estoria de España*, PIDAL, 1906, p. 3, tradução e grifos nossos).

e) Função adverbial concessiva:

(120) – “*Et por ende, fízol’ Dios tanta merçed quel’ prometió et le asseguró que avría la gloria de Paraíso. El hermitaño gradesçió esto mucho a Dios; et **seyendo** ya desto seguro, pidió a Dios por merçed quel’ mostrasse quién avía de seer su compañero en Paraíso.*”.

“E por isso, fez-lhe Deus tanta mercê que lhe prometeu e lhe assegurou que teria a glória do Paraíso. O ermitão agradeceu isto muito a Deus; e **estando** já disto seguro, pediu a Deus por mercê que lhe mostrasse quem havia de ser seu companheiro no Paraíso.”.

[estando já disto seguro = embora já estivesse seguro disto].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 13, tradução e grifos nossos).

f) Função adverbial final:

(121) – “*mas plázeme mucho porque dezides que queredes fazer emienda a Dios de los yerros que fiziestes, **guardando** vuestro estado et vuestra onra (...).*”.

“mas me apraz muito porque dizeis que quereis fazer emenda a Deus dos erros que cometestes, **guardando** vosso estado (*i.e.* saúde) e vossa honra (...)”.

[guardando vosso estado = para guardar vosso estado].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 13, tradução e grifos nossos).

g) Função adverbial causal:

(122) – “*Et **entendiendo** don Johan que estos exiemplos eran muy buenos, fízolos escribir en este libro (...).*”.

“E **entendendo** dom João que estes exemplos eram muito bons, fê-los escrever neste livro (...)”.

[entendendo que estes exemplos eram muito bons = porque entendia que estes exemplos eram muito bons].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 8, tradução e grifos nossos)

h) Função adverbial temporal:

(123) - “*ala exida de Bivar ovieron la corneia diestra / e **entrando** a Burgos ovieronla siniestra.*”.

“À saída de Bivar, viram o corvo à direita / e, **entrando** em Burgos, viram-no à esquerda.”.

[entrando em Burgos = quando entraram em Burgos].

(*Cantar de mio Cid*, apud BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 91, tradução e grifos nossos).

O castelhano antigo, assim como o português, dispunha e ainda dispõe do gerúndio composto para indicar uma relação anterioridade entre a oração subordinada e a sua principal: *aviendo cuidado* (“tendo pensado”). Nas primeiras atestações do castelhano, eram pouco frequentes as orações gerundiais regidas pela preposição *en*, que só chegaram a obter alguma frequência até o século XV: “*dixeles en respondendo*” (*Marquês de Santillana*, apud MAURER Jr., 1951, p. 207). Nos séculos posteriores, tais construções sintáticas voltaram a ser escassas e assim permanecem na fase hodierna do idioma (HANSSSEN, 1913; MAURER Jr., 1951).

i) Função adverbial condicional:

(124) – “*E, señor, **faziéndose** estas çinco cosas, serían todas las buenas obras e limosnas bien complidas.*”.

“E, senhor, **fazendo-se** estas cinco coisas, seriam todas as boas obras e esmolos bem compridas.”.

[fazendo-se estas cinco coisas = se se fizessem estas cinco coisas].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, tradução e grifos nossos).

j) Verbo principal de perífrase:

(125) - “*Acaesció una vez que el conde Lucanor estava **fablando** en su poridat con Patronio, su consegero (...)*”.

“Aconteceu uma vez que o conde Lucanor estava **falando** em sua pureza com Petrônio, seu conselheiro (...)”.

[aspecto verbal cursivo].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 4, tradução e grifos nossos).

(126) – “(...) *suelen traer estos omnes que andan **pidiendo** las limosnas andando en sus romerías* (...)”

“(...) soem trazer estes homens que andam **pedindo** as esmolos andando em suas romarias (...)”.

[aspecto verbal iterativo].

(*Don Juan Manuel, Conde Lucanor*, p. 7, tradução e grifos nossos).

O castelhano antigo, assim como o português, já dispunha de perífrases com verbos auxiliares diversos: *ser, estar, ir, andar, venir, etc.* (HANSSEN, 1913; ALONSO, 1962).

4.2 O gerúndio na România Oriental

4.2.1 Particularidades históricas da România Oriental

Se, por um lado, a continuidade da România Ocidental contribuiu para que os seus dialetos compartilhassem muitos traços linguísticos, por outro, a descontinuidade da România Oriental suscitou naturalmente o efeito contrário. Entre a atual Romênia, no Leste Europeu, e a Península Itálica, há uma área tingida de preto (ver **figura 2**, p.73) onde dialetos românicos outrora enraizados vieram a desaparecer devido à ação deletéria de invasores aloglotas, a exemplo do que ocorrera no norte da África e no sul da Bretanha, também tingidos de preto. Na antiga província romana da Dalmácia, cujo território abrangeria hoje a Croácia, a Bósnia-Herzegovina e Montenegro, surgiu a pouco atestada língua dalmática, que sofreu esmagadora pressão das línguas eslavas e veio a desaparecer cabalmente em 1898 quando seu suposto último falante, Antonio Udina, morreu (TAGLIAVINI, 1993). Embora Udina tenha morrido em época não tão recuada, o dalmático já vinha, há muitos séculos, sobrevivendo debilmente em alguns locais isolados da costa balcânica do Mar Adriático. Já o romeno, a despeito das impetuosas invasões

eslavas e do seu inevitável insulamento geográfico, conseguiu sobreviver conforme se verá adiante.

A região onde surgiu a língua romena – a Dácia – foi a última conquista territorial romana, concluída em 106 d.C. pelo imperador Trajano, quando este derrotou a Decébal, rei dos dácios (GOLDSWORTHY, 2016). Pouco tempo após o triunfo militar, grandes contingentes de romanos, oriundos de todas as partes do Império, foram mandados à nova província para habitá-la e cultivar seus campos, consoante o relato do historiador Eutrópio (BASSETTO, 2013). A romanização do local foi muito incisiva, de modo que ali, na margem esquerda do rio Danúbio, se enraizasse profundamente um reduto de latinidade, obliterando a influência do substrato daco-trácio¹⁴⁸ quase por completo.

Entretanto, a Dácia estava muito afastada dos centros políticos do Império e era frequentemente ameaçada pelos sármatas e pelos godos, de sorte que sua defesa fosse difícil e custosa ao estado. Por causa disso, o imperador Aureliano, em 271 d.C., deliberou o recuo das fronteiras romanas até a margem direita do rio Danúbio para que este servisse de barreira natural contra os invasores. Dessa forma, boa parte dos habitantes da província ter-se-ia retirado do local para encontrar refúgio em regiões mais seguras ao longo margem direita do rio, enquanto apenas uma parcela teria permanecido na própria Dácia. Ao cabo, da língua corrente falada entre os povos norte e sul-danubianos teria surgido o romeno (NICULESCU, 1983).

Rompidos os elos administrativos com o Império em 271 d.C., o dialeto latino da Dácia passou a viver sem a expressiva influência latinizante que a administração romana e, depois, a Igreja Católica irradiavam para o Ocidente românico, cujos dialetos mantiveram entre si contato ininterrupto ao longo da Idade Média e enriqueceram seu léxico com termos eruditos vindos do latim medieval. Inerme que estava a Dácia no século VI, não pôde a dispersa população romanizada conter o avanço dos eslavos, de cuja(s) língua(s) se formou a camada mais robusta do superestrato do romeno, nem tampouco pôde conter a posterior invasão dos húngaros, que se apoderaram da Transilvânia no século XI (NICULESCU, 1983). Nesse ínterim, houve também o influxo linguístico do grego medieval devido à autoridade da Igreja Bizantina, mas ele cessou assim que os recém-

¹⁴⁸ Segundo Alexandru Niculescu (1983), algumas dezenas ou centenas de palavras romenas provêm do substrato pré-românico. Contudo, a influência deste se limita ao nível lexical e a alguns morfemas.

constituídos principados locais adotaram o antigo eslavônico e o médio-búlgaro como línguas eclesiásticas por volta do século IX (BASSETTO, 2013). Bem mais tarde, no século XVI, houve o influxo da língua turca, devido à forte presença otomana nos Bálcãs.

As primeiras atestações do romeno são muito tardias, devido ao fato de que o antigo eslavônico foi a língua oficial do estado e da Igreja por muitos séculos na Valáquia e na Moldávia. O documento romeno mais antigo de que se tem notícia é uma carta em alfabeto cirílico datada de 1521, na qual um grão senhor boiardo comunica a um juiz uma incursão otomana pelo rio Danúbio (BASSETTO, 2013). Mais tardia ainda é a literatura romena, cujos nomes mais expoentes apareceram apenas no século XIX, durante o qual também se adotou o alfabeto latino e se incorporaram centenas de empréstimos provenientes do italiano e do francês, num afã de “relatinizar” o idioma.

O insulamento multissecular da Dácia teve sensíveis implicações linguísticas na formação do romeno. Antes de a relativa unidade do latim se romper, alguns traços morfossintáticos latinos já estavam fadados ao desaparecimento, e, diante da necessidade de substituí-los, o romeno, ou recorreu às mesmas inovações dos dialetos ocidentais, ou recorreu a inovações idiossincráticas (MAURER Jr., 1951). Por exemplo, o futuro do presente latino *cantabo* (“cantarei”) desapareceu por completo do mundo românico, e, no lugar dele, emergiram duas perífrases verbais distintas: no Ocidente, emergiu *cantare habeo*, donde vêm a forma portuguesa *cantarei*, a castelhana *cantaré*, a francesa *chanterai* e a italiana *canterò*; na Dácia, emergiu *volo cantare*, com o verbo *velle* (“querer”) anteposto ao infinitivo, donde vem a forma romena hodierna *voi cânta*. Em nível lexical, há fenômeno semelhante. A palavra latina *bellum* (“guerra”) desapareceu do mundo românico, e, para substituí-la, o Ocidente e a Dácia incorporaram termos oriundos dos respectivos superestratos: um incorporou o termo germânico¹⁴⁹ *werra* (> *guerra*) e o outro, o termo eslavo *război*.

Não obstante alguns de seus traços idiossincráticos, o romeno tem um papel precípuo na Filologia Românica. Como o idioma esteve isolado das outras línguas neolatinas por muito tempo e, como o latim não era a língua de cultura nos principados da Valáquia e da Moldávia, é lícito que dizer que o patrimônio latino do romeno provém quase inteiramente do latim popular (MAURER Jr., 1951). Destarte, ele pode ter um papel

¹⁴⁹ Segundo Schützeichel (1989), o termo *werra* teria vindo do alto-alemão antigo.

fortemente corroborativo no momento de apontar o caráter culto ou popular de determinada unidade linguística – fonema, morfema, lexema, *etc.* Assim, se um dado morfema latino aparece regularmente nas línguas românicas ocidentais, mas não aparece no romeno, é possível que ele seja um cultismo calcado no latim medieval; se um dado morfema aparece regularmente tanto nas línguas românicas ocidentais quanto no romeno, é muito provável que ele faça parte do patrimônio latino comum e primitivo. Contudo, antes de tirar conclusões precipitadas, é forçoso recordar que a língua romena passou por, pelo menos, duas “relatinizações” – uma no século XVIII e outra no século XIX –, durante e após as quais o idioma incorporou empréstimos do francês e do italiano (NICULESCU, 1983). Para minimizar os efeitos dessas “relatinizações”, que podem inclusive ter incidido sobre os empregos do gerúndio, é mais seguro e vantajoso recorrer a textos romenos antigos.

4.2.2 O gerúndio no romeno antigo

O gerúndio romeno tem uma trajetória muito intrigante. Antes dos influxos latinizantes já referidos na seção 4.2.1, já possuía a forma nominal tantas funções quanto possuía em qualquer dialeto românico ocidental¹⁵⁰, embora algumas delas tivessem baixa frequência. É ainda mais intrigante que parte das perífrases verbais de aspecto progressivo (*e.g. estou cantando*) tenha caído em desuso em séculos posteriores diante do contato crescente do romeno com as outras línguas neolatinas, nas quais essas perífrases costumam ter boa vitalidade. Vejam-se estes elucidativos excertos tirados de Dindelegan (2016):

a) Função atributiva:

(127) – “*un om întru un vas apă **purtând***”.

“um homem **portando** água num jarro”.

[portando = que porta].

(in DINDELEGAN, 2016, p. 286, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

¹⁵⁰ Maurer Jr. (1951) ventila a possibilidade de que ampliação de usos do gerúndio advenha de decalques de sentenças gregas.

Os gerúndios atributivos eram raros no romeno antigo e continuam raros na fase moderna do idioma (DINDELEGAN, 2016). Porém, como o excerto (127) é oriundo de um texto de 1560, é pouco provável tratar-se de galicismo.

b) Função predicativa após verbo de percepção:

(128) – “*Că și mii ca acestea văzură, nu numai de Hristosu, ce și de ucenicii lui ciude făcându-se*”.

“Porque viram milhares de milagres como estes **se fazendo** não apenas por Cristo, mas também por discípulos dele”.

[se fazendo = serem feitos].

(*ibidem*, 2016, p.272, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

Em (128), a sentença gerundial está na voz passiva sintética, que, no português hodierno, não costuma apresentar agente da passiva. A escolha por essa tradução portuguesa um pouco mais literal tem fins meramente heurísticos.

c) Função coordenativa aditiva:

(129) – “*era iuți și mânioși și neaducându-șu¹⁵¹ aminte de dumnezeescu daru*”.

“eram rápidos e bravos, não **trazendo** à memória (*i.e.* não se lembrando) a dádiva divina”.

[não trazendo = e não trazem ou traziam].

(*ibidem*, 2016, p.284, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

d) Função adverbial modal:

(130) – “*pre Domnul ispitise aceasta dzicând*”.

“Ao Senhor tentara **dizendo** isto”.

(*ibidem*, p. 284, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

¹⁵¹ As formas negativas do gerúndio e do particípio em romeno se constroem por prefixação, logo: *cantând* (“cantando”) e *necantând* (“não cantando”).

e) Função adverbial concessiva:

(131) – “*Nici morții văzându sculați nu crezură*”.

“Nem **vendo** os mortos de pé, não creram”.

[nem vendo = embora vissem].

(*ibidem*, p. 276, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

f) Função adverbial final:

(132) – “*heruvimii arepile-și sus să le întindză acoperind cu arepile sale scaunul milosteei*”.

“os querubins as asas para o alto estendam **cobrindo** com suas asas o trono da misericórdia”.

[cobrindo = para cobrir].

(*ibidem*, p. 284, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

g) Função adverbial causal:

(133) – “*i-a<m> vândut parte me dă moșie totă dă Boteni [...] pântru findu cuparatu dumnelui mai nainte dă la a<l>ți moșteni dă Boteni*”.

“vendi-lhe minha parte de toda a terra de Boteni, por **ter** ele comprado bem antes de outros donos de Boteni”.

(*ibidem*, p. 275, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

Em (133), o gerúndio composto tem em sua estrutura o auxiliar *findu* (> *fiind*, do verbo *a fi*, “ser” ou “estar”) e o particípio passado *cuparatu*. Não coube o uso do gerúndio na tradução portuguesa porque a forma nominal rejeita a preposição *por*. De qualquer forma, o romeno antigo também admitia orações causais sem preposição (DINDELEGAN, 2016).

h) Função adverbial temporal:

(134) – “*E Pavel vruindu se între întru gloată, nu-l lăsară elu*”.

“E **querendo** Pavel entrar no meio da multidão, não o deixaram.”

[querendo Pavel = quando queria Pavel].

(*ibidem*, p. 272, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

Dindelegan (2016) afirma que a oração gerundial do excerto (134) é temporal, mas parece ser possível interpretá-la também como concessiva nesse recorte.

i) Função adverbial condicional:

(135) – “*trupulu să omorâmu și, **omorându-se**, în loculu cela bunulu veseli-ne-vămu*”.

“matemos o corpo e, **matando-se**, vamos nos regozijar no bom lugar”.

[matando-se = se se matar = se for morto].

(*ibidem*, p. 272, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

j) Verbo principal de perífrases:

(136) – “*le **era cautând** ochii spre El*”.

“os olhos **estavam procurando** por Ele”.

[aspecto verbal imperfectivo].

(*ibidem*, p. 278, tradução nossa, baseada na da autora, grifos nossos).

As perífrases verbais progressivas, a exemplo de (136), eram pouco frequentes no romeno antigo e, no fim do século XVII, a maioria delas veio a desaparecer. No romeno moderno, tais perífrases sobreviveram em alguns poucos tempos verbais, como no presente progressivo do modo presuntivo: *o fi imaginând* (“deve estar imaginando”) (COJOCARU, 2003).

4.3 A aplicação do método histórico-comparativo

A aplicação do método histórico-comparativo tem ambições muito modestas aqui nesta dissertação, pois seria decerto muito disparatado tentar reconstruir sentenças inteiras em protorromance. A meta aqui é tão somente fazer um levantamento dos empregos gerundiais na fase antiga de cada língua neolatina majoritária para tentar reconstruir indutivamente os empregos protorromânicos. A confiabilidade dos produtos hipotéticos aqui obtidos está sujeita não só às limitações do próprio método histórico-comparativo,

descritas na seção 1.2, como também a certas particularidades históricas da România Ocidental que possam deturpar os resultados, conforme os apontamentos da seção 4.1.1. Feitos esses comentários preliminares, veja-se a tabela sinótica:

Tabela 4 – Os empregos do gerúndio nas fases arcaicas das línguas românicas

Empregos do gerúndio	
Português	atributivo, predicativo, predicativo após verbo de percepção, coordenativo aditivo, modal, concessivo, final, causal, temporal, condicional, verbo principal de perífrase
Francês	atributivo, nominal, temporal, modal, forma oblíqua de infinitivo, verbo principal de perífrase
Italiano	atributivo, predicativo, coordenativo aditivo, modal, concessivo, final, causal, temporal, condicional, verbo principal de perífrase
Castelhano	predicativo, predicativo após verbo de percepção, coordenativo aditivo, modal, concessivo, final, causal, temporal, condicional, verbo principal de perífrase
Romeno	atributivo, predicativo após verbo de percepção, coordenativo aditivo, modal, concessivo, final, causal, temporal, condicional, verbo principal de perífrase

A tabela demonstra que todas as línguas neolatinas majoritárias possuíam, nas respectivas fases arcaicas, os seguintes empregos gerundiais: temporal, modal e verbo principal de perífrase. Em cotejo com os seus correspondentes românicos, o gerúndio francês é o que exerce menos funções porque estas, muitas vezes, eram e ainda são exercidas pelo particípio presente (CAMPOS, 1980). As outras quatro línguas compartilham os seguintes empregos: coordenativo aditivo, modal, concessivo, final, causal, temporal, condicional e verbo principal de perífrase. No italiano antigo, inexistiam perífrases gerundiais com o verbo auxiliar *essere*, que surgiram em época posterior (SQUARTINI, 2010). Por fim, não se encontraram ocorrências de gerúndio atributivo em castelhano antigo, mas é provável que as houvesse nessa fase da língua, ainda que em frequência baixa.

Portanto, feitas as inúmeras ressalvas acerca do contato linguístico, do latim medieval e das evoluções em paralelo é possível conjecturar que o gerúndio protorromânico tenha estas funções: atributiva, predicativa após verbo de percepção, coordenativa aditiva, modal, concessiva, final, causal, temporal e condicional. O papel corroborativo do romeno reforça esses resultados, embora não os torne peremptórios, e demonstra que a expansão funcional do gerúndio ablativo ocorreu antes de a unidade relativa do latim se romper, haja vista a considerável identidade de usos nas duas partes da România.

5. UMA PROPOSTA DE NARRATIVA DIACRÔNICA: certezas e incertezas

O uso sinérgico dos dois métodos e o respaldo teórico em autores renomados fornecem bases suficientes para a elaboração de uma narrativa diacrônica acerca do gerúndio e do drástico rearranjo por que passaram as formas nominais latinas. A história do gerúndio está intimamente ligada à do particípio presente, na medida em que ele incorporou muitas funções participiais e adquiriu notável vitalidade no orbe românico. Destarte, narrar a história de um implica narrar a história do outro.

Esta narrativa já começa envolta em duas incertezas, uma de caráter mais específico e outra de caráter mais geral: 1) o particípio presente já gozou alguma vez de vitalidade no latim popular? 2) Em que medida a plebe romana recorria à subordinação? Para Marouzeau (1910), o particípio presente – tal como o descrevem as gramáticas de latim clássico – nunca fez parte do latim popular, de forma que não haja quase nenhum vestígio dele no romeno, por exemplo. Altmann (1966) analisa os empregos da forma nominal no *Anfitrião* de Plauto, datado do século III a.C., e constata que o particípio presente ainda não gozava à época da sua vitalidade típica dos textos clássicos, quando então se desenvolveu e deixou de ser um mero adjetivo de pouca força verbal. Tratar-se-ia, pois, de um desenvolvimento estritamente literário? Tal questionamento remete a outro ainda mais abrangente: em que medida a plebe romana recorria à subordinação? Maurer Jr. (1959) afirma que o povo tinha clara preferência pela coordenação (parataxe), cujas orações justapostas e, muitas vezes, assindéticas requeriam obviamente menos elaboração dos seus utentes pouco instruídos. De fato, não só os textos latinos de autores menos ilustrados, como também os primeiros textos românicos dão evidências empíricas da preponderância da coordenação sobre a subordinação. Outro robusto argumento a favor dessas assertivas concerne ao fato de que as

línguas românicas herdaram pouquíssimas conjunções subordinativas latinas, cujo parco uso teria suscitado naturalmente seu desaparecimento. O ablativo absoluto, em cuja estrutura figurava o particípio passado ou o particípio presente, formava orações subordinadas circunstâncias de uso culto (BASSETTO, 2013).

Não há como apontar se essas construções participiais cultas chegaram a penetrar na fala das camadas populares, ainda que temporariamente, mas é inegável que o particípio presente e o gerúndio já travavam uma disputa desde as primeiras fases literárias do latim. Altmann (1966) aponta semelhanças funcionais entre ambos no *Anfitrião* de Plauto, enquanto Campos (1980) as aponta nos *Annales* de Tácito: *assurgens et populando*. Sherlock (1947) aponta o que seriam as primeiras expansões de uso do gerúndio:

The instrumental use of this ablative is current through all Latinity, from the earliest period to the Middle Ages. Often the construction corresponds to an ablative of cause, and with words denoting superiority it appears in the sense of an ablative of specification. Only since Livy does its use clearly approximate that of an ablative of time. In Ovid a passage is found equal to a *si* clause, and Tertullian uses it in concessive propositions. Late Latin retains the instrumental meaning, though the modal use tends to become predominant. In Plautus and Terence nearly all the gerunds in *-ndo* have an instrumental meaning, while in an author such as Cyprian over seventy-five per cent of the uses have modal value¹⁵². (SHERLOCK, 1947, p. 34).

Nos textos da *Antología del Latín Vulgar*, de Díaz y Díaz (1962), o uso seletivo do particípio presente e do gerúndio, não obstante as tendências descritas por Sherlock (1947), está mais próximo dos modelos clássicos do que dos usos românicos. Nas *Glosas Emilianenses* e nas *Glosas Silenses*, a julgar pelo número de vezes em que o particípio presente foi glosado pelos hermenêutas medievais, fica claro que ele não compunha o quadro de formas nominais dos dialetos ibero-românicos. Nos documentos privados coligidos por Pidal (1950) e nos documentos de Tojos Outos somados, o gerúndio aparece empregado razoáveis vezes em funções outrora quase exclusivas ao particípio presente: coordenativa aditiva, além das adverbiais final, causal e temporal.

¹⁵² Tradução nossa: “O uso instrumental deste ablativo (do gerúndio) é corrente ao longo de toda a Latindade, desde o mais antigo período até a Idade Média. Com frequência, a construção corresponde a um ablativo de causa, e, com palavras denotando superioridade, ele aparece no sentido de um ablativo de especificação. Só a partir de Lívio é que o seu uso se aproxima claramente daquele de um ablativo de tempo. Em Ovídio, encontra-se uma passagem igual a uma oração *se* (i.e. uma oração condicional), e Tertuliano o usa em proposições concessivas. O latim tardio mantém o significado instrumental, embora o uso modal tenda a tornar-se predominante. Em Plauto e Terêncio, quase todos os gerúndios em *-ndo* têm um significado instrumental, enquanto, num autor como Cipriano, mais de setenta e cinco por cento dos usos têm valor modal.”.

Os textos portugueses arcaicos, tanto na poesia, quanto na prosa, ilustram um panorama oposto ao do latim. Nas 150 cantigas de escárnio e de maldizer e no *Flos Sanctorum*, os empregos do gerúndio são quase tão versáteis e abundantes quanto no português hodierno¹⁵³, ao passo que o particípio presente, cuja débil existência à época se deve antes a um latinismo, ocorre uma única vez nos materiais pesquisados. Logo nos primeiros séculos de tradição escrita portuguesa, o gerúndio podia exercer função adjetiva, predicativa, coordenativa, funções circunstanciais diversas e podia formar um bom número de perífrases verbais. À exceção do francês, cujo gerúndio se manteve em disputa com o particípio presente, as outras línguas românicas majoritárias apresentaram um panorama de empregos gerundiais muito parecido com o do português arcaico.

O famigerado gerúndio atributivo, cujo uso é rechaçado por muitos gramáticos portugueses e espanhóis, já aparece esporádicas vezes em autores latinos tardios. No célebre *Itinerarium Egeriae*, redigido por volta do fim do século IV pela monja Egéria, Martins (2017) aponta uma ocorrência de gerúndio atributivo: “...*omnes in ipso fonte baptizarentur, sic redirent mature ad candelas cum clericis et monachis **dicendo** psalmos vel antiphonas...*” (“... todos eram batizados nessa fonte, assim voltavam cedo, à luz de velas, com os clérigos e os monges, **recitando** salmos ou antífonas...”, tradução da autora). No caso em tela, *recitando* equivale a uma oração relativa: *que recitavam*. Lausberg (1981) apresenta outra ocorrência, mas não indica fonte ou autor: *angeli **canendo** eum deferunt in excelsum* (“anjos **cantando** levam-no à excelsitude”, tradução e grifos nossos). Nas fases arcaicas do português, do italiano e do romeno, há também ocorrências esporádicas de gerúndio atributivo, o que por si só já torna, ao menos, questionável a postura refratária que gramáticos ibéricos adotam contra essa construção, alegando galicismo. Apesar dos possíveis decalques sintáticos do particípio presente francês em épocas posteriores, que podem ter dado mais vitalidade ao gerúndio atributivo, parece não fazer sentido negar a este o *status* de construção vernácula.

O gerúndio predicativo após verbo de percepção, à semelhança do gerúndio atributivo, aparece esporádicas vezes entre os autores tardios. Maurer Jr. (1959) cita uma ocorrência num trecho retirado da versão latina da *Ascensão de Isaías*, apócrifo do Antigo

¹⁵³ Convém lembrar que a perífrase gerundial composta por *ir* + *estar* + gerúndio (e.g. *vou estar fazendo*), que muitos gramáticos condenam alegando tratar-se de gerundismo, não apareceu nem nas 150 cantigas, nem no *Flos Sanctorum*.

Testamento: *audivi magna gloria* (acus.) ***precipiendo***¹⁵⁴ *domino meo* (“Eu ouvi a grande glória **ordenando** ao meu senhor”, tradução e grifos nossos). Aqui, naturalmente, poder-se-ia esperar o particípio presente, segundo os modelos clássicos: *Audivi magnam gloriam praecipientem domino meo*. No extenso levantamento de empregos gerundiais feito para a aplicação do método histórico-comparativo, verificou-se que tal construção já tinha alguma vitalidade na fase arcaica das línguas neolatinas majoritárias. Densușianu (1961) assim o corrobora:

Participiul prezent, puțin câte puțin, din vitalitatea sa ca formă verbală, și fusese înlocuit de gerundiv (comp. dr. *soarele răsărind* = * *sole resaliendo*; fr. *soleil levant* = * *sole levando*). Vulgata ne oferă câteva exemple cu construcția care se află la baza limbilor romanice: *multa vidi errando*¹⁵⁵ (...). (DENSUȘIANU, 1961, p. 124).

O latim, formalmente, não dispunha de perífrases gerundiais de aspecto progressivo, cujas formas românicas, segundo Densușianu (1961), surgiram embrionária e remotamente com o particípio presente latino:

Esse cu participiul prezent forma și el construcții perifrastice. Câteva exemple de acest fel găsim în latina clasică: *nox erat incipiens*, Ovidiu (*Her.*, 18, 55), dar ele trebuie să fi fost frecvente mai ales în latina vulgară. Autorii creștini le întrebunțează adesea: *fueris laborans*, *fuit serviens*, *eris ardens*, Lucifer de Cagliari, 9, 16; 139, 26; 188, 17. Aceste forme se găsesc la baza construcțiilor vechi românești *eram*, *am fost cîntînd*, cu deosebirea că participiul prezent a fost înlocuit aici prin gerundiv.¹⁵⁶ (DENSUȘIANU, 1961, p. 125).

Nas fases arcaicas das línguas românicas, é digna de nota a existência de gerúndios preposicionados. A preposição *em* (< *in*) e suas cognatas neolatinas podiam e ainda podem combinar-se ao gerúndio para formar orações temporais reduzidas, a exemplo desta estrutura no excerto (86): “Onde lhy aveo que **em comendo**-as cofondeu-xi-lhi o estamago e começou d’enfraquecer e d’enfermar e leyxou de colher as ervas.” (MACHADO FILHO, 2009, p. 106). Tal arranjo sintático era muito comum no latim medieval, sobretudo nos

¹⁵⁴ *precipiendo* = *praecipiendo*.

¹⁵⁵ Tradução nossa: “O particípio presente, pouco a pouco, de sua vitalidade como forma verbal fora substituído pelo gerúndio (compare-se daco-romeno *soarele răsărind* = * *sole resaliendo*; francês *soleil levant* = * *sole levando*) (i.e. “sol levantando”, “sol nascente”). A Vulgata nos oferece alguns exemplos com a construção que se acha na base das línguas românicas: *multa vidi errando*”.

¹⁵⁶ Tradução nossa: “*Esse* com particípio presente formava também construções perifrásticas. Alguns exemplos desse tipo encontramos no latim clássico: *nox erat incipiens* (i.e. ‘a noite estava começando’), Ovidiu (*Her.*, 18, 55), mas eles devem ter sido mais frequentemente usados no latim vulgar. Os autores cristãos os empregam assim: *fueris laborans*, *fuit serviens*, *eris ardens* (i.e. ‘tenhas estado trabalhando, esteve servindo, estarás ardendo’), Lucifer de Cagliari, 9, 16; 139, 26; 188, 17. Essas formas se encontram na base das construções romenas antigas *eram*, *am fost cîntînd* (i.e. ‘estávamos, estivemos cantando’), com a diferença de que o particípio presente foi substituído aqui pelo gerúndio.”.

textos eclesiásticos, e ganhou mais vitalidade no francês, em que ele é utilizado para formar orações circunstanciais mais diversificadas: *en mangeant, en chantant, etc.* (MAURER Jr., 1951). A sua transmissão, portanto, deve ter-se dado por via erudita. Na fase arcaica do português, a preposição *sem* podia combinar-se amiúde com o gerúndio para formar orações modais, embora não tenham sido detectadas ocorrências dessa combinação nos *corpora*: “E possa em ella morar... **sem** por ella **pagando** pensom alguma” [sem pagando = sem pagar] (*Ordenações de D. Afonso 4, tit. 74, apud SAID ALI, 1964, grifos nossos*). Nesses casos, Maurer Jr. (1959) afirma tratar-se de um decalque sintático de sentenças latinas compostas por preposição e gerúndio ablativo (e.g. *sine faciendo*), e não de um improvável resquício da antiga morfologia de caso. Os gerúndios românicos antecidos da preposição *com* e suas cognatas também constituem latinismos.

Para Maurer Jr. (1951), é difícil avaliar se essa expansão de usos do gerúndio, à custa do particípio presente, é um fenômeno cuja transmissão se deu exclusivamente por via popular ou se eruditos teriam contribuído sobremaneira para esse processo, ao utilizar orações gerundiais vernáculas para traduzir ou adaptar orações participiais latinas. Afinal de contas, tais construções subordinativas, sobretudo as absolutivas e as preposicionadas, têm caráter culto. Infelizmente, não há como dimensionar essa provável participação dos eruditos, porém a ampla identidade de usos gerundiais nos dois lados da România, segundo as evidências aduzidas durante a aplicação do método histórico-comparativo e segundo alguns autores consultados ao longo deste trabalho, dá bons indícios de que a substituição do particípio presente pelo gerúndio é um fenômeno de transmissão predominantemente popular.

Do latim às línguas românicas, houve um drástico rearranjo no quadro de formas nominais: o infinitivo era uma espécie de nominativo dos verbos, e os quatro gerúndios – genitivo, dativo, ablativo e acusativo – eram as suas formas oblíquas, mas, ao cabo, sobreviveu apenas a forma ablativa. O desmanche desse quadro de flexões é análogo ao desaparecimento dos casos latinos, após o qual sobreviveu apenas o acusativo (CÂMARA Jr., 1976). O gerúndio genitivo, à semelhança do que ocorreu com os nomes, foi substituído pela combinação da preposição *de* com o infinitivo: *ars amandi* (“a arte de amar”). O gerúndio dativo, cuja vitalidade era baixa inclusive entre os clássicos, foi substituído pela combinação da preposição *para* com o infinitivo: *non esse dissolvendo* (“não ser para

dissolver”). O gerúndio acusativo, que se usava muitas vezes em orações finais, foi substituído por semelhante combinação: *ad amandum* (“para amar”). Assim, o infinitivo, que outrora não poderia ser preposicionado por causa das exigências gramaticais da morfologia de caso, passou a ser um substantivo verbal indeclinável em todo o orbe românico. Maurer Jr. (1959) indica um exemplo de infinitivo preposicionado na *Vetus Latina*: “*carnem ad manducare*” (i.e. “carne para comer” ou “para comer a carne”). Aqui se esperaria o gerúndio *ad manducandam* ou o gerúndio acusativo *ad manducandum* no lugar de *ad manducare*. Nas *Glosas Emilianenses*, mais precisamente na glosa 70, há um infinitivo regido pela preposição *por*: “... *hoc implere dissimulant* ⁷⁰[*tardarfan por jnplire*]” (i.e. “descuidam-se de cumpri-lo”, in PIDAL, 1950, p. 6, tradução e grifos nossos). Neste último excerto, a oração infinitiva desempenha o papel de complemento verbal, conforme o original latino e a própria tradução portuguesa o demonstram.

O gerúndio ablativo não só sobreviveu ao drástico rearranjo de formas nominais, mantendo suas funções de outrora, como também incorporou as funções do particípio presente. Devido a essa diversificação nos seus empregos, não faz sentido encarar o gerúndio românico como forma oblíqua do infinitivo, uma vez que este pode exercer várias funções sintáticas e vir antecedido de várias preposições. As duas formas nominais passaram a seguir rumos próprios e independentes.

Por derradeiro, cumpre aqui tecer algumas considerações sobre a época na qual o gerúndio teria enfim sobrepujado o particípio presente e incorporado as funções deste. A *Antología del Latín Vulgar*, como é sabido, traz um copioso e diversificado número de orações participiais em textos da Antiguidade Tardia e da Baixa Idade Média, mas é pouco provável que o particípio presente tenha sobrevivido por tanto tempo na língua oral. Altmann (1966) propõe que ele tenha declinado no século II d.C., ou seja, antes de Roma deliberar o abandono da Dácia em 271 d.C. – o que justificaria a total ausência dessa forma nominal em romeno – e, portanto, bem antes do ocaso do Império Romano do Ocidente em 476. As observações de Sherlock (1947) transcritas nas páginas anteriores, segundo as quais o gerúndio ablativo poderia às vezes exercer mais de uma função adverbial entre autores latinos clássicos e tardios, vão ao encontro dessa proposição de Altmann (1966). Como tais funções adverbiais eram quase sempre exercidas pelo particípio presente nos textos cultos, a eventual opção dos escritores pelo gerúndio ablativo nesses contextos

sintáticos seria, pois, um indício material do processo de substituição de uma forma nominal pela outra, devido aos influxos do latim popular.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Martín. **Evolución sintáctica del español**. Madrid: Aguilar, 1962.

ALTMANN, Odette G. L (1966). **O Particípio Presente e o Gerúndio no “Anfitrião” de Plauto**. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3273/3000>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1987.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: História Externa das Línguas Românicas**, vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas**, vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe Clássica Portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPBELL, Lyle (2000). **Historical Linguistics: an introduction**. Studies in Second Language Acquisition 22(2):289-290. DOI: 10.1017/S0272263100292061.

CAMPOS, Odette A. de Souza. **O gerúndio no português: estudo histórico-descritivo**. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do português brasileiro**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, Célia Moraes de. **Fundamentos sintáticos do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2013.

CLIMENT, Mariano Bassols de. **Sintaxis Latina I**. Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas, 1956, vol. 1.

COJOCARU, Dana. **Romanian Grammar**. United States: SEERLRC, Duke University, 2003. Disponível em: < www.seelrc.org:8080/grammar/pdf/compgrammar_romanian.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

COLEMAN, R. G. **Vulgar Latin and Proto-Romance**: Minding the Gap. Cambridge: 1993. Disponível em: <prudentia.auckland.ac.nz/index.php/prudentia/article/.../791>. Acesso em: 18 de janeiro de 2018.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DENSUȘIANU, Ovid. **Istoria Limbii Romîne, vol. 1**. Editura Științifică: București, 1961.

DIAS, Epiphania da Silva. **Syntaxe Histórica Portuguesa**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970.

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. **Antología del Latín Vulgar**. Madrid: Editorial Gredos, 1962.

DINDELEGAN, Gabriela Pană. **The syntax of old romanian**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

EGERLAND, Verner. **Fraasi subordinate al gerundio**. In: SALVI, Giampaolo; RENZI, Lorenzo. **Grammatica dell'italiano antico**. vol. 2. Bologna: Società editrice il Mulino, 2010.

EINHORN, E. **Old French: a concise handbook**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ERNOUT, A. **Morphologie historique du latin**. Paris: Klincksieck, 1953.

ERNOUT; MEILLET. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Paris: Klincksieck, 2001.

ERNST, Gerhard et al. **Romanische Sprachgeschichte. Histoire linguistique de la Romania**. Walter de Gruyter: Berlin, 2003.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FOX, Anthony. **Linguistic Reconstruction**: An introduction to theory and method. New York: Oxford University Press, 1995, 389 p.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin Français**. Paris: Gérard Gréco, 2016.

GOLDSWORTHY, Adrian. **Generais Romanos**. 5ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2016.

HANSEN, Federico. **Gramática histórica de la lengua castellana**. Max Niemeyer, 1913.

HAUY, Amini Boainain. **Gramática da Língua Portuguesa Padrão**. : Com Comentários e Exenplários. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

HUBER, Joseph. **Gramática do Português Antigo**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbekian, 1986.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2ª ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

JENSEN, F. **Old french and gallo-romance syntax**. Michigan: M. Niemeyer, 1990.

LAUSBERG, Heinrich. **Linguística Românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1981.

LOPES, G. Videira. **Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses**. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Introdução, texto crítico, tradução e notas de Maria Cristina Martins. Salvador: EDUFBA, 2013. 533 p.

_____. **Um Flos Sanctorum trecentista em português**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

MAROUZEAU, J. **L'emploi du participe présent latin a l'époque républicaine**. Paris: Librairie Ancienne H. Champion Éditeur, 1910.

MARTINS, Maria Cristina. **Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos lugares santos**. Uberlândia: EDUFU, 2017.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Cancioneiros medievais galego-portugueses**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. **A Unidade da România Ocidental**. São Paulo: Indústria Gráfica José Magalhães Ltda, 1951.

_____. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

_____. **O problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MEYER-LÜBKE. **Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft**. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1920

NICULESCU, Alexandru. **História Breve da Língua Romena**. Rio de Janeiro: Presença Edições; [São Paulo]: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983.

NYROP, Kristoffer. **Grammaire historique de la langue française**. vol. 2. Copenhague: Gyldondalske boghandel, 1924.

_____. **Grammaire historique de la langue française**. vol. 6. Copenhague: Gyldondalske boghandel, 1908.

PÉREZ RODRÍGUEZ, Francisco Javier. **Os documentos do tombo de Toxos Outos**. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2004.

PIDAL, Menéndez. **Manual de Gramática Histórica Española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.

_____. **Orígenes del Español**. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.

_____. **Primera Crónica General de España**. Madrid: Bailly-bailliere e hijos, 1906.

PHILLIPS Jr., William D. **História Concisa da Espanha**. São Paulo: EDIPRO, 2015.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SCHÜTZEICHEL, Rudolf. **Althochdeutsches Wörterbuch**. 4. überarbeitete und ergänzte Auflage. Tübingen: Max Niemeyer, 1989.

SHERLOCK, Richard Bartholomew. **The syntax of the nominal forms of the verb, exclusive of the participle**. Washington: The Catholic University of America, 1947.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à edótica: crítica textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SQUARTINI, Mario. **Il verbo**. In: SALVI, Giampaolo; RENZI, Lorenzo. **Grammatica dell'italiano antico**. vol. 1. Bologna: Società editrice il Mulino, 2010.

STIMMING, Albert. **Verwendung des Gerundiums und des Participiums Praesentis im Altfranzösischen**. In: **Zeitschrift für Romanische Philologie**, vol X. Max Niemeyer, 1886.

TAGLIAVINI, Carlo. **Orígenes de las lenguas neolatinas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

VARGENS, João Baptista M. **Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia**. Rio Bonito, RJ: Almadena, 2007.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de Filologia Portuguesa**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. (sem data).

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WARTBURG, Walther von. **Fragmentación lingüística de la Romania**. Madrid: Gredos, 1952.